



**Universidade de  
Aveiro  
2016**

Departamento de Comunicação e Arte

**Nídia Isabel  
Gonçalves de  
Mesquita Spranger**

**Motivações para o uso dos *media* digitais em  
contexto de sala de aula**





**Universidade  
de Aveiro  
2016**

Departamento de Comunicação e Arte

**Nídia Isabel  
Gonçalves de  
Mesquita Spranger**

**Motivações para o uso dos *media* digitais em  
contexto de sala de aula.**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Comunicação Multimédia, realizada sob a orientação científica do Doutor Luís Francisco Mendes Gabriel Pedro, Professor Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro e da Doutora Ana Rita Costa Bonifácio Selores dos Santos, Assistente da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda da Universidade de Aveiro



Dedico este trabalho ao meu avô Tomás, ao meu pai e ao meu irmão.  
O papel que cada um teve foi crucial para que eu tenha atingido todos os meus objetivos.



**o júri**

**presidente**

**Prof. Doutor Carlos Manuel das Neves Santos**

Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutor Luís Francisco Mendes Gabriel Pedro**

Professor Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

**Prof<sup>a</sup>. Doutora Nídia Salomé Nina de Moraes**

Professora Adjunta do Instituto Politécnico de Viseu





## **agradecimentos**

No percorrer da minha dissertação são várias as pessoas a quem quero agradecer, pois sem as mesmas não teria chegado à conclusão de um objetivo tão importante da minha vida.

Primeiramente, agradeço aos meus Orientadores, ao Professor Luís Pedro e à Professora Rita Santos, pela vossa disponibilidade, apoio, orientação e persistência que foram cruciais neste percurso.

Agradeço a disponibilidade e colaboração de todos os docentes e estudantes que participaram no estudo realizado nesta dissertação.

Agradeço especialmente à minha mãe que sempre acreditou em mim, à minha avó pelo seu carinho especial e ternurento e à minha tia por nunca duvidar que consigo sempre chegar mais longe.

Faço um especial agradecimento ao André e à Andreia por terem sempre acreditado que atingiria os meus objetivos e por nunca terem desistido de mim.

Agradeço aos meus “pais adotivos”, Sónia e Odino. As vossas lições fizeram-me crescer desde que esta aventura começou.

Aos meus queridos amigos, Jéssica e Rui, pelo vosso amor incondicional a qualquer momento, mesmo com a realidade de 1000 km de distância, foram determinantes para que eu me superasse.

Ao Ricardo, pelo nosso amor, pela nossa história e pelo apoio. A nossa aventura começa agora.

Agradeço ao meu avô Tomás, que em forma de estrelinha acredito estar orgulhoso, e ao meu pai, que apesar de ter partido cedo demais, deixou-me em boas mãos.

Um imenso obrigado ao meu pequenino Tomás, que ainda sem se aperceber, consegue contagiar-me com a sua alegria, e a todos os meus amigos que sabem o quanto são importantes na minha vida.

Obrigada!



**palavras-chave**

*Media* digitais, dispositivos móveis, redes sociais, *multitask*, sala de aula, motivações.

**resumo**

Os dispositivos móveis e a Internet tornaram-se importantes no quotidiano dos jovens e a comunicação via media sociais tornou-se também comum entre este grupo.

O uso dos media digitais em contexto de sala de aula poderá ter um impacto positivo ou negativo em contexto de aprendizagem, na medida que se o uso não for moderado poderá levar a muitas distrações por parte dos estudantes. Assim, de modo a compreender as motivações subjacentes ao uso dos media digitais em contexto de sala de aula por dois grupos de estudantes do Ensino Superior, da área científica das Ciências e Tecnologias da Comunicação, realizámos observações participantes para que pudéssemos verificar o comportamento natural dos estudantes em estudo e, posteriormente, realizámos entrevistas, com vista a explorar e verificar se estes jovens fazem um uso consciente e esclarecido dos media digitais.

Os resultados permitiram corroborar com a ideia de que os estudantes acedem às redes sociais como meio de comunicação e por sentirem uma grande necessidade de estarem presentes nos media sociais. Inclusivamente, verificou-se que a partilha de determinados conteúdos através das diferentes redes sociais estão também presentes no quotidiano destes estudantes, uma vez que recorrem ao uso dos media digitais com a finalidade de se entreter durante as aulas. Assim, do nosso ponto de vista, torna-se importante educar os estudantes para que façam um uso conhecido e esclarecido dos media.



**keywords**

Digital media, mobile devices, social media, multitask, classroom, motivations.

**abstract**

Mobile devices and the Internet have taken important roles in the daily lives of young people and communication via social media has also become common among this group.

The use of digital media inside the classroom context may have a positive or negative impact on the learning procedure, and if the usage is not moderate, it may lead to many distractions. Therefore, in order to understand the motivations underlying the use of digital media in the classroom context by two groups of university students from the scientific area of Sciences and Technologies of Communication, we made participant observations so that we could verify the natural behaviour of these students and subsequently conducted interviews with a view to exploring and verifying whether these young people make conscious and informed use of digital media.

The results allowed us to corroborate with the idea that the students access social networks as a mean of communication and because they feel a great necessity to be present in social media. It has also been found that the sharing of certain content through different social networks are also present in the daily life of these students, since they use digital media in order to keep them entertained during the lectures. Thus, from our point of view, it becomes important to educate students so that they are able to make an informed use of media.



Índice .....	i
Índice de figuras .....	iv
Índice de tabelas .....	iv
Índice de gráficos .....	v
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO .....	1
1.1 Caraterização do problema de investigação .....	1
1.2 Pertinência da investigação.....	2
1.3 Questão de investigação .....	3
1.4 Finalidades e objetivos .....	3
1.5 Estrutura da dissertação.....	4
CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	7
2.1 Dispositivos e media digitais .....	7
2.1.1 Evolução dos dispositivos de comunicação e tendências atuais .....	7
2.1.2 Media digitais .....	10
2.1.2.1 Gerações de utilizadores de media digitais.....	11
2.1.2.2 Importância da comunicação textual .....	12
2.1.2.3 Media sociais .....	13
2.1.2.4 Atividades com os media digitais .....	15
2.2 Aspetos relacionados com o uso dos media digitais em contexto de sala de aula .....	19
2.2.1 Notificações e interrupções .....	19
2.2.2 Multitask.....	22
2.2.3 Literacia mediática – Educação para os media .....	23
CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	27
3.1 Natureza do estudo e escolhas metodológicas.....	27
3.1.1 Observação dos estudantes em estudo .....	28
3.1.1.1 Análise crítica à técnica de observação utilizada .....	31
3.1.2 Entrevistas aos estudantes em estudo .....	32
3.1.2.1 Análise crítica à técnica de inquérito por entrevista utilizada .....	35
3.1.3 Entrevistas aos docentes do estudo .....	36

CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS .....	39
4.1 Procedimentos da análise dos dados qualitativos .....	40
4.2 Apresentação dos resultados obtidos nas entrevistas dos estudantes .....	42
4.2.1 Dados gerais dos estudantes e respetiva utilização dos dispositivos fora da sala de aula. ....	42
4.2.2 Utilização dos dispositivos em contexto de sala de aula .....	45
4.2.2.1 Dispositivos utilizados em contexto de sala de aula .....	47
4.2.2.2 Conteúdos acedidos em contexto de sala de aula .....	50
4.2.2.3 Influência da tipologia da sala de aula e do lugar em que o estudante se senta na utilização de dispositivos móveis.....	58
4.2.2.4 Influência do docente na utilização de dispositivos móveis na sala de aula .....	62
4.2.2.5 Outras considerações relacionadas com os conteúdos acedidos através dos dispositivos em contexto de sala de aula .....	66
4.2.3 Motivos gerais de utilização dos dispositivos em contexto de sala de aula ....	68
4.2.3.1 Falta de interesse na aula e/ou na matéria.....	69
4.2.3.2 Estar ligado e/ou atualizado.....	70
4.2.3.3 Necessidade.....	71
4.2.3.4 Distração.....	72
4.2.3.5 Comunicação .....	73
4.2.3.6 Hábito e rotina .....	74
4.2.3.7 Auxílio à aula/pesquisas .....	75
4.2.3.8 Entretenimento .....	75
4.2.3.9 Partilha e acesso a conteúdos .....	76
4.2.3.10 Para realizar trabalhos.....	76
4.2.3.11 Motivação de utilização dos media digitais em contexto de sala de aula: síntese	77
4.2.4 Motivos pelos quais os estudantes não acedem aos dispositivos móveis em contexto de sala de aula .....	79
4.2.5 Soluções para diminuição do uso dos dispositivos móveis durante as aulas ..	80
4.3 Apresentação dos resultados obtidos das entrevistas aos docentes .....	83
4.4 Síntese dos resultados.....	85
CAPÍTULO V – CONCLUSÕES E PERSPETIVAS DE INVESTIGAÇÃO FUTURA .....	89
5.1 Conclusões.....	89



5.2 Limitações do estudo .....	91
5.3 Perspetivas de investigação futura .....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	95
ANEXOS (em CD)	
Anexo I – Guião de Entrevistas dos estudantes	
Anexo II – Guião de Entrevistas dos docentes	
Anexo III – Observações piloto estudantes 1.º ciclo	
Anexo IV – Observações piloto dos estudantes do 2.º ciclo	
Anexo V – Observações finais dos estudantes do 1.º ciclo	
Anexo VI – Observações finais aos estudantes do 2.º ciclo	
Anexo VII – Transcrição das entrevistas dos estudantes 1.º ciclo	
Anexo VIII – Transcrições das entrevistas dos estudantes do 2.º ciclo	
Anexo IX – Transcrição das Entrevistas dos Docentes	
Anexo X – Codificações iniciais – Parte 1	
Anexo XI – Codificações iniciais – Parte 2	
Anexo XII – Codificações Finais	
Anexo XIII – Codificações para eliminação da subjetividade	

## Índice de figuras

Figura 1 - Atividades realizadas através do telemóvel.....	9
Figura 2 - atividades realizadas através do telemóvel, pelo menos uma vez por semana. ....	10
Figura 3 – Dispositivos utilizados para aceder à Internet (%). ....	15
Figura 4 - Atividades realizadas através da Internet.....	17
Figura 5 - Atividades realizadas através da Internet segundo a idade. ....	17
Figura 6 - Grelha de observação .....	30
Figura 7 - Disposição do anfiteatro S1. ....	60
Figura 8 - Disposição do anfiteatro S4. ....	60
Figura 9 - Disposição do anfiteatro S2. ....	61
Figura 10 - Disposição da sala S3. ....	61
Figura 11 - Nuvem de palavras de todas as entrevistas realizadas. ....	87
Figura 12 - Valor absoluto de algumas palavras da nuvem de palavras.....	88

## Índice de tabelas

Tabela 1 - Dados gerais das disciplinas. ....	29
Tabela 2 - Tópicos finais das codificações do software MAXQDA 12. ....	41
Tabela 3 - Comparação dos dados das observações e entrevistas face ao uso dos dispositivos.....	50
Tabela 4 - Conteúdos gerais acedidos pelos estudantes 1º Ciclo: Entrevistas VS observações.....	53
Tabela 5 - Conteúdos gerais acedidos pelos estudantes 2º Ciclo: Entrevistas VS observações.....	56

## Índice de gráficos

Gráfico 1 - Dispositivos móveis que os estudantes possuem. ....	43
Gráfico 2 - Frequência de acesso aos dispositivos fora das aulas. ....	44
Gráfico 3 - Conteúdos que os estudantes acedem através dos dispositivos fora das aulas. .....	44
Gráfico 4 - Motivos pelos quais os estudantes acedem aos dispositivos fora das aulas....	45
Gráfico 5 - Vantagens em utilizar os dispositivos nas aulas.....	46
Gráfico 6 - Desvantagens em utilizar os dispositivos na aula. ....	46
Gráfico 7 - Dispositivos utilizados nas aulas (telemóvel+portátil). ....	47
Gráfico 8 - Acesso aos dispositivos móveis nas aulas teóricas. ....	48
Gráfico 9 - Serviços, aplicações e conteúdos acedidos na sala de aula. ....	51
Gráfico 10 - Redes Sociais que os estudantes acedem durante as aulas – dados provenientes das entrevistas. ....	51
Gráfico 11 - Redes Sociais que os estudantes acedem durante as aulas – dados provenientes das observações. ....	52
Gráfico 12 - Lugar onde o estudante se senta na sala de aula VS utilização dos dispositivos móveis. ....	58
Gráfico 13 - Tipologia da sala VS utilização dos dispositivos móveis. ....	59
Gráfico 14 - Conhecimento do estudante face à permissão do docente, relativo ao uso dos dispositivos móveis. ....	62
Gráfico 15 - Opinião do estudante face à permissão do docente relativo ao uso dos dispositivos nas aulas. ....	63
Gráfico 16 - Opinião dos estudantes caso os docentes permitam o uso dos dispositivos móveis. ....	64
Gráfico 17 - Opinião dos estudantes - Ser um direito utilizar os dispositivos nas aulas. ...	65
Gráfico 18 - Estudantes que escondem o uso dos dispositivos no decorrer das aulas. ....	67
Gráfico 19 - Opinião dos estudantes caso os colegas visualizem conteúdos. ....	67
Gráfico 20 - Motivos pelo qual os estudantes utilizam os dispositivos nas aulas. ....	68
Gráfico 21 - Motivos para não aceder aos dispositivos na sala de aula. ....	79

Gráfico 22 - Soluções dos estudantes para a diminuição do uso dos media digitais nas aulas. ....	80
--	----

## CAPÍTULO I- INTRODUÇÃO

### 1.1 Caraterização do problema de investigação

Com o desenvolvimento dos dispositivos móveis, o acesso mais frequente aos *media* digitais e o envolvimento que os estudantes universitários têm com os dispositivos, em contexto de sala de aula, são cada vez mais visíveis (Hassoun, 2014). Mesmo sem recorrer a estudos estatísticos, é visível a frequência de utilização dos dispositivos móveis por parte dos jovens atualmente. Se se parar para observar o comportamento dos mesmos é inevitável não pensar em *selfies*, em redes sociais, em aceitação e provavelmente em “dependência”/“vício” no uso destes dispositivos e tecnologias.

Sabemos que os jovens utilizam os dispositivos móveis para aceder e partilhar conteúdos, jogar *online*, aceder aos sites de redes sociais, entre outras atividades. Turkle (2015) considera-os uma geração *APP*, isto é, uma geração que espera que o mundo responda rápida e eficazmente. Quais serão as motivações que os jovens têm em comunicarem entre si através do telemóvel, mesmo quando se deparam presencialmente? Numa conversa de 5 ou 6 pessoas, no decorrer de um jantar, provavelmente 3 estarão atentas e as restantes a utilizar o telefone. Deparamo-nos então, com pessoas que se refugiam nos telefones? Estudos demonstram que, numa conversa presencial, a presença dos telefones modifica as ligações entre essas pessoas. Terão estas pessoas a possibilidade de verificar como se torna perturbador estar num grupo com pessoas a utilizar o telemóvel (Turkle, 2015)?

Grande parte dos estudos acerca deste estudo, como os de Kirschner & Karpinski (2010), Junco & Cotten (2012), Junco (2012), Paul, Baker, & Cochran (2012), Sana, Weston, & Cepeda (2013) relatam o modo como o acesso às redes sociais em contexto de sala de aula afeta o desempenho académico dos estudantes, a relação que existe entre o desempenho académico e o *multitasking* e a presença que a rede social *Facebook* tem na vida dos estudantes.

Sabe-se que os jovens acedem a conteúdos *online* várias vezes ao dia, essencialmente através do *smartphone* e do computador portátil. Das atividades *online* verificadas,

destacamos o acesso aos jogos, aos *media* sociais, o envio e receção de e-mails, o acesso a notícias *online*, ver TV e filmes ((Ofcom, 2015); (Grupo Marktest, 2014)).

Deste modo, torna-se importante compreender quais as atividades *online* em que os estudantes do presente estudo participam e o respetivo dispositivo utilizado para aceder a esses conteúdos. Assim, ao longo do presente estudo, pretende-se investigar o uso dos *media* digitais em ambiente de sala de aula num grupo de estudantes universitários de modo a encontrar possíveis padrões e motivações para essa utilização.

## 1.2 Pertinência da investigação

Como já referimos, o tema da presente investigação passa por conhecer as motivações subjacentes ao uso dos *media* digitais em contexto de aprendizagem, nomeadamente em sala de aula.

Compreender os motivos que levam os estudantes a recorrer aos *media* digitais em contexto de sala de aula é, do nosso ponto de vista, importante, uma vez que os estudos cada vez mais abordam temas relacionados com o uso do *Facebook* diariamente (Bright, Kleiser, & Grau, 2015), investigando-se aspetos como se o desempenho académico é afetado pelo uso das redes sociais (Junco & Cotten, 2011); quais as motivações que levam ao acesso às redes sociais, de um modo geral, por parte da sociedade (Couto, 2015); os efeitos das interrupções devido à receção de notificações (Cutrell, Czerwinski, & Horvitz, 2001) e se o *multitask* e o acesso ao *Facebook* afetam o desempenho académico (Kirschner & Karpinski, 2010), (Junco & Cotten, 2011), (Junco, 2012a), (Junco, 2012b), (Junco & Cotten, 2012).

Assim, acreditamos que esta investigação será importante para que os estudantes, os docentes e os investigadores possam conhecer a perspetiva dos estudantes deste estudo quando estão perante o uso dos dispositivos móveis em contexto de aprendizagem, em sala de aula. Acreditamos, também, que é importante para mostrar a relevância de educar os estudantes para um uso moderado dos dispositivos móveis para que possam

aprender a utilizar de forma controlada os dispositivos ao longo das aulas, tirando o máximo partido destes e das próprias aulas.

### 1.3 Questão de investigação

Atualmente, o uso dos dispositivos em contexto de sala de aula, que auxiliam, ou não a abordagem à matéria lecionada, tornou-se comum. Os estudantes cada vez mais dividem a sua atenção entre os dispositivos e as matérias das aulas, o que pode trazer consequências ao nível do desempenho académico.

Deste modo, pretende-se verificar como se manifesta o uso dos *media* digitais em contexto de sala de aula, verificar se existem padrões de utilização e compreender as motivações subjacentes ao uso frequente dos dispositivos. Torna-se assim uma questão pertinente, na medida que os dispositivos estão cada vez mais presentes do quotidiano dos estudantes, independentemente de estes estarem em contexto de aprendizagem ou de lazer.

Assim, colocámos a seguinte questão de investigação no início deste estudo:

- Quais são as motivações que levam um grupo de estudantes do ensino superior a aceder aos *media* digitais e sociais em contexto de sala de aula?

### 1.4 Finalidades e objetivos

Temos como finalidade principal do presente estudo, compreender o uso e as motivações que levam os estudantes a utilizar os *media* digitais/sociais em contexto de sala de aula.

De entre os objetivos do estudo, destacam-se:

- Observar os comportamentos de uso dos *media* digitais por parte de uma turma de estudantes do 1º e 2º ciclo de estudos do Ensino Superior da Universidade

de Aveiro, da área científica de Ciências e Tecnologias da Comunicação, em contexto de sala de aula.

- Compreender se os estudantes comunicam entre si no decorrer das aulas.
- Compreender se os estudantes utilizam os *media* digitais como auxílio às dinâmicas da própria aula.
- Descrever eventuais padrões de uso dos *media* digitais/sociais por parte dos estudantes observados.
- Conhecer as motivações subjacentes ao uso dos *media* digitais em situação de sala de aula.
- Compreender se a posição face ao uso dos *media* que cada professor adota tem ou não influência no uso dos *media* digitais por parte dos estudantes.

Além disso, o presente estudo pretende também dar a conhecer os diferentes dispositivos móveis que os estudantes possuem, as aplicações e os serviços a que acedem dentro e fora da sala de aula, conhecer se os estudantes escondem o uso dos dispositivos no decorrer das aulas, compreender se a tipologia das salas de aulas tem influência num maior ou menor uso dos dispositivos móveis nas salas de aulas, conhecer a opinião dos estudantes face à permissão dos docentes no que se refere ao uso dos dispositivos nas aulas e conhecer ainda possíveis soluções para que os estudantes de um modo geral possam aceder menos aos dispositivos móveis durante as aulas.

## 1.5 Estrutura da dissertação

O presente estudo está organizado em cinco capítulos.

No primeiro capítulo apresentamos a problemática, descrevemos a pertinência da investigação e damos a conhecer as finalidades e os objetivos do presente estudo.

No segundo capítulo apresentamos a revisão de literatura sobre os diferentes temas que se considera estarem diretamente relacionados com a problemática do presente



estudo. Assim, começamos por abordar a evolução dos dispositivos móveis e as tendências de uso destes dispositivos pelos jovens verificadas atualmente. Abordamos, inclusivamente, as perspetivas dos vários autores, partam estas de uma análise de comportamentos *online* de gerações de utilizadores que se tem vindo a verificar nos últimos tempos, ou pela importância da comunicação textual para os jovens e as atividades relacionadas com os *media* digitais. Numa segunda parte do capítulo, no ponto 2.2, consideramos importante dar a conhecer a importância da literacia mediática na aprendizagem dos estudantes e os efeitos que as notificações associadas à utilização de *media* digitais podem exercer na atenção dos estudantes.

No terceiro capítulo apresentamos e justificamos a metodologia adotada para o presente estudo. No mesmo capítulo descrevemos, ainda, os instrumentos de recolha de dados e é feita uma análise crítica aos mesmos.

No quarto capítulo descrevemos todo o procedimento de análise dos dados recolhidos e como foi feita a triangulação desses mesmos dados. No mesmo capítulo são apresentados e analisados todos os dados recolhidos ao longo do estudo.

No quinto capítulo procuramos responder à questão de investigação "Quais são as motivações que levam um grupo de estudantes do ensino superior a aceder aos *media* digitais e sociais em contexto de sala de aula?" e apresentar as conclusões a que chegámos tendo em conta todos os dados analisados. Apresentamos, ainda, as limitações do estudo, assim como sugestões de investigação futura.

Motivações para o uso dos *media* digitais em contexto de sala de aula.

## CAPÍTULO II- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 2.1 Dispositivos e *media* digitais

Uma vez que a presente investigação trata temas relacionados com os *media* digitais, *media* sociais, o uso dos dispositivos móveis e a atenção que é dividida entre os conteúdos das aulas e o uso dos dispositivos móveis, é importante compreender estes conceitos, já que de certo modo são uma problemática da atualidade. Os *media* sociais a que nos referimos podem ser serviços ou aplicações da web social que podem ser acedidos através dos *smartphones*, *tablets* e computadores portáteis.

Ao longo do presente tópico serão apresentados os conceitos relacionados com a evolução e o impacto que os dispositivos exercem no quotidiano dos jovens, as gerações de utilizadores de *media* digitais, a importância da comunicação através dos dispositivos móveis, as atividades que os jovens realizam quando utilizam *medias* digitais, o que pode advir da utilização destes dispositivos no contexto de sala de aula, nomeadamente o impacto que as notificações, interrupções e o *multitask* podem exercer nos jovens e, por último, abordamos a importância da educação para os *media*.

#### 2.1.1 Evolução dos dispositivos de comunicação e tendências atuais

A história das telecomunicações passou por uma mudança. Segundo Srivastava (2005), os dispositivos móveis tornaram-se a tecnologia dominante para a comunicação, precisamente por serem portáteis, flexíveis e rápidos. Ou seja, o acesso a informação *online* passou a ser possível não só através dos dispositivos *desktop*, mas também através dos dispositivos móveis (Srivastava, 2005).

Dos dispositivos móveis, destacamos o *tablet*, o *smartphone* e o telemóvel. Atualmente estes dispositivos possuem mais capacidades computacionais (que tendem a evoluir cada vez mais) do que os computadores há alguns anos atrás. Apesar da facilidade de acesso e mobilidade, os telemóveis tornaram-se importantes para quem os usa, uma vez que possibilitam que os utilizadores possam utilizá-los em qualquer parte para comunicar com outros utilizadores. Assim, os utilizadores dos dispositivos móveis não só

fazem parte de uma rede tecnológica como podem, através dela, fazer parte de uma rede social, já que lidam com estes dispositivos cada vez mais ao longo de um dia e acabam por criar mais relações com os outros utilizadores (Srivastava, 2005).

Com a possibilidade de os utilizadores acederem à informação a partir de qualquer lugar, estes tornaram-se “pouco tolerantes a atrasos em tempos de resposta” (Oliveira, 2008 p.29). Esta análise de Oliveira (2008) é partilhada por Plumridge (2013) quando refere que, de certo modo, a tecnologia está a diminuir a paciência dos utilizadores uma vez que estes esperam que tudo no mundo ocorra instantaneamente com(o) um *click*. Já Turkle (2015) considera que os jovens estão a tornar-se impacientes e esperam que o mundo responda como uma aplicação: de forma rápida e eficaz.

A facilidade de transporte não é, contudo, a única característica relevante dos dispositivos móveis. Estes permitem também o acesso à informação e a funcionalidades de comunicação e ocupam uma grande parte do tempo dos jovens, principalmente quando são utilizados para aprender e como meio de entretenimento (Monteiro, 2013). O uso dos telemóveis não só permitiu o aumento das relações entre os utilizadores como tornou-se num símbolo de *status*. Há utilizadores deste dispositivo que, para serem vistos e ouvidos quando comunicam, tendem a falar mais alto. Este predomínio é notório sobretudo nos jovens, já que o telemóvel é essencial para as suas identidades individuais (Srivastava, 2005).

Srivastava (2005) acredita que os utilizadores se sentem constantemente conectados ao mundo e sentem-se menos solitários devido ao uso do telemóvel. Inclusivamente sentem medo de sair de casa sem o mesmo (Srivastava, 2005). Turkle (2015) considera que os telemóveis são potenciais dispositivos capazes de modificar não só o comportamento dos utilizadores, mas também a sua essência. Os jovens não são capazes de comunicar entre si sem que tenham o telemóvel por perto e, inclusivamente, comunicam presencialmente através do mesmo (Turkle, 2015).

Contudo, do nosso ponto de vista, sem o acesso facilitado e gratuito à Internet atualmente, o uso dos telemóveis não teria tido um impacto tão grande no quotidiano dos utilizadores. Para Carr (2010), ao considerarmos a Internet uma ferramenta de auxílio para comunicar, isso não implica necessariamente deixarmos de recorrer aos meios de

comunicação tradicionais. Neste sentido, ao considerarmos o telemóvel como um novo meio para a comunicação, a comunicação presencial não tem de deixar de existir. Que motivações terão os jovens para comunicarem entre si através dos dispositivos móveis?

No estudo realizado pelo Ofcom (2015), as atividades mais destacadas no uso do telemóvel, por parte dos adultos com 16 ou mais anos, são as que se podem verificar na figura seguinte:

Category	Individual activities included in category
Communication	<ul style="list-style-type: none"><li>• Make or receive calls</li><li>• Send or receive text messages</li><li>• Send or receive photo messages</li><li>• Send or receive video clips</li><li>• Visit social media sites or apps like Facebook, Twitter, LinkedIn, Instagram, Tumblr or Pinterest</li><li>• Put photos or videos on sites like YouTube, Facebook or Instagram for others to see</li><li>• Send or receive Twitter updates using your phone</li><li>• Send or receive email</li><li>• Make or receive telephone or video calls over the internet using services like Skype or FaceTime</li><li>• Use Instant Messaging such as Apple iMessage, WhatsApp, Facebook Chat, Blackberry Messenger/ BBM</li></ul>
Content - searching	<ul style="list-style-type: none"><li>• Visit websites using your phone</li><li>• Use features such as Maps or satellite navigation to get to where you want to go/ plot a route to your destination</li><li>• Download apps/ applications (including games)</li></ul>
Content - creating	<ul style="list-style-type: none"><li>• Take photos</li><li>• Take videos</li></ul>
Audio content	<ul style="list-style-type: none"><li>• Listen to music</li></ul>
Watching online video	<ul style="list-style-type: none"><li>• Visit sites or apps like YouTube or Vine to look at videos or clips posted by other people</li><li>• Watch TV programmes</li></ul>
Transactions	<ul style="list-style-type: none"><li>• Check your bank balance</li><li>• Buy things from websites or apps using your phone</li></ul>
Playing games	<ul style="list-style-type: none"><li>• Play games that are loaded on the phone</li><li>• Play games over the internet using your phone</li></ul>

Figura 1 - Atividades realizadas através do telemóvel

Fonte: (Ofcom, 2015)

Verificamos, por exemplo, que a comunicação é realizada através do envio e receção de mensagens, *e-mail*, fotografias, vídeo clips e chamadas e através dos sites de redes sociais. O dispositivo móvel é também utilizado para tirar fotografias e realizar vídeos, ouvir música, visitar *websites* e jogar.

Segundo o Ofcom (2015), as atividades que mais se destacam por parte dos jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos são a comunicação, a pesquisa de conteúdos e a criação de conteúdos, com frequências de utilização de 100%, 78% e 79% respetivamente. Quanto às atividades que são realizadas com menor frequência pelo mesmo público, destacam-se a realização de transações e os jogos, com frequências de utilização de 49% e 55% respetivamente, como se pode verificar na figura seguinte:

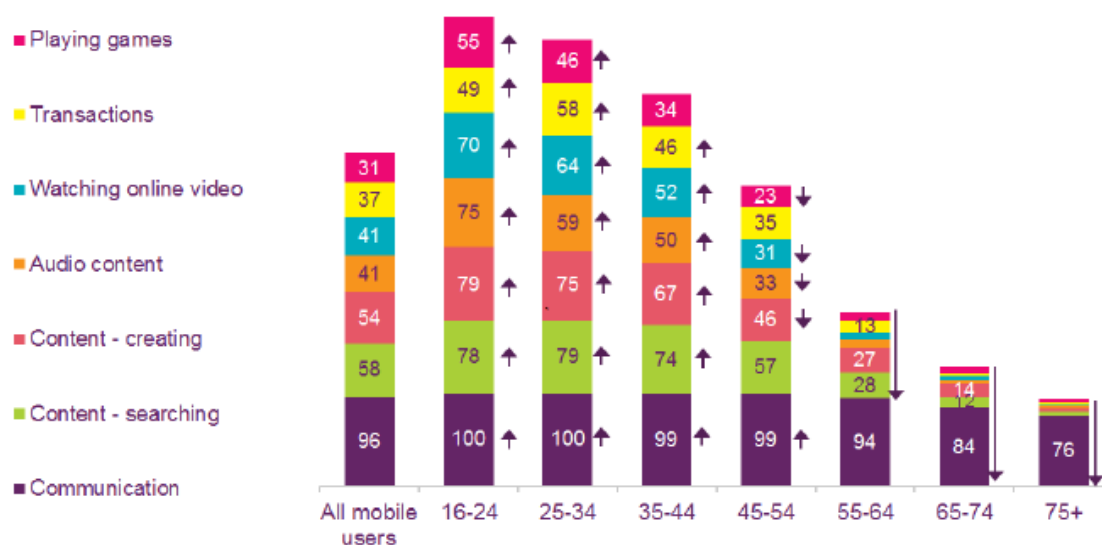


Figura 2 - atividades realizadas através do telemóvel, pelo menos uma vez por semana

Fonte: (Ofcom, 2015)

### 2.1.2 *Media* digitais

Ao abordar o termo *media* digital é necessário, antes de tudo, compreender o seu significado e em que sentido este se enquadra na presente investigação.

Neste sentido, o conceito “digital” está relacionado com a utilização de computadores, com a utilização da Internet e com a codificação da informação em linguagem binária. Já o termo “*media* digitais” remete-nos para um novo modo de aceder à informação e de comunicar. Ouvir rádio através da Internet, ou ler uma notícia através de um *tablet*, é, assim, estar perante os *media* digitais (Smith, 2013).

Para Weigel, James, & Gardner (2009) além de os *media* digitais permitirem o acesso a grandes quantidades de informação, permitem também novas formas de socializar, um

acesso facilitado a conteúdos digitais e à comunicação. Os autores referem inclusivamente que o termo “novos *media* digitais” poderá permitir ambientes de aprendizagem de forma individual, construtiva e social (Weigel et al., 2009).

Na utilização dos *media* digitais, os jovens dão prioridade a *hobbies*, a *chats*, comunicação com amigos, jogos, compras *online*, *download* de música e vídeos (Buckingham, 2007). Neste sentido, é visível que o uso dos *media* digitais, para os jovens, sustenta-se em torno da comunicação e do entretenimento embora, segundo Monteiro, Almeida, & Campos (2014), o mundo digital deva ser visto como um ambiente importante para a aquisição de novos conhecimentos.

#### 2.1.2.1 Gerações de utilizadores de *media* digitais

Os estudantes atuais do ensino superior representam a primeira geração que cresceu familiarizada com a tecnologia. A utilização dos computadores, videojogos, música digital, telemóveis e outros dispositivos da era digital fez parte das suas vidas, desde sempre (Prensky, 2001). Prensky (2001) em “Digital Native, Digital Immigrants” fez uma distinção entre a geração familiarizada com a tecnologia, denominando-os de “nativos digitais”, e a geração que não nasceu rodeada de tecnologia e que, de certo modo, adaptou-se à mesma, os “imigrantes digitais”. Nessa época, Prensky (2001) considerava que os professores (“imigrantes digitais”) faziam com que a educação não resultasse e sentia que estes deviam modificar a metodologia de ensino de modo a adaptarem-se à linguagem dos estudantes (“nativos digitais”). Em 2011, Prensky volta a abordar este tema a partir de uma perspetiva diferente da de 2001. Para Prensky (2011), a grande problemática da educação não está nos “nativos” que nasceram rodeados de tecnologia, nem no modo que os “imigrantes” ensinam, mas sim “no que se ensina” atualmente aos jovens. A questão não deve ser “como saber utilizar a tecnologia atualmente” mas sim “como usar a tecnologia para podermos adquirir mais e melhores conhecimentos”. Para o autor, a mudança tem de partir das reformas de ensino que, na sua perspetiva, ficaram-se pelo séc. XX. Os jovens apenas querem as ferramentas suficientes para serem bem-sucedidos no seu tempo e nas suas tarefas.

Se, para Prensky (2011), os jovens em tempos foram considerados “nativos digitais” e a geração que não nasceu envolvida no mundo tecnológico “imigrantes digitais”, para White & Cornu (2011), são considerados “residentes” e “visitantes” respetivamente. Os “visitantes” precisam de obter benefícios quando utilizam plataformas ou *media* digitais. Para estes utilizadores, ter uma vida social *online* não implica que esta seja visível. Não são utilizadores frequentes do *Skype* e do *e-mail* e são cautelosos na criação de um perfil no *Facebook*. Os “visitantes” veem a *web* como uma ferramenta que distribui conteúdos e que pode ser utilizada como um meio para atingir os seus objetivos. Por outro lado, os “residentes” veem a *web* como um edifício tecnológico que lhes permite criar relações, partilhar informação sobre as suas vidas e trabalho e expressar opiniões. As suas vidas são vividas *online* e ficam felizes por despende tempo com outros membros que pertencem às comunidades *online*. White & Cornu (2011) consideram ainda que estes utilizadores agem mais conforme as suas motivações.

Brown (2000) vê os jovens como realizadores de “*multiprocessing*” uma vez que executam várias tarefas em simultâneo – ouvem música, falam ao telefone e usam o computador. O autor considera que a capacidade de ler textos multimédia, provenientes dos vários meios de comunicação, e sentir-se confortável com isso, não é trivial (Brown, 2000). Já Tapscott (1999) refere-se aos jovens como uma “geração net” e Turkle (2015) considera-os uma geração *APP*, ou seja, uma geração que espera que o mundo responda rápida e eficazmente.

#### 2.1.2.2 Importância da comunicação textual

Segundo os dados reportados pela Ofcom (2015), comunicar através do envio de *e-mail* e *instant messages* (IM) tornou-se popular na última década, particularmente através dos telemóveis. Enquanto o envio de mensagens de texto (SMS) atingiu um ponto de saturação, apesar de ainda serem utilizadas, o *e-mail* e as IM continuam a ser cada vez mais utilizados através dos telemóveis.

Segundo os dados verificados pelo Ofcom (2015), os jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos utilizam semanalmente o telemóvel para



comunicar essencialmente através de chamadas de voz, envio de SMS, através dos *media* sociais e pelo envio de e-mails. Madell & Muncer (2007) verificaram que as IM são vistas de modo positivo pelos jovens, uma vez que estes têm a possibilidade de verificar quem está *online*, comunicar com mais do que uma pessoa em simultâneo, utilizar *emoticons* para expressar estados emocionais e ocultar reações uma vez que não estão a comunicar presencialmente. Contudo, existem também alguns aspetos negativos no uso das IM: os jovens podem interromper-se mutuamente no decorrer de uma conversa e podem existir más interpretações do que foi dito, inclusivamente através do uso dos *emoticons*. Do mesmo modo, as mensagens de texto permitem um maior controlo a nível de custos de comunicação, permitem tempos de resposta curtos e, de certo modo, incitam à resposta por parte do recetor da mensagem. No entanto, as mensagens de texto partilham os mesmos efeitos negativos das IM, nomeadamente ao nível de más interpretações. Já o *e-mail* é útil para realizar diálogos controlados e as chamadas de voz são vistas de modo positivo porque não é possível as pausas no diálogo (Madell & Muncer, 2007).

#### 2.1.2.3 *Media* sociais

Os *media* sociais utilizam tecnologias móveis e *web* de modo a criar plataformas de promoção de interações onde os utilizadores podem criar, modificar e partilhar informação. As características que definem os *media* sociais são a presença (de modo a que os utilizadores saibam quem está disponível), as relações (os utilizadores relacionam-se entre si), a reputação (os diversos utilizadores conhecem a posição social uns dos outros), os grupos (os utilizadores que pertencem a comunidades), a comunicação (entre os utilizadores) e a partilha (receber e partilhar conteúdos entre os utilizadores) (Kietzmann, Hermkens, McCarthy, & Silvestre, 2011).

Já para Kaplan & Haenlein (2010), o conceito de *media* social está longe de ser inovador. Para os autores este conceito é a evolução do conceito *Web 2.0*. Os utilizadores dos *media* sociais tendem a sentir necessidade de impressionar os outros utilizadores com a sua maneira de ser, tentam causar uma impressão positiva e criam perfis para se apresentarem ao mundo virtual (Kaplan & Haenlein, 2010).

Os *media* sociais estão associados à interação que pode existir no mundo *online*. A partilha de fotografias, vídeos, música, atividades e pontos de vista através dos *media* sociais é considerado um novo meio de comunicar.

O Grupo Marktest (2015b) verificou que 94% dos utilizadores de redes sociais em Portugal possuem conta no *Facebook*, 41% no *YouTube*, 29% dos inquiridos utilizam o *smartphone* para aceder às redes sociais e 19% desse mesmo grupo pretende dispensar menos tempo às redes sociais nos próximos 12 meses.

As redes sociais são acedidas por milhões de utilizadores diariamente. Para poderem ter acesso a estas redes, os utilizadores têm de efetuar pequenos procedimentos que incluem um registo com os seus dados pessoais, nomeadamente o *e-mail*, nome, data de nascimento e localidade; uma fotografia (opcional) e algumas questões que diferem da rede social escolhida. A privacidade do perfil varia de acordo com o critério do utilizador e as definições da rede social escolhida. Temos como exemplo a rede social *Facebook* que possibilita que os utilizadores façam parte da “rede” uns dos outros e possam visualizar os perfis inseridos nas suas “redes”. Caso o utilizador não pretenda partilhar o seu perfil, tem a possibilidade de torná-lo privado. A maior parte das redes sociais requer uma confirmação bidirecional relativamente às “amizades”, ou seja, às conexões realizadas entre os utilizadores. Importa ainda referir que o termo “amizade” não implica o seu significado na íntegra, uma vez que as razões que levam os utilizadores ao estabelecimento de ligações com outros utilizadores são variadas e diferem de utilizador para utilizador (D. M. Boyd & Ellison, 2007).

*Danah Boyd*, em *It's complicated*, relata diferentes episódios do comportamento de estudantes quando estão perante as redes sociais. Dois estudantes decidiram cancelar as suas contas na rede social *Facebook*, mas não tardaram a perceber que essa ação se refletiu em estar ausente das atividades sociais e na dificuldade em gerir as relações interpessoais. Nas gerações anteriores, os pais ficavam inquietos com o excesso de tempo que os filhos passavam a conversar ao telefone. Atualmente estes jovens passam grande parte do seu tempo a fazer publicações nas redes sociais, com conteúdos audiovisuais como fotografias, vídeos e envio de mensagens entre os amigos. O interesse dos jovens não está nas características dos seus *smartphones*, *tablets* ou computadores, mas sim nos *sites* de redes

sociais e na comunicação uns com os outros. A “dependência” destes consumidores de redes sociais, não está na utilização das mesmas, mas na vontade de comunicarem entre si (D. Boyd, 2014).

#### 2.1.2.4 Atividades com os *media* digitais

A Internet e os dispositivos móveis têm passado por uma evolução visível, assim como a utilização que o público faz dos mesmos. Lenhart (2015) verificou que 24% dos jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos acedem a conteúdos *online* num *smartphone* com muita frequência ao longo de um dia, 56% refere que acede várias vezes ao dia, 12% apenas acede uma vez por dia, 6% acede uma vez por semana, e, apenas 2% dos jovens do estudo acede com menos frequência a conteúdos *online* (Lenhart, 2015).

Apesar de mais de 5 milhões de portugueses utilizarem o *smartphone*, num estudo realizado pelo Grupo Marktest (2015a) verificou-se que o computador é o equipamento que os portugueses mais utilizam para aceder à internet, apesar dos restantes dispositivos estarem cada vez mais presentes no quotidiano dos jovens. Assim, dos 5 milhões 604 mil portugueses que utilizam a Internet, 61% fazem-no através do computador. Na seguinte figura, estão também representados os restantes dispositivos de acesso à internet.

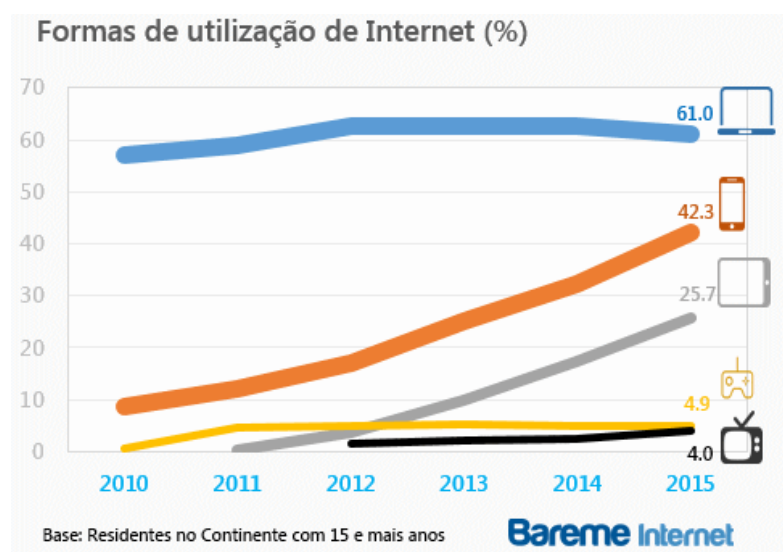


Figura 3 – Dispositivos utilizados para aceder à Internet (%).

Fonte: (Ofcom, 2015)

Deste modo, é visível o forte crescimento que os dispositivos móveis têm tido como meio de acesso à Internet. Num estudo realizado pelo OberCom, numa amostra de 1035 portugueses com idades compreendidas entre os 15 e os 65 anos ou mais, verificou-se que os utilizadores que mais acedem à Internet são os grupos etários com idades entre os 15 e 24 anos, com uma utilização de Internet de 97%, os utilizadores entre os 25 e 34 anos, com uma utilização de 95,2%, e os utilizadores com 35 a 44 anos com 86,4%. Os dispositivos utilizados para aceder aos diferentes conteúdos são o computador fixo e portátil, o *smartphone* e o *tablet* (Cardoso, Mendonça, Paisana, & Lima, 2015).

As mudanças mais visíveis na última década estão relacionadas com o modo como os utilizadores acedem e consomem os conteúdos disponibilizados *online* devido à evolução tecnológica, às infraestruturas, à redução de custos de acesso à Internet, entre outros fatores (Ofcom, 2015).

Importa ainda referir que outra atividade bastante presente na vida dos jovens portugueses com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos são os jogos *online*. Segundo os resultados do estudo realizado pelo Grupo Marktest (2014), os jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos são os que mais jogam *online*.

Das atividades *online* verificadas pelo Ofcom (2015), destacam-se o acesso aos *media* sociais, o envio/receção de *e-mail*, o acesso a notícias *online*, os jogos *online*, ver televisão e ver filmes.

Na figura seguinte podemos observar as atividades *online* destacadas pela Ofcom (2015).

Motivações para o uso dos *media* digitais em contexto de sala de aula.

Category	Individual activities included in category
Communication	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sending or receiving emails</li> <li>• Using Instant Messaging services</li> <li>• Making or receiving telephone or video calls using services like Skype or FaceTime</li> <li>• Contributed comments to a website or blog</li> </ul>
Transactions	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Buying things online</li> <li>• Selling things online</li> <li>• Banking and paying bills online</li> <li>• Downloading software</li> </ul>
Work/ studies information	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Finding information online for work/ job or for studies</li> <li>• Doing an online course to achieve a qualification</li> <li>• Looking at job opportunities</li> </ul>
Social media	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Looking at social media sites or apps</li> <li>• Upload or share videos or photos online</li> <li>• Sharing links to websites or online articles, perhaps on Twitter, Facebook, Reddit or LinkedIn</li> </ul>
Entertainment	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Playing games online</li> <li>• Listening to radio stations online</li> <li>• Listen to or download music online</li> <li>• Watching online or downloading short video clips such as music videos or comedy clips</li> <li>• Watch online or download TV programmes or films (from broadcasters' websites)</li> <li>• Looking at adult-only websites</li> </ul>
News	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Looking at news websites or apps</li> </ul>
Leisure information	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Finding information for leisure time such as cinema/ live music</li> </ul>
Public/ civic	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Finding information online about public services provided by local or national government</li> <li>• Completing government processes online such as registering for tax credits, renewing a driving licence, car tax or passport, completing a tax return</li> <li>• Looking at political or campaign or issues websites</li> <li>• Signing an online petition</li> <li>• Contacting a local councillor or your MP online</li> <li>• Looking at websites for news about, or events in your local area/ the local community</li> </ul>
Health	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Finding information about health-related issues</li> </ul>
General surfing/ browsing	<ul style="list-style-type: none"> <li>• General surfing/ browsing the internet</li> </ul>

Figura 4 - Atividades realizadas através da Internet

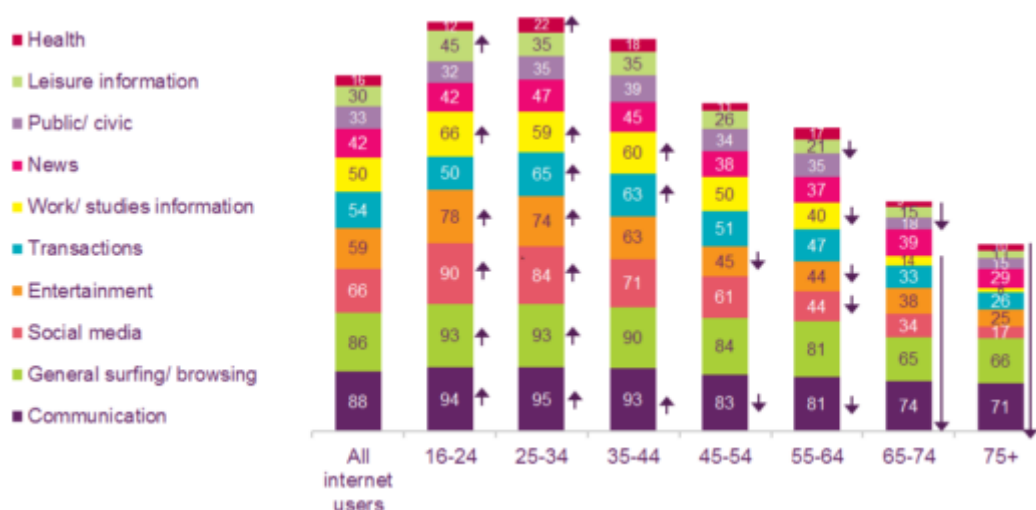


Figura 5 - Atividades realizadas através da Internet segundo a idade.

Ao analisar a Figura 4 e a Figura 5 verificamos que estas foram agrupadas em dez categorias. As atividades, realizadas pelo menos uma vez por semana, que mais se destacam nos públicos com idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos são a comunicação (94%), o *browsing* (93%), o acesso aos *media* sociais (90%), o entretenimento (78%) e a pesquisa de informação escolar com frequências de acesso semanal de 66%. Já as atividades realizadas com menos frequência são as transações, o acesso a notícias, a informação de lazer e a informação relacionada com a saúde, com 50%, 42%, 45% e 12% respetivamente (Ofcom, 2015).

No contexto do presente estudo, interessam-nos particularmente as categorias comunicação, informação para trabalho/estudo, *media* sociais e o entretenimento, uma vez que serão as categorias que iremos verificar se o grupo de estudantes do presente estudo também elege. Relativamente à comunicação, as atividades incluem o envio e receção de *e-mail*, o uso de serviços de IM, o uso de serviços como o *Skype* e o *FaceTime* para realizar ou receber videochamadas e os comentários em blogues ou *websites*. Na categoria de informação para trabalho/estudo, destacamos a procura de informação *online* para trabalho/estudo, a realização de cursos *online* e a procura de emprego. Nos *media* sociais, as atividades comuns são a partilha de vídeos e fotografias, a partilha de *links* de *websites* ou de artigos em redes sociais como o *Twitter*, *Facebook*, *Reddit* ou *LinkedIn*. Quanto à categoria do entretenimento, verificamos atividades relacionadas com a visualização ou *download* de filmes, música e/ou programas de televisão, jogar e ouvir música. Neste sentido, podemos verificar que através dos dispositivos móveis os utilizadores podem aceder a vários conteúdos e atividades estejam estes ou não conectados à Internet.

## 2.2 Aspectos relacionados com o uso dos *media* digitais em contexto de sala de aula

O acesso às tecnologias em ambiente de sala de aula pode ter um cariz positivo uma vez que estas podem ser utilizadas para acompanhar a matéria, tendo o estudante a possibilidade de complementar a mesma em formato digital. Por outro lado, pode também ter um cariz negativo, no sentido em que o estudante pode dispersar a sua atenção ao sair do contexto lecionado e utilizar o dispositivo para fins pessoais que nada tenham que ver com a aula.

Nos tópicos seguintes iremos compreender que alternar o foco entre as matérias das aulas e os dispositivos móveis poderá ter um impacto negativo nos estudantes, na medida em que estas pausas que são realizadas nas aulas para que possam aceder aos dispositivos poderá levar a uma maior dificuldade quando os estudantes retomam a atenção para a aula. Quando estamos perante demasiada informação, o cérebro tende a distrair-se com mais facilidade. Assim, torna-se importante que os estudantes façam um uso consciente e esclarecido dos *media*.

### 2.2.1 Notificações e interrupções

Atualmente estamos perante uma sociedade que vive rodeada de informação digital em tempo real e que, devido ao excesso de informação a que está exposta diariamente, não tem a capacidade de recordar toda essa informação (Junco & Cotten, 2012). Diversos estudos indicam que os jovens enviam regularmente mensagens, independentemente do tempo e do lugar. Apesar desta liberdade, os jovens sentem que têm o dever de responder sempre às mensagens e que devem estar sempre disponíveis para comunicar (Clayson & Haley, 2012).

De uma forma simplificada, a aprendizagem requer um processamento cognitivo que inclui a atenção na matéria lecionada e a organização mental dessa matéria (Mayer & Moreno, 2003). Quando a informação ultrapassa a capacidade que o cérebro tem para armazenar e processar essa informação, deixa de ser possível reter informação e estabelecer ligações com a informação que já foi armazenada na memória a longo prazo. A

atenção também depende da memória e, quando estamos perante demasiada informação, o cérebro tende a distrair-se ainda mais (Carr, 2010).

As interrupções fazem parte da vida moderna e, com o avanço das redes Internet *wireless* e a possibilidade de utilizar as redes sociais como meio de comunicação em qualquer lugar, o número e intensidade das notificações provenientes das redes sociais aumentou drasticamente (Cutrell et al., 2001). McFarlane (1998) verificou que existem quatro métodos de interrupções durante a execução de tarefas em simultâneo. A interrupção *imediate* (os utilizadores não controlam as notificações que recebem e têm de lidar com as mesmas); a interrupção negociável (os utilizadores têm a possibilidade de escolher quando é que vão aceder à notificação); a interrupção *mediada* (o utilizador decide qual é a melhor altura para interromper a tarefa que está a ser executada) e a interrupção programada (as notificações chegam em intervalos pré-estabelecidos). Quando os utilizadores reconhecem uma interrupção, tornam-se menos eficientes. Contudo, deixar os utilizadores decidirem quando devem parar de desempenhar a tarefa que estão a realizar, melhora o desempenho dos mesmos (McFarlane, 1998).

Cutrell et al. (2001) realizaram um estudo para verificar os efeitos das notificações na memória dos utilizadores ao interromper uma tarefa. Foram definidas duas tarefas. A tarefa 1 tinha como propósito fazer uma pesquisa numa lista de livros. A tarefa 2 tinha como propósito procurar livros relacionados com um determinado tema, tornando-se numa tarefa cognitivamente mais complexa e exigente. A interrupção consistia numa interrupção realizada através do *MSN Messenger*, onde era solicitada a realização de uma conta matemática simples (multiplicação e/ou subtração). Como resultados, Cutrell et al. (2001) observaram que, no decorrer da Tarefa 1, não se verificaram alterações no desempenho da mesma. Quando os utilizadores se deparavam com uma notificação, utilizavam um marcador para registarem onde estavam a realizar a tarefa, realizavam a conta no *MSN Messenger* e retomavam a tarefa. Relativamente à Tarefa 2, por esta ser mais exigente e demorada, os utilizadores mantiveram-se mais focados e demoravam mais tempo a visualizar a notificação. Em suma, os resultados da experiência verificaram que quando um utilizador está perante uma tarefa que exige a sua concentração, este é capaz de ignorar a notificação (Cutrell et al., 2001). Quando estão perante as aulas e acedem aos



dispositivos, os estudantes não têm a possibilidade de colocar um marcador na matéria que o professor está a lecionar. Neste sentido, poderão ter mais dificuldades em retomar e acompanhar a aula após interagirem com o dispositivo móvel.

Importa, assim, perceber que impacto as notificações frequentes poderão exercer na atenção dos jovens e na sua aprendizagem.

Adquirir novos conhecimentos é um conjunto de habilidades ou processos mentais que fazem parte das ações diárias dos indivíduos. Essas habilidades são baseadas em tarefas de aprendizagem, lembrança e atenção (Michelon, 2006). A habilidade de direcionar um pensamento em qualquer direção que se pretenda é, segundo Lambert (1997), definido como concentração.

Atualmente estamos perante uma juventude rodeada de informação digital que coloca demasiada exigência na atenção à informação que lhe chega por esses meios e que não tem a capacidade de reter grande parte da informação a que está exposta ao longo de um dia (Kirschner & Karpinski, 2010). A falta de atenção pode conduzir à não distinção entre uma informação relevante e uma informação irrelevante.

O uso frequente de dispositivos móveis, a toda a hora e em qualquer lugar, permitiu que a Internet inundasse as salas de aulas. Na perspetiva de Hassoun (2014), o uso dos dispositivos no decorrer da aula levou à destruição da aprendizagem dos estudantes e as tecnologias aliciam os estudantes para a alternância do seu foco entre os conteúdos das disciplinas, as pesquisas pessoais e/ou as IM (Hassoun, 2014).

Quanto aos benefícios no uso dos *media* digitais em contexto de sala de aula, na perspetiva de Kirschner & Karpinski (2010), a relação avançada com a tecnologia pode-se tornar num fator importante para o sucesso académico. Os autores consideram que o acesso aos dispositivos contribui para uma melhor aprendizagem considerando, inclusivamente, que os pais devem incentivar o uso da tecnologia. Já para Paul et al. (2012), existe uma correlação negativa entre as notas e o tempo gasto nos dispositivos móveis durante as aulas.

Neri de Souza & Moreira (2010) acreditam que a aprendizagem em ambientes virtuais proporciona “novos modos de pensar, de formular perguntas e de examinar os problemas e propor soluções” (Neri de Souza & Moreira, 2010, p 16). Contudo, o uso dos dispositivos

no decorrer de uma aula, implica que os estudantes estejam de certo modo expostos aos *sites* de redes sociais e, assim, propicia-se acederem aos mesmos e acabam por alternar a sua atenção na aprendizagem e a informação que lhes chega através dos *media* digitais, o que pode comprometer a aprendizagem (Wu, 2015).

### 2.2.2 Multitask

Em termos práticos, define-se *multitask* como a execução simultânea de duas ou mais tarefas. Teoricamente, os humanos não são capazes de realizar *multitasking*, sendo apenas capazes de mudar rapidamente de uma tarefa para outra (Kirschner & Karpinski, 2010). Deste modo, realizar duas tarefas em simultâneo tem um impacto negativo na eficácia e eficiência de realização das tarefas, uma vez que esta alternância entre as tarefas exige um conjunto de recursos cognitivos praticamente impossíveis de mobilizar para completar as duas tarefas com sucesso, conduzindo assim a que a execução das mesmas tenha uma maior duração e podendo levar a erros que poderiam ser evitados se a tarefa fosse realizada em sequência (Kirschner & Karpinski, 2010).

No contexto da presente dissertação consideramos, tal como os autores Kirschner & Karpinski (2010), o conceito de *multitasking* como a divisão da atenção entre duas tarefas realizadas em simultâneo, nomeadamente as que ocorrem em contexto de aprendizagem em sala de aula. Por exemplo, quando, no decorrer de uma aula, um estudante interage com um dispositivo, seja este um computador portátil, um *tablet* ou um *smartphone* e está a ouvir o professor sobre a matéria que está a ser lecionada.

Devido à familiarização que os jovens têm com as tecnologias da informação e comunicação, quando estes utilizam redes sociais como o *Facebook*, *YouTube* e *Twitter*, não significa que estejam a realizar *multitask* (Kirschner & Karpinski, 2010). Todavia, estas tecnologias poderão estar a prejudicar a aprendizagem dos estudantes. Os estudantes são atraídos pelas tecnologias e tendem a alternar o seu foco entre os conteúdos das disciplinas e as pesquisas pessoais, colocando em causa a perceção de partilha de opiniões na sala de aula (Hassoun, 2014). Hassoun (2014) acredita que o *multitasking* é um desafio para os professores. Por um lado, os professores podem permitir o acesso aos novos *media* e

correm o risco de os estudantes se distraírem e não terem atenção aos conteúdos. Por outro lado, os professores podem proibir o uso destes *media* no decorrer da aula mas haverá sempre estudantes que conseguem aceder aos telemóveis discretamente.

Do nosso ponto de vista, a utilização dos dispositivos móveis em contexto de sala de aula e quando usados como complemento às aulas podem trazer benefícios. No entanto, Paul et al. (2012) acreditam que existe uma correlação negativa entre o aproveitamento escolar dos estudantes e o tempo gasto no uso dos *media* digitais e Sana et al. (2013) também aludem ao facto de os estudantes estarem cada vez mais envolvidos nos *media* digitais ao longo das aulas. Assim, devem os docentes proibir o uso dos *media* digitais ao longo das aulas, quando estes não estão diretamente relacionados com a matéria, ou devem os docentes assumir que os estudantes são responsáveis pela sua aprendizagem (Paul et al., 2012); (Sana et al., 2013)?

Em suma, as consequências do *multitasking* tornaram-se uma preocupação na educação, uma vez que os estudantes estão cada vez mais envolvidos com a utilização de computadores portáteis, *tablets* e *smartphones* no decorrer das aulas.

### 2.2.3 Literacia mediática – Educação para os *media*

A literacia mediática é a capacidade de aceder, compreender, analisar, avaliar e criar comunicação ou materiais, em diferentes contextos, nomeadamente nos *media* (Buckingham, 2007; Lopes, 2011). Compreender o que são os *media* e a importância de os estudar, implica perceber a influência e os efeitos que estes podem exercer no quotidiano dos jovens que estão expostos às informações provenientes dos meios de comunicação. Quando se está perante informação mediática não é necessário apenas saber ler, é necessário tirar partido dessa informação e distinguir o que é verídico e proveniente, ou não, de fontes seguras (Buckingham, 2007).

A literacia é designada como a capacidade de ler, escrever, perceber e interpretar. Para Lopes (2011), a literacia implica outros conceitos como a reflexão, o “envolvimento cívico e a cidadania” uma vez que estas competências conduzem a que o ser humano seja

capaz de pensar e agir no espaço público (Lopes, 2011 p. 451). O conceito “mediático” compreende o que é transmitido, difundido pelos *media* e que produz um efeito através dos mesmos. Neste contexto, os conceitos de “Educação para os *Media*”, “Literacia Mediática”, “Educação para a Comunicação” e “Literacia Digital”, surgem com frequência como conceitos idênticos (Pinto, Pereira, Pereira, & Ferreira, 2011).

Para Buckingham (2007), falar de literacia digital ou de literacia mediática é aludir à produção e ao consumo de informação, que envolve a escrita e a interpretação. Já Lopes (2011) refere que a literacia mediática inclui o conhecimento digital e não digital. Neste sentido, Lopes (2011) indica que existem níveis baixos de literacia em Portugal. Então, a importância de educar para os *media* é considerada uma componente indispensável para a cidadania, de modo a que os indivíduos possam realizar escolhas informadas, compreender a informação que lhes é transmitida, compreender a natureza dos serviços e adquirir novos conhecimentos provenientes das novas tecnologias da comunicação (Pinto et al., 2011).

A Comissão Europeia assumiu que a literacia dos *media* e a educação para os *media* têm os mesmos objetivos, sendo que ambas visam compreender um conjunto de conhecimentos que permitem que os indivíduos possam fazer um uso consciente e esclarecido dos meios de comunicação (Pinto et al., 2011). Ainda de acordo com estes autores, a educação para os *media* deve-se iniciar o mais cedo possível na vida dos jovens. Atualmente este segmento da população está exposto a conteúdos complexos e vastos provenientes dos diferentes *media*, nomeadamente da Internet, e torna-se importante que estes utilizem os meios de comunicação de forma eficiente e consciente, de modo a se poderem precaver de possíveis ameaças e informações enganosas.

Os professores podem utilizar os *media* sociais como “*aprendizagem baseada nos pares*” (Andrade, 2014 p.337) (os estudantes aprendem entre si) ou os estudantes podem assumir uma atitude mais independente, já que estão familiarizados com as tecnologias. A prática da leitura através dos dispositivos móveis é cada vez mais visível. Neste sentido, Andrade (2014) acredita que é importante existir diálogo entre os autores de livros e os respetivos leitores. O modo como as pessoas leem e escrevem está a passar por processos de mudança, e torna-se necessário “*entender a problemática das literacias*”. Já Pires &

Carvalho (2014) partilham da opinião que a escola deve incentivar à aprendizagem para a comunicação, uma vez que os conteúdos provenientes dos *media* espelham o modo como pensamos.

Deste modo, é importante “preparar os jovens para que se tornem autores responsáveis pela produção e publicação das suas mensagens, dos seus conteúdos, no espaço público” (Lopes, 2011 p. 453) principalmente os estudantes universitários, uma vez que poderão ter um impacto influente na sociedade no futuro. Assim, Lopes (2011) destaca como objetivo a construção de uma “prova de literacia mediática” de modo a contribuir para o conhecimento científico e “contribuir para o envolvimento reflexivo das universidades”. A prova de literacia iria envolver a interpretação e a construção de narrativas provenientes de materiais impressos e a avaliação de técnicas cognitivas através da compreensão e análise de mensagens provenientes dos *media* (Lopes, 2011 p. 454).

Pinto et al. (2011) referem outras iniciativas que podem ser realizadas a partir das escolas, nomeadamente os professores alertarem para os efeitos da publicidade e a sua relação com o consumo; incentivar à análise crítica da informação de modo a que os estudantes tirem partido da mesma; os meios de comunicação, nomeadamente a televisão, aludir a conteúdos com vertente educativa e os professores devem ter formação relacionada com a educação para os *media*. Deste modo os jovens poderão ter a capacidade de usar os *media* com consciência e com conhecimento.



## CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

### 3.1 Natureza do estudo e escolhas metodológicas

O presente estudo pretende descrever, de forma detalhada, os comportamentos e compreender as motivações de um grupo de estudantes do 1.º e 2.º ciclo de estudos do ensino superior, que frequentam cursos da área científica de Ciências e Tecnologias da Comunicação da Universidade de Aveiro, para o uso dos *media* digitais em contexto de sala de aula, não se pretendendo generalizar os resultados obtidos aos estudantes do ensino superior. Optou-se por escolher estudantes do ensino superior, uma vez que a maior parte destes estudantes tem um dispositivo móvel e o acesso à internet é gratuito em todo o campus universitário. Neste sentido, utiliza-se uma abordagem metodológica predominantemente qualitativa, tendo assim como objetivo a “compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas acções num dado contexto” (Craveiro, 2007, p. 202).

Uma investigação de carácter qualitativo “é descritiva, (...) deve ser rigorosa e resultar directamente dos dados recolhidos” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 198), requer um levantamento de questões (Coutinho, 2014) onde o “investigador é o instrumento de recolha de dados” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 198) e os dados que este recolhe têm como propósito a identificação de padrões de motivações e o eventual desenvolvimento de uma posição teórica (Coutinho, 2014).

Para o presente estudo a metodologia eleita foi a Teoria Fundamentada (*Grounded Theory*), uma vez que esta assume um papel interpretativo, possibilita o eventual desenvolvimento de uma posição teórica sobre padrões de ação através da “recolha e análise sistemática e rigorosa dos dados (...) através de um processo indutivo de produção de conhecimento” (Fernandes & Maia, 2001, p. 6). As técnicas de recolha de dados utilizadas foram a observação e a entrevista.

Uma vez que os objetivos da investigação passam por descrever os comportamentos dos estudantes, conhecer as motivações que levam ao uso dos *media* digitais em contexto de aprendizagem e compreender para que fins os *media* digitais são utilizados na sala de

aula, recorreremos à observação participante e despercebida dos observados e a entrevistas semi-estruturadas. Optou-se pelo mesmo método que Hassoun (2014) adotou no seu estudo, ou seja, após o período estipulado para as observações piloto marcámos entrevistas com os sujeitos observados.

### 3.1.1 Observação dos estudantes em estudo

Num ambiente de sala de aula, cada estudante tem um comportamento diferente. De modo a compreender os comportamentos dos estudantes em estudo, recorreremos à “observação participante despercebida pelos observados” (Carmo & Ferreira, 2008, p.120), onde o investigador assume um papel externo no ambiente dos participantes que observa, evitando assim o contacto, o envolvimento e a interação (Coutinho, 2014), com o intuito de realizar uma recolha de dados, recorrendo a um guia de observação e assim descrever os comportamentos observados (Quivy & Campenhoudt, 1995).

O processo de observar passa por “(...) selecionar informação pertinente, através dos órgãos sensoriais e com recurso à teoria e à metodologia científica, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão” (Carmo & Ferreira, 2008, p.111). Neste sentido, de modo a obter-se informação pertinente, as observações foram divididas em dois momentos, a observação piloto e a observação final.

A observação piloto teve como objetivo compreender o comportamento geral das turmas; verificar quais os estudantes que utilizavam com maior frequência os *media* digitais; perceber que posição se podia adotar no espaço físico onde decorriam as aulas; compreender que tipo de registo seria mais adequado para anotar as observações e verificar onde se tinha maior visibilidade dos conteúdos acedidos pelos participantes sem se notar a presença da investigadora.

Optámos por realizar o estudo tendo em conta apenas as aulas teóricas, uma vez que neste tipo de aula o docente geralmente expõe a matéria recorrendo à projeção de apresentações e coloca questões aos estudantes, o que, de certo modo, exige uma maior concentração por parte dos estudantes. Tal não acontece com tanta frequência nas aulas teórico-práticas/práticas, uma vez que, possivelmente, os estudantes irão estar mais



envolvidos com as matérias das aulas e inclusivamente tendem a estar em maior contacto com os dispositivos.

Na tabela seguinte detalhamos a duração das aulas, a metodologia da aula e o respetivo docente.

Aulas teóricas observadas					
Observações	Disciplina	Docente	Duração (horas)	Aulas observadas	Método
Piloto	D1	P1	2	1 aulas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Projeção diapositivos</li> <li>• Projeção de vídeos</li> </ul>
Piloto	D2	P3	1	8 aulas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Projeção diapositivos</li> <li>• Projeção de vídeos</li> </ul>
Piloto	D3	P4	2	2 aulas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Projeção diapositivos</li> </ul>
Final	D4	P2	1	7 aulas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Projeção diapositivos</li> </ul>
Final	D5	P4	2	2 aulas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Projeção diapositivos</li> </ul>
Final	D12	P2 e P3	2	3 aulas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Projeção diapositivos</li> <li>• Projeção de vídeos</li> </ul>
Piloto	D16	P3 e P8	2	1 aula	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Projeção diapositivos</li> <li>• Projeção de vídeos</li> </ul>

*Tabela 1 - Dados gerais das disciplinas.*

As observações piloto decorreram ao longo de 5 semanas no 1.º semestre do ano letivo 2015/2016.

Durante a observação piloto optou-se por recorrer ao uso de uma grelha de observação (Figura 6). Nessa grelha optou-se por registar a hora e, quando possível, o dispositivo e/ou os conteúdos a que os estudantes acederam, por exemplo, o aluno “1” que num registo à parte registámos ser o aluno AN10, acedeu ao dispositivo telemóvel e pudemos verificar que o conteúdo acedido foi a rede social *Facebook*.

Após as observações piloto foi-nos possível compreender que os participantes se dividiam em dois grupos: os que utilizavam e os que não utilizavam os *media* digitais no

decorrer das aulas. Importa referir que, no decorrer da observação piloto, a investigadora não se posicionou no mesmo lugar.

Hora	1	2	3	4	5	6	7	8

*Figura 6 - Grelha de observação*

Considerámos importante que a investigadora se posicionasse em diferentes partes da sala (frente, meio e trás) para verificar se existiam diferentes comportamentos por parte dos estudantes aí observados. Hassoun (2014) refere a importância de o investigador se posicionar em diferentes partes da sala, uma vez que os estudantes que se sentam mais à frente na sala têm comportamentos diferentes dos estudantes que se sentam mais atrás na sala de aula. O autor indica que os estudantes que se sentam atrás na sala de aula tendem a diminuir o brilho dos ecrãs de modo a não ser notado o uso que fazem dos dispositivos móveis no decorrer da aula.

Como refere Carmo & Ferreira (2008), para se observar determinados acontecimentos, deve-se seguir três operações: o treino da atenção, estar familiarizado com os estudos teóricos e empíricos do estudo e ter uma formação metodológica firme, ou seja, comparar o que se observa tendo em conta o que se já se observou. Assim, após estarmos mais familiarizados com a técnica de observação e com os estudos empíricos relacionados com o presente estudo, as observações finais tornaram-se mais concisas, uma vez que a investigadora já conhecia os estudantes e os seus respetivos nomes, já sabia qual o comportamento de determinados estudantes, nomeadamente os estudantes que recorriam com maior ou menor frequência aos dispositivos móveis e também já sabia como

tirar as anotações das observações mesmo quando os estudantes observados sentavam-se por perto.

As observações finais do 1.º ciclo de estudos decorreram no 2.º semestre do ano letivo 2015/2016 ao longo de 6 semanas e as observações finais do 2.º ciclo de estudos decorreram ao longo de 6 semanas no 2.º semestre do ano letivo 2015/2016. Todas as aulas do 2.º ciclo de estudos eram lecionadas em pacotes de 2 horas que correspondiam a 2 semanas de aulas (devido ao regime *blended-learning*).

Nas disciplinas D4, D5 e D12, os docentes recorriam também ao uso da projeção das matérias das aulas e recorriam ao debate com os estudantes. É de referir que na disciplina D12, considerámo-la uma unidade curricular mais dinâmica, na medida que os estudantes participavam mais e interagiam com maior frequência com os docentes.

Nas observações finais verificou-se que os estudantes observados se dividiam, de facto, em três grupos: os estudantes que acediam com muita frequência aos *media* digitais, os estudantes que acediam aos *media* digitais e os estudantes que não acediam aos *media* digitais no decorrer das aulas.

É de salientar que os docentes responsáveis por cada disciplina autorizaram previamente a realização das observações por parte da investigadora.

#### 3.1.1.1 Análise crítica à técnica de observação utilizada

Ao recorrermos à observação participante, nem sempre foi possível observar todos os estudantes presentes na aula, nem como estar atenta a todas as informações a que estivemos expostos (Strauss & Corbin, 2008), devido aos diferentes comportamentos dos vários estudantes presentes nas aulas. Assim, as observações tiveram também o propósito de verificar que, apesar da investigadora ter como objetivo observar os comportamentos dos estudantes quando estão perante o uso dos *media* digitais, nem sempre foi possível observar na íntegra todos esses comportamentos.

No decorrer da observação final nem sempre foi possível recorrer ao uso da grelha de observação, uma vez que optámos por nos posicionar mais perto dos estudantes em

determinadas aulas, tendo-se optado por realizar anotações em forma de texto, como se pode verificar nos anexos III, IV, V e VI.

Como referem Strauss & Corbin (2008), devido ao excesso de informação a que os investigadores estão expostos aquando da prática da observação, algumas informações poderão ter passado despercebidas.

Assim, se no futuro se considerar realizar observações de comportamentos de forma natural, já se sabe que nem sempre será necessário recorrer ao uso de grelhas de observação. O facto de se fazer anotações de determinados comportamentos é, no nosso ponto de vista, suficiente, na medida que uma vez definido o que se pretende observar nos indivíduos do estudo, há determinados comportamentos que podem ser anotados de forma geral. Por exemplo, na presente investigação, verificámos um padrão de comportamento por parte de alguns estudantes: colocavam o telemóvel em cima da mesa e não o utilizavam ao longo da aula. Neste caso, de nada servia recorrermos ao uso de uma grelha e registar este comportamento.

Outra questão que importa referir foi que os docentes das disciplinas em questão forneceram, no decorrer das observações piloto, uma lista das turmas com a respetiva fotografia e nome dos estudantes. Assim, tornou-se mais fácil a investigadora familiarizar-se com os estudantes e tirar as suas anotações.

### 3.1.2 Entrevistas aos estudantes em estudo

Com a informação acerca dos estudantes que acediam aos *media* digitais no decorrer das aulas e, quando possível, dos respetivos conteúdos, passámos a uma fase de interpretação e comparação destes dados recorrendo a uma outra técnica de recolha de dados, o instrumento inquérito por entrevista. Recorrendo à entrevista tentou-se compreender as razões que levavam os três grupos de estudantes a ter comportamentos diferentes num ambiente com condições semelhantes. Optou-se por realizar entrevistas individuais semi-estruturadas aos estudantes e aos respetivos docentes, de modo a que os participantes tivessem alguma liberdade de resposta relativamente aos seus

comportamentos e opiniões e a investigadora tivesse a possibilidade de recolher as informações que mais lhe interessavam para o presente estudo.

Gilbert (1993) refere que, quando optamos por recolher dados através de entrevistas, devemos recorrer a um guião de modo a nos orientarmos relativamente às questões que se pretende colocar aos entrevistados.

O guião de entrevistas (Anexo I) foi dividido em três partes. Na primeira parte recolheu-se informação relacionada com a idade; o tipo de dispositivo que o estudante possuía; os conteúdos a que o estudante acedia através do dispositivo em questão fora das aulas; os dispositivos e os respetivos conteúdos a que o estudante acedia dentro das aulas e os motivos que o levavam a aceder a esses mesmos conteúdos. Quanto à segunda parte do guião, esta era destinada apenas aos estudantes que acediam a conteúdos através dos *media* digitais em contexto de sala de aula. Neste sentido tentou-se compreender a posição do estudante relativamente a:

- Vantagens e desvantagens do uso dos *media* digitais no decorrer das aulas;
- Maior ou menor uso dos *media* digitais pelo facto de a aula ser teórica;
- Se o lugar onde o estudante se sentava e a tipologia da sala poderia implicar um maior ou menor uso de *media* digitais;
- Se os estudantes se sentiam incomodados com a possibilidade de outros colegas poderem visualizar os conteúdos que estes acediam;
- Se os estudantes comunicavam entre si através dos *media* digitais no decorrer da aula;
- Conhecer a opinião dos estudantes face ao uso dos *media* digitais por parte dos colegas;
- Se o uso dos *media* digitais por parte dos colegas que estejam posicionados em redor se torna num fator de distração;
- À opinião dos estudantes face à posição adotada por cada um dos docentes das respetivas disciplinas observadas;
- Se a proibição por parte dos docentes em relação ao uso dos *media* digitais, conduz a um menor uso;

- Se os estudantes escondem o uso dos *media* digitais ao longo das aulas de modo a que os docentes não possam verificar se de facto os estudantes utilizam;
- Encontrar soluções para um uso mais controlado por parte dos estudantes.

Já a terceira parte do guião foi destinada aos estudantes que não utilizavam os *media* digitais no decorrer das aulas, pretendendo-se:

- Conhecer a possibilidade de verificar se os estudantes tiram partido dos *media* digitais no decorrer das aulas;
- Compreender se o facto de a aula ser teórica implica uma menor utilização dos *media* digitais no decorrer das aulas;
- Verificar se o lugar onde o estudante se senta influencia o escasso uso dos *media* digitais;
- Compreender se os estudantes observam os restantes colegas utilizarem os *media* digitais em contexto de sala de aula;
- Compreender se a utilização dos *media* digitais por um colega poderá tornar-se num fator de distração;
- Verificar o conhecimento do estudante relativo à permissão do professor para o uso dos *media* digitais em contexto de sala de aula;
- Compreender se a proibição por parte dos docentes em relação ao uso dos *media* digitais potencia o menor uso;
- Encontrar soluções para um uso mais controlado por parte dos estudantes.

Para a realização das entrevistas, a investigadora abordou os diferentes estudantes no início de aulas aleatórias. Após a abordagem, marcou-se uma hora, local e data, de acordo com a disponibilidade e disposição dos estudantes, para a sua realização.

Na realização das entrevistas, as perguntas do guião foram seguidas e foi pedido aos estudantes que respondessem às perguntas, tendo apenas em conta as disciplinas das aulas observadas. Ou seja, caso um estudante fosse um utilizador muito frequente dos *media* digitais nas restantes disciplinas e, na disciplina em estudo, não utilizasse qualquer *media*, esse estudante teria de responder de acordo com a disciplina em estudo e seria

considerado como um utilizador não frequente dos *media* digitais em contexto de sala de aula.

As entrevistas decorreram no 2.º semestre do ano letivo 2015/2016 e entrevistámos 27 estudantes: 11 estudantes do 1.º ciclo de estudos e 16 estudantes do 2.º ciclo de estudos. A sua duração média foi de  $\approx 11,55$  minutos, sendo que a entrevista mais curta teve uma duração de 4,3 minutos e a entrevista mais longa uma duração de 45,28 minutos que, por serem valores extremos, não foram contabilizados para a média da duração das entrevistas.

As entrevistas ficaram registadas em formato áudio, gravado através do *smartphone* da investigadora e, posteriormente, foram transcritas (Anexos VII e VIII) tendo em conta as respostas relevantes para o presente estudo.

Apesar de se garantir o anonimato de todas as identidades e da informação recolhida no decorrer das observações e entrevistas, deparámo-nos com estudantes que não compareceram nos dias marcados e tivemos de remarcar as entrevistas. Também houve estudantes que não quiseram ser entrevistados, tendo-se por isso identificado outros estudantes que, no decorrer das observações, passaram despercebidos, para serem entrevistados. Isto fez com que as entrevistas se prolongassem por mais duas semanas do que o previsto inicialmente, perfazendo então um total de quatro semanas para a realização das entrevistas aos estudantes.

### 3.1.2.1 Análise crítica à técnica de inquérito por entrevista utilizada

Na presente investigação, o inquérito por entrevista foi uma técnica vantajosa, uma vez que, tal como é referido por Coutinho (2014), permitiu a avaliação de atitudes, a aquisição de informação detalhada e profunda sobre a investigação, sendo a sua amostra intencional e existindo interação entre o investigador e o participante. Como já referimos anteriormente, no presente estudo, optou-se por recorrer à observação dos estudantes da área científica de Ciências e Tecnologias da Comunicação, uma vez que do nosso ponto de vista, estão familiarizados com o uso de dispositivos e ao longo das aulas práticas têm de

recorrer, obrigatoriamente, a esses dispositivos. Assim, pretendeu-se verificar qual seria o comportamento destes estudantes nas aulas teóricas.

Gilbert (1993) refere que existem dois tipos de questões quando recorremos ao inquérito por entrevista: as questões abertas e fechadas. As perguntas fechadas normalmente induzem respostas do tipo sim ou não. Apesar de serem fáceis de codificar e o entrevistado ter a possibilidade de demorar menos tempo a responder, esse tipo de perguntas não seria vantajoso para a presente investigação, uma vez que através desse tipo de resposta não nos seria possível conhecer os motivos que levavam os estudantes a aceder aos *media* digitais nas aulas. Assim, optámos por perguntas abertas já que estas possibilitam aos entrevistados responder livremente, dentro das questões colocadas pela investigadora. Contudo, este tipo de pergunta pode tornar as respostas ambíguas e difíceis de categorizar e ainda demoradas a codificar e a analisar (Gilbert, 1993), o que aconteceu na presente investigação.

O uso de inquéritos por questionário não seria tão adequado, uma vez que estes normalmente requerem um grande número de participantes, quase sempre um uso de amostras probabilísticas e os dados são quase sempre mensuráveis (Coutinho, 2014), o que não se aplica ao presente estudo. Se recorrêssemos ao uso de questionários, os dados recolhidos poderiam não ser tão detalhados como se esperava que fossem face ao uso das entrevistas semi-estruturadas.

### 3.1.3 Entrevistas aos docentes do estudo

Tal como tentámos compreender as motivações que levavam os estudantes a aceder aos dispositivos móveis ao longo das aulas, tornou-se importante também compreender a posição e a perspetiva dos docentes face ao uso dos *media* digitais pelos estudantes atualmente. Carmo & Ferreira (2008) referem que, quando um investigador inicia uma entrevista, sabe pouca informação do entrevistado. Assim, optámos por recorrer ao uso de entrevistas semiestruturadas com os docentes pelas mesmas razões referidas para os estudantes. Não nos seria possível conhecer a perspetiva dos docentes se recorrêssemos



ao uso de questionários ou de entrevistas com perguntas fechadas. O uso do questionário não podia ser também adotado nas entrevistas dos docentes pelas mesmas razões descritas no tópico 3.1.2, apesar de não termos como objetivo compreender as motivações dos docentes.

Na presente investigação, sabíamos apenas a postura dos docentes das respetivas disciplinas, relativamente à utilização de dispositivos, que observámos nas aulas. Deste modo, tornou-se importante compreendermos a opinião dos docentes face às questões apresentadas no ponto 2.1.3.

Assim, com as entrevistas realizadas pretendeu-se compreender a posição dos docentes cujas aulas foram observadas face:

- Ao uso dos *media* digitais por parte dos estudantes nas suas aulas;
- À postura que adotam quando um estudante interage com os *media* digitais sem que lhes tenha sido solicitado;
- Ao uso, em geral, dos *media* digitais pelos jovens atualmente, nomeadamente os conteúdos a que estes acedem;
- À eventual diferença de posição que o docente adota, no 1.º e 2.º ciclo, face ao uso dos *media* digitais;
- À sua opinião relativamente ao uso dos *media* digitais nos últimos cinco anos;
- À possibilidade de serem realizadas ações de modo a que os estudantes acessem menos aos *media* digitais nas aulas.

Considerámos importante compreender a opinião dos docentes e verificar se estes referiam soluções para um decréscimo do uso dos dispositivos ao longo das aulas e verificar se a postura que estes mantinham ia ao encontro do que os estudantes descreviam.

Entrevistámos 4 docentes no 2º semestre do ano letivo 2015/2016. As entrevistas tiveram uma duração média de  $\approx 7,3$  minutos, sendo que a entrevista mais curta teve uma duração de  $\approx 4,17$  minutos e a entrevista mais longa uma duração de  $\approx 9,5$  minutos.

Importa referir que o processo de contacto com os docentes passou pelo mesmo procedimento que os estudantes. Marcou-se uma data por *e-mail* e/ou presencialmente,

hora e local, conforme a disponibilidade dos docentes e foram realizadas entrevistas individuais. Na entrevista, seguiu-se as perguntas constantes do guião e pediu-se que os docentes respondessem. A investigadora gravou as entrevistas em formato de áudio através do seu *smartphone* e, posteriormente, as entrevistas foram transcritas (Anexo IX).

## CAPÍTULO IV- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

No presente capítulo descreve-se todo o processo de análise dos dados provenientes das entrevistas semiestruturadas aos estudantes do estudo. Sempre que se considerar relevante, apresentam-se os dados recolhidos através das observações realizadas no sentido de verificar possíveis semelhanças e/ou diferenças nas conclusões verificadas.

Apresentamos ainda os dados gerais dos estudantes e damos a conhecer quais são os dispositivos móveis que os estudantes possuem e quais os que utilizam diariamente. Referimos os dispositivos e os conteúdos que os estudantes acedem em contexto de sala de aula e procuramos compreender se a tipologia das salas e o lugar onde os estudantes se sentam influencia num maior uso dos dispositivos ao longo das aulas, assim como se a postura dos docentes se reflete num maior ou menor uso dos dispositivos.

Apresentamos ainda as motivações encontradas que levam os estudantes a aceder aos *media* digitais e sociais ao longo das aulas e também os motivos que leva um grupo de estudantes a não aceder aos dispositivos móveis nas aulas. Considerámos importante não só abordar as razões e as diferentes variáveis que levam os estudantes a aceder aos *media* digitais em contexto de sala de aula. Neste sentido, tentámos procurar junto dos estudantes, possíveis soluções que possam levar a uma diminuição do uso dos dispositivos móveis durante as aulas.

Por fim, apresentamos os resultados obtidos nas entrevistas realizadas aos docentes participantes do estudo.

#### 4.1 Procedimentos da análise dos dados qualitativos

Recorreu-se ao *software* MAXQDA 12 para suportar o processo de análise qualitativa dos dados associados às transcrições integrais das entrevistas realizadas.

O processo iniciou-se com a categorização<sup>1</sup> das perguntas do guião de entrevistas.

Após a identificação das “categorias” (códigos no *software* MAXQDA), selecionaram-se partes do texto transcrito associadas a cada código. Deste modo, ao codificarem-se secções de cada entrevista, percebeu-se que era necessário detalhar e reorganizar as codificações, isto é, determinados códigos deviam ser eliminados, assim como outros códigos deviam ser reordenados e/ou complementados. Temos como exemplo o código “Direito do estudante” que estava inserido no código “Estudantes” como um código independente, isto é, não estava inserido em nenhuma categoria. Com este código (“Direito do Estudante”), pretendíamos codificar os excertos das entrevistas, em que os estudantes diziam ser um direito utilizar os dispositivos móveis ao longo das aulas. Na versão final da tabela de códigos, passou a fazer parte do subcódigo “Opinião do estudante” dentro do código principal “Aulas”. Assim, os segmentos sofreram várias alterações ao longo de todo o processo de codificação. Podemos verificar a evolução das codificações nos anexos X e XI.

De notar ainda que, durante este processo, com o objetivo de reduzir o grau de subjetividade inerente à codificação, solicitámos a um elemento externo à presente investigação que fizesse a categorização de 5 entrevistas (Anexo XIII), 2 entrevistas do 1.º ciclo de estudos e 3 entrevistas do 2.º ciclo de estudos. Verificámos que a concordância na categorização e codificação dos dados recolhidos nas entrevistas em questão foi superior a 80%.

Por uma questão de facilidade de operacionalização, optou-se por dividir as categorias em duas partes: informação geral dos estudantes, que se refere aos dados relativos ao ciclo de estudos, idade, dispositivos que possui, frequência de acesso aos dispositivos, aplicações e serviços que o estudante acede e motivos pelo qual este acede

---

<sup>1</sup> Entende-se por categorização a classificação de elementos agrupados por critérios previamente definidos com um título pertencente à categoria. Por exemplo, todas as respostas que aludem ao acesso às redes sociais fora do contexto de sala de aula, ficam agrupadas na categoria “Redes Sociais” (Bardin, 1977).

aos conteúdos em questão. A segunda parte da categorização refere-se a informações mais detalhadas referentes ao uso dos dispositivos móveis em sala de aula.

Definida a estrutura final das codificações (Tabela 2 e Anexo XII), o processo de codificação dos excertos das entrevistas foi adaptado aos novos grupos de códigos. Importa referir que determinados excertos não foram categorizados em nenhum dos códigos existentes, uma vez terem sido referidos com pouca frequência pelos estudantes. Assim, denominamo-los como “outros” motivos relacionados com o uso dos dispositivos.

	Código principal	Subcódigos
Estudante	Dados Pessoais	Idade; ciclo de estudos; dispositivos que o estudante possui e a respetiva frequência de acesso
	Aplicações e serviços que o estudante acede	Motivos que levam o estudante aceder a esses conteúdos
	Lugar onde o estudante se senta	Se permite ou não utilizar o dispositivo
Aulas	Uso do dispositivo nas aulas teóricas	Se é maior ou menor
	Estudantes que não utilizam os dispositivos nas aulas	Motivos porque não acederem
	Estudantes que utilizam os dispositivos nas aulas	Escondem que usam; quais os dispositivos que usam; a que serviços, aplicações e conteúdos acedem; os motivos que os levam a aceder a esses conteúdos
	Vantagens e desvantagens de utilizar os dispositivos nas aulas	
	Tipologia da sala	Permite um maior ou menor uso dos dispositivos
	Postura e permissão do professor	Segundo a informação dada pelos professores
	Opinião do estudante	Caso o professor permita o uso dos dispositivos; se o professor deve permitir o uso dos dispositivos; se o estudante tem o direito de utilizar os dispositivos
	Uso dos dispositivos por parte dos colegas	Qual o ponto de vista dos estudantes
	Soluções referidas pelos estudantes para uma diminuição do uso dos dispositivos nas aulas	

*Tabela 2 - Tópicos finais das codificações do software MAXQDA 12.*

Quanto aos dados das observações, optámos por organizá-los em tabelas e salientámos os dados que considerámos relevantes para que pudéssemos mobilizá-los posteriormente. Assim, ao longo de todas as observações, fomos registando os estudantes que verificávamos serem utilizadores muito frequentes, frequentes ou pouco frequentes dos dispositivos móveis nas aulas. Quando verificávamos existir alguma informação importante, destacámo-la nas anotações das observações. Temos, como exemplo, o estudante AN10, que utilizava os dispositivos móveis com frequência no decorrer das observações piloto e, no entanto, participava na aula. Assim, nos registos das observações salientámos este comportamento com o objetivo de o questionar sobre o seu comportamento. No entanto, no guião de entrevistas, não existia nenhuma questão que abordasse a relação entre o uso dos *media* digitais e a participação na aula mas considerámos importante questionar este estudante para que pudéssemos compreender porque é que este acedia ao seu dispositivo e respondia em simultâneo ao docente.

O mesmo aconteceu com o estudante AC14 que, no decorrer das observações finais, verificámos que recorria ao uso do computador portátil e teclava com frequência. No entanto, não nos era possível verificar o que o estudante estava a fazer concretamente. Assim, no decorrer da entrevista, questionámos o estudante com vista a compreender o que na verdade este fazia.

Deste modo, quando considerámos importantes alguns comportamentos verificados nas observações, questionámos os estudantes apesar de essas questões não estarem inseridas no guião de entrevista.

## 4.2 Apresentação dos resultados obtidos nas entrevistas dos estudantes

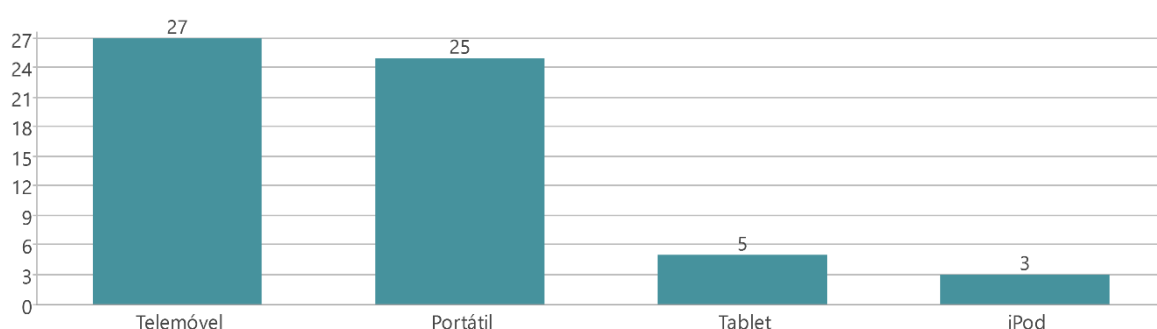
### 4.2.1 Dados gerais dos estudantes e respetiva utilização dos dispositivos fora da sala de aula.

No que diz respeito aos estudantes, importa realçar alguns dados gerais que os caracterizam. Realizaram-se 31 entrevistas, a 27 estudantes do 1º e 2º ciclo de estudos e 4

entrevistas aos respetivos docentes. Ao longo do presente capítulo serão citadas transcrições das entrevistas dos estudantes. Quando recorrermos ao uso das siglas “AN” seguidas de um número, referimo-nos aos estudantes do 1.º ciclo de estudos. Quando recorrermos o uso das siglas “AC” seguidas de um número, referimo-nos aos estudantes do 2.º ciclo de estudos. O mesmo se aplica às disciplinas “D”. Importa referir que ao longo das entrevistas os estudantes referiram outras disciplinas da área e de modo a garantir o anonimato dessas citações, procedemos à numeração das mesmas. Como já foi referido, mantivemos sempre o anonimato das entidades. Assim, atribuímos um número a cada estudante entrevistado, docente, disciplina e sala.

Como já foi referido anteriormente, dos 27 estudantes entrevistados, 11 eram estudantes do 1º ciclo de estudos e 16 estudantes frequentavam o 2º ciclo de estudos. As idades dos estudantes estavam compreendidas entre os 19 e os 39 anos. Salienta-se que os resultados apresentados no presente tópico irão abranger ambos os ciclos de estudo. Apenas quando se achar conveniente, serão dadas a conhecer diferenças que foram evidentes entre os estudantes dos dois ciclos.

Através da codificação das entrevistas verificou-se que todos os estudantes possuem telemóvel, 25 em 27 estudantes possuem portátil e os dispositivos como o *Tablet* e o *iPod* são os menos detidos pelos estudantes em estudo (ver Gráfico 1).



*Gráfico 1 - Dispositivos móveis que os estudantes possuem.*

Verificou-se ainda que os dispositivos que os estudantes possuem são utilizados diariamente. Importa ainda salientar que não foi pedido nas entrevistas que discriminassem a frequência de utilização por dispositivo. Apenas temos conhecimento que

um estudante específico utiliza apenas o computador portátil uma a três vezes por semana, como consta no seguinte gráfico.

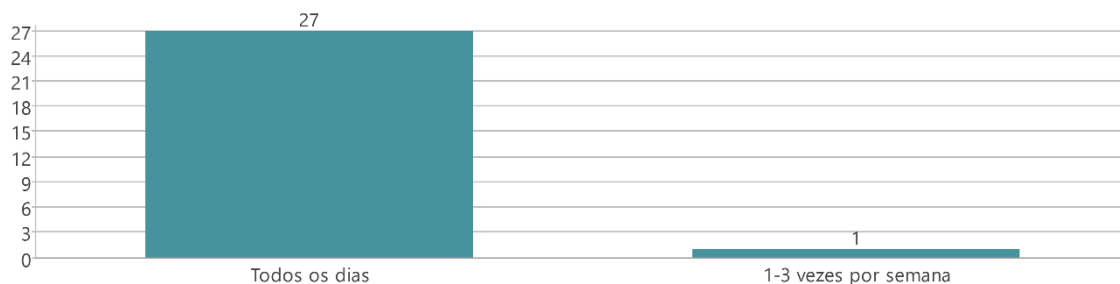


Gráfico 2 - Frequência de acesso aos dispositivos fora das aulas.

Quanto à tipologia de aplicações a que os estudantes acedem no seu quotidiano, destacam-se as redes sociais, nomeadamente o *Facebook*, *Facebook Messenger*, *YouTube*, *Instagram*, *Snapchat*, *Twitter*, *Tumblr*, *Reddit*, *Pinterest* e o *Linkedin*. Além das redes sociais, os estudantes utilizam os seus dispositivos para aceder à aplicação UA-mobile, ao *e-mail*, a motores de busca e ainda para jogar.

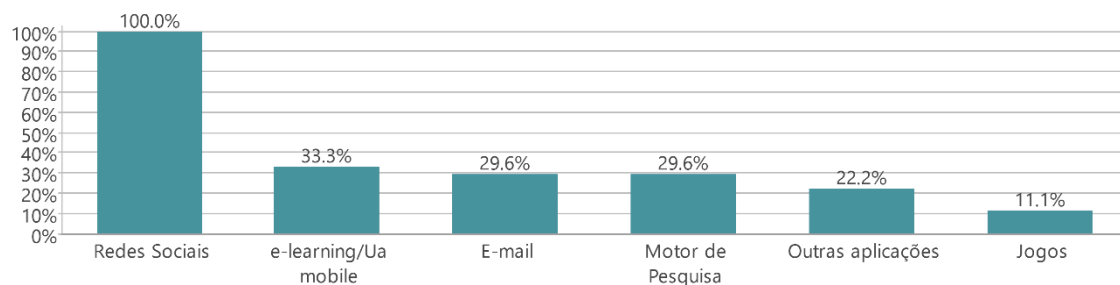


Gráfico 3 - Conteúdos que os estudantes acedem através dos dispositivos fora das aulas.

Neste sentido, tentou-se compreender os motivos que levam os estudantes a aceder a essas aplicações através dos seus dispositivos móveis quando não estão em ambiente de sala de aula, de modo a verificar se esses motivos seriam idênticos aos existentes no contexto de sala de aula. Como se pode verificar no gráfico seguinte, 44% dos estudantes (11 estudantes) acedem aos dispositivos móveis fora das aulas para fins de trabalho, 44% (11 estudantes), referem que precisam de estar atualizados ou ligados, ou seja, estar



contactáveis, 40% dos estudantes (10 estudantes) referem que utilizam os dispositivos móveis como meio de comunicação, 32% (10 estudantes) referem ainda recorrer ao uso dos dispositivos móveis para fins de entretenimento, 20% (8 estudantes) realçam a facilidade em poder partilhar e aceder a determinados conteúdos, 16% (4 estudantes), indicam recorrer aos dispositivos móveis para realizar pesquisa e, apenas 8% (2 estudantes) dizem utilizar os dispositivos por hábito ou rotina.

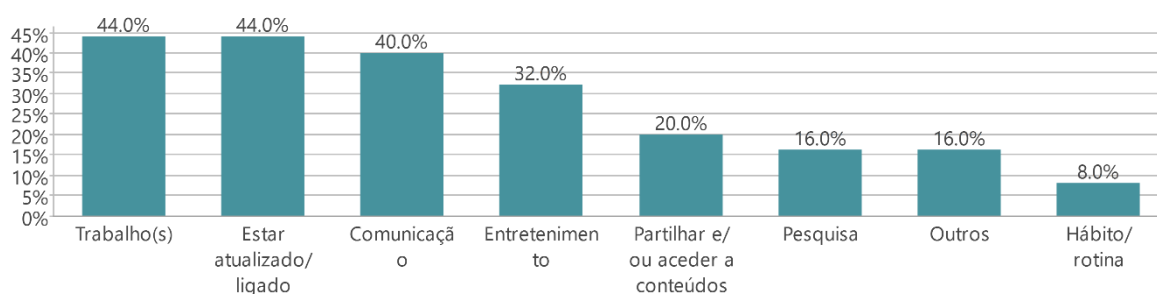


Gráfico 4 - Motivos pelos quais os estudantes acedem aos dispositivos fora das aulas.

#### 4.2.2 Utilização dos dispositivos em contexto de sala de aula

Os estudantes estão cada vez mais envolvidos no uso dos *media* digitais no decorrer das aulas e sentem-se aliciados por alternar a atenção entre os conteúdos das aulas e as pesquisas pessoais (Hassoun, 2014; Sana et al., 2013). Deste modo, torna-se importante conhecer quais os dispositivos móveis que são mais utilizados pelos estudantes do presente estudo.

Começámos por questionar os estudantes sobre a opinião dos mesmos face ao uso dos dispositivos no decorrer das aulas, de modo conhecermos as vantagens e/ou desvantagens segundo as suas perspetivas. Verificou-se que os estudantes destacam tanto as vantagens como as desvantagens face ao uso dos dispositivos, como se pode confirmar nos seguintes gráficos.

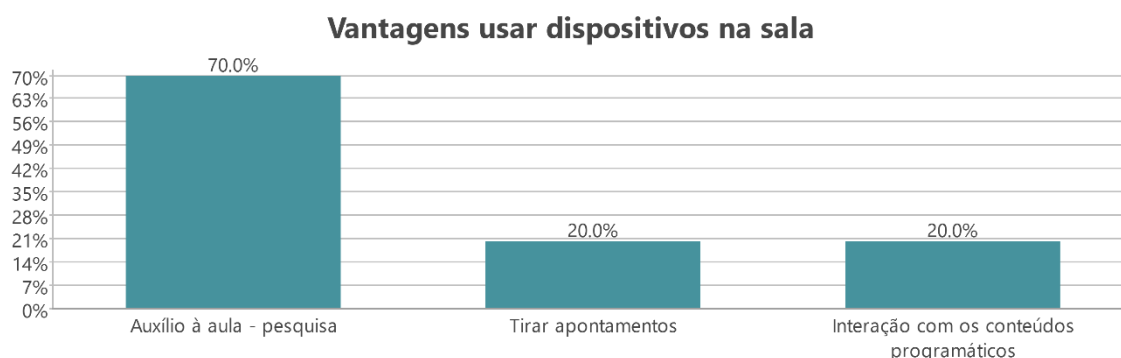


Gráfico 5 - Vantagens em utilizar os dispositivos nas aulas.

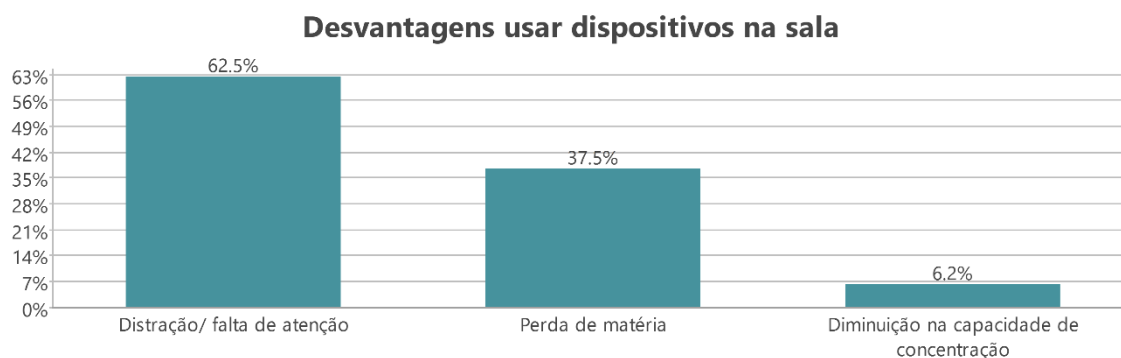


Gráfico 6 - Desvantagens em utilizar os dispositivos na aula.

Os estudantes reconhecem que existem benefícios quando utilizam os dispositivos nas aulas para realizar pesquisas como auxílio às dinâmicas da aula, quando tiram apontamentos da aula no dispositivo e se houver a possibilidade de existir uma interação entre os conteúdos programáticos na sala e o uso dos dispositivos.

Quanto às desvantagens, os estudantes referem que a distração e/ou falta de atenção é um fator predominante associado ao uso dos dispositivos em contexto de sala de aula, assim como a perda de matéria e a diminuição na capacidade de concentração. Deste modo, a opinião dos estudantes vai ao encontro do que já se referiu face ao comportamento de mudança constante de tarefa. Segundo Kirschner & Karpinski (2010), os humanos não têm a capacidade de realizar *multitasking* e apenas têm a capacidade de mudar rapidamente de uma tarefa para outra. O uso do *multitasking* exerce um impacto

negativo na eficácia e na eficiência das tarefas em execução e poderá levar a resultados de aprendizagem mais pobres (Kirschner & Karpinski, 2010).

Em suma, verificou-se que a opinião dos estudantes está relativamente equilibrada, já que destacam tanto vantagens como desvantagens em utilizar os dispositivos móveis no decorrer das aulas.

#### 4.2.2.1 Dispositivos utilizados em contexto de sala de aula

No presente estudo, averiguou-se junto dos estudantes que indicaram utilizar dispositivos em contexto de aula, quais os dispositivos móveis que são usados no contexto de sala de aula. Verificou-se que 64,5% (21 estudantes) utilizam o telemóvel durante as aulas e 35,5% (11 estudantes), partilham o uso do portátil como se pode verificar no seguinte gráfico.

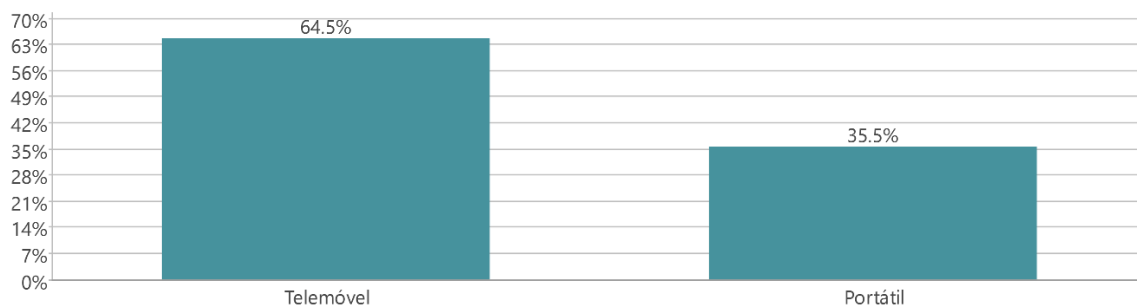


Gráfico 7 - Dispositivos utilizados nas aulas (telemóvel+portátil).

Foi também possível apurar através das entrevistas que os estudantes interagem com maior frequência com os *media* digitais no decorrer de aulas teóricas. Nas entrevistas, 11 estudantes referiram utilizar mais os *media* digitais nas aulas teóricas, 6 estudantes utilizam menos os *media* digitais nas aulas teóricas e 5 estudantes utilizam os *media* digitais de forma igual quer nas aulas teóricas quer nas aulas práticas.

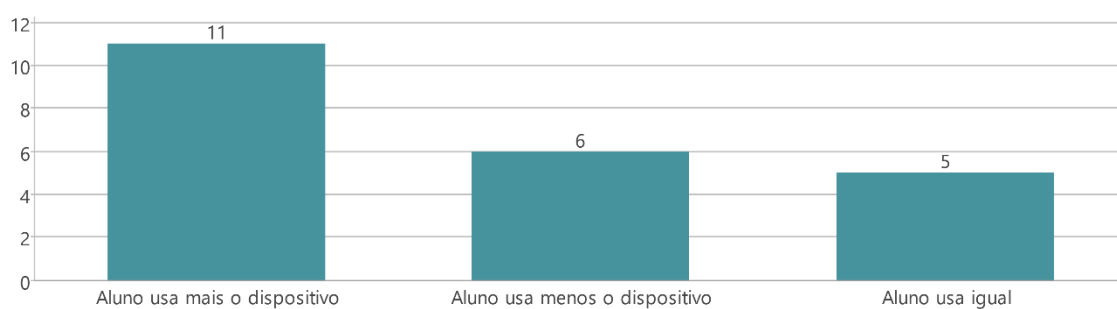


Gráfico 8 - Acesso aos dispositivos móveis nas aulas teóricas.

As razões que levam os estudantes a utilizar os *media* digitais nas aulas teóricas passam, fundamentalmente, pelo facto de a aula não ser prática e exigir mais atenção dos estudantes o que, segundo estes, leva a que acabem por ficar aborrecidos. Esta ideia ficou clara em alguns excertos de entrevistas, sendo referido que: *“como é teórico... e as aulas de D4 ... são praticamente power point e falar ... torna-se um bocado ... seca.”* (AN4); *“Na aula teórica, como nós estamos quietos, calados eh... a ouvir simplesmente a parte teórica, não é? Ao fim de alguns minutos a nossa atenção já não é a mesma! Ou seja, nós vamos perdendo a atenção”* (AC5); *“Porque é mais... mais parado e exige menos de si. A prática preciso não mexer no telemóvel porque eu preciso fazer alguma coisa de facto. A teórica não, teoricamente eu só preciso prestar atenção.”* (AC13).

Os estudantes que referem que utilizam com menor frequência os dispositivos nas aulas teóricas justificam as suas escolhas afirmando: *“Menos! Porque acho que estou mais distraída quando estou com o computador! E nas teóricas não costumo tirar o computador para fora sequer. Até estou mais a ouvir”*, (AC4); *“Porque eu tenho receio de perder alguma coisa que o professor diga.”*, (AN8). Importa referir que 3 dos estudantes que referem utilizar menos os dispositivos móveis nas aulas teóricas identificaram-se, nas entrevistas, como não utilizadores dos dispositivos nas aulas e verificou-se tal comportamento nas observações.

Já nos estudantes do 2.º ciclo verificou-se que 8 estudantes acedem ao telemóvel e ao computador portátil; 5 estudantes acedem apenas ao telemóvel; 2 estudantes acedem apenas ao computador portátil e um estudante não acede a nenhum dispositivo móvel durante as aulas.

Assim, pôde-se verificar que os estudantes do 1º ciclo apenas acedem ao telemóvel no decorrer das aulas teóricas e que os estudantes do 2º ciclo utilizam o telemóvel e/ou o computador portátil no decorrer das aulas teóricas.

Tentou-se, ainda, perceber com que frequência os estudantes acedem aos *media* digitais ao longo da aula. Para tal, recorreu-se ao uso de uma tabela de modo a comparar a frequência de uso, verificada através das observações (pilotos e finais), e o uso que os estudantes referem fazer no decorrer das aulas e que referiram nas entrevistas.

Estudante	Utilização segundo as observações	Utilização segundo a perspetiva do estudante	Coesão entre as respostas
AC1	MF	F	NC
AC2	MF	MF	C
AC3	MF	F	NC
AC4	PF	PF	C
AC5	F	F	C
AC6	Sem registos	NF	-
AC7	PF	PF	C
AC8	MF	MF	C
AC9	PF	PF	C
AC10	F	F	C
AC11	MF	PF	NC
AC12	F	F	C
AC13	F	PF	NC
AC14	PF	PF	C
AC15	PF	F	NC
AC16	PF	PF	C
AN1	PF	PF	C
AN2	PF	PF	C
AN3	PF	PF	C
AN4	MF	F	NC

AN5	NF	NF	C
AN6	NF	PF	C
AN7	PF	F	NC
AN8	NF	NF	C
AN9	NF	NF	C
AN10	MT	MF	C
AN11	F	PF	NC

MF – Muito Frequente; F- Frequente; PF- Pouco Frequente; NF- Nada frequente; C- Corresponde; NC- Não corresponde

*Tabela 3 - Comparação dos dados das observações e entrevistas face ao uso dos dispositivos.*

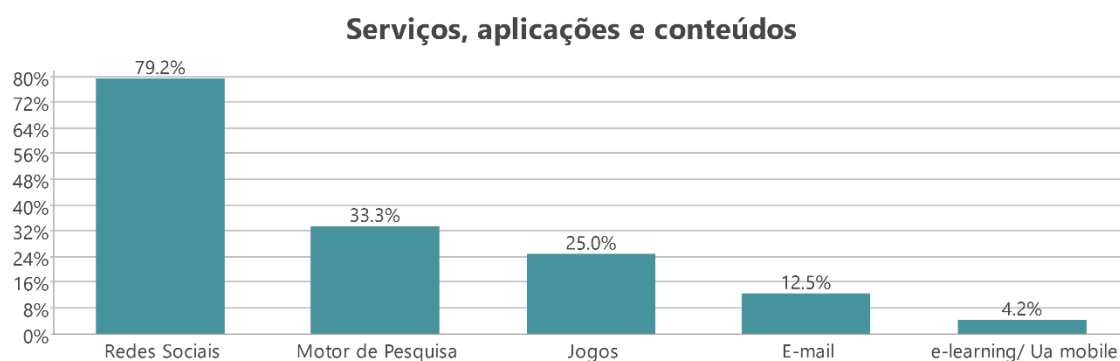
Importa referir que a escala de utilização do uso dos dispositivos na perspetiva da investigadora poderá não ser a mesma dos estudantes.

Contudo, ao observarmos a Tabela 3 verificamos que 18 estudantes confirmam a informação anotada no decorrer das observações, o que não se verifica com os restantes 8 estudantes. Importa salientar que, uma vez que não temos registos do estudante AC6 ao longo das observações, não o considerámos como fonte de informação para a comparação destes dados. Quando confrontados com a “categoria” em que foram colocados, de utilizadores muito frequentes, frequentes ou pouco ou nada frequentes dos dispositivos móveis ao longo das aulas, como resultado das observações, podemos verificar que 69% dos estudantes tem consciência do uso que realiza dos *media* digitais no decorrer das aulas e os restantes 31% dos estudantes não tem consciência do uso que faz dos dispositivos móveis nas aulas.

#### 4.2.2.2 Conteúdos acedidos em contexto de sala de aula

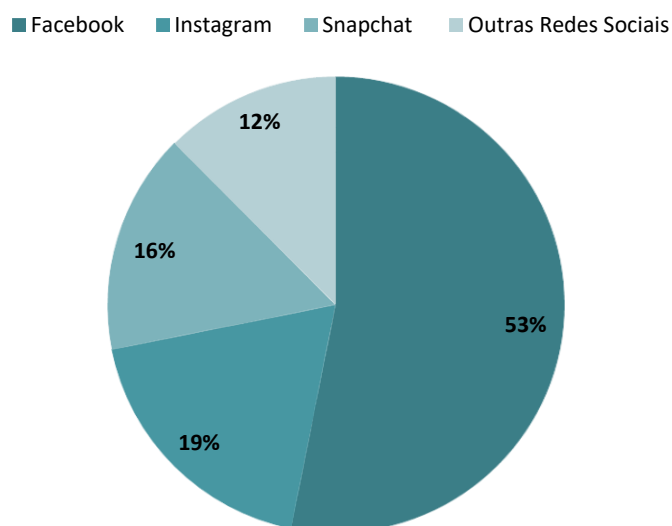
Inquiriram-se ainda os estudantes em estudo com o intuito de se conhecer os conteúdos a que estes acedem no decorrer das aulas. Como se pode verificar no gráfico seguinte, 79,2% dos estudantes refere essencialmente as redes sociais como conteúdo de preferência para aceder no decorrer das aulas, seguido do acesso ao motor de pesquisa (para aceder a diversos conteúdos) referido por 33,3% dos estudantes. Os jogos foram

referidos por 25% dos estudantes e, com menor adesão, temos o e-mail e as plataformas e-learning/UA mobile, com percentagens de acesso de 12,5% e 4,2%, respetivamente.



*Gráfico 9 - Serviços, aplicações e conteúdos acedidos na sala de aula.*

De modo a ter uma ideia mais concreta das redes sociais a que os estudantes acedem com maior frequência nas aulas, essa questão foi também colocada aos entrevistados. Importa referir que os estudantes podem referir mais do que uma rede social.



*Gráfico 10 - Redes Sociais que os estudantes acedem durante as aulas – dados provenientes das entrevistas.*

Deste modo pode-se concluir que 53% dos estudantes recorre ao uso do *Facebook*, 19% dos estudantes acede ao *Instagram*, 16% dos estudantes refere utilizar o *Snapchat* e os restantes 12% dos estudantes mencionam utilizar outras redes sociais não discriminadas.

Comparando os dados provenientes das entrevistas com os dados recolhidos através das observações, verificou-se que as percentagens são próximas e que, através das observações, recolheram-se dados menos específicos face aos relatados pelos estudantes. A partir das observações, as redes sociais a que os estudantes recorreram com maior frequência durante as aulas foram o *Facebook*, seguindo-se o *Instagram* e o *Snapchat*.

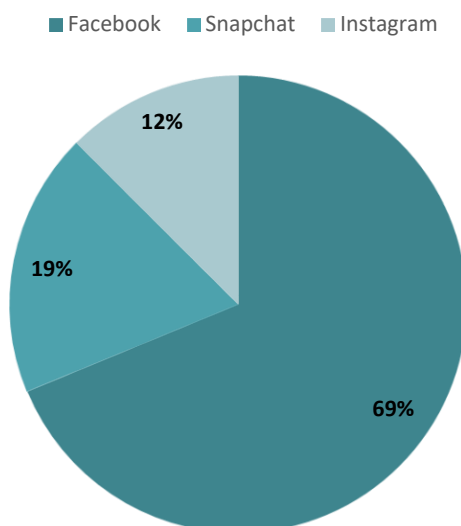


Gráfico 11 - Redes Sociais que os estudantes acedem durante as aulas – dados provenientes das observações.

A Tabela 4 compara os conteúdos referidos nas entrevistas pelos estudantes do 1.º ciclo e os conteúdos acedidos por esses estudantes, registados no decorrer das observações.

Importa salientar que, no decorrer das observações, nem sempre nos foi possível averiguar a que conteúdos os estudantes acediam e, como consta no anexo III e IV do presente documento, por vezes foi-nos apenas possível registar quais os dispositivos móveis que os estudantes acederam e a sua respetiva frequência.



Conteúdos gerais acedidos pelos estudantes – 1º Ciclo		
Estudante	Conteúdos segundo as entrevistas	Conteúdos segundo as observações
AN1	<i>Facebook</i> ; ver notificações	Utiliza o telemóvel; <i>Facebook</i>
AN2	Utiliza o telemóvel apenas em D2; ver as horas; SMS com familiares	Utiliza o telemóvel pouco tempo em D2
AN3	Não utiliza, o professor não permite.	Telemóvel em cima da mesa
AN4	Utiliza o telemóvel; Entretenimento; <i>Instagram</i> ; <i>Facebook</i> ; <i>Snapchat</i> ; SMS	Fotografias; <i>Snapchat</i> ; <i>Facebook</i> <i>Messenger</i> ; <i>Facebook</i> ; utiliza o telemóvel com frequência, essencialmente em D2.
AN5	Utiliza o telemóvel com pouca frequência; <i>Facebook</i> ; <i>Instagram</i> ; <i>Snapchat</i> ;	Não utiliza
AN6	Não utiliza	Telemóvel em cima da mesa
AN7	Utiliza o telemóvel; SMS; calculadora no telemóvel; <i>Instagram</i> ; <i>Facebook</i>	Utiliza o telemóvel com alguma frequência; <i>Snapchat</i>
AN8	Não utiliza	Não utiliza
AN9	Não utiliza	Não utiliza
AN10	Utiliza o telemóvel; acede ao e-learning; auxílio à aula; entretenimento, mas pouco; poucos jogos; <i>Tinder</i> ; <i>Facebook</i>	Utiliza o telemóvel com muita frequência; joga com muita frequência; <i>Facebook</i> ; <i>Facebook Messenger</i>
AN11	Utiliza o telemóvel para ver notificações; ver notícias; e-mail; geralmente só acede quando recebe notificações.	Utiliza o telemóvel.

Tabela 4 - Conteúdos gerais acedidos pelos estudantes 1º Ciclo: Entrevistas VS observações

Após a análise detalhada da tabela anterior de cada estudante e do seu respetivo comportamento, verificou-se alguns comportamentos por parte de três estudantes em

específico. Assim, segundo os dados recolhidos através das observações verificou-se que um estudante utilizava o telemóvel e acedia à rede social *Snapchat* e, devido aos dados recolhidos através das entrevistas, pôde-se conhecer a que conteúdos o estudante AN7 acedeu quando recorreu ao telemóvel. Deste modo, foi-nos possível conhecer os conteúdos que os restantes estudantes acediam através dos seus dispositivos quando os questionámos nas entrevistas já que nos registos das observações apenas registamos o dispositivo utilizado.

Por exemplo, segundo os dados recolhidos das entrevistas, o estudante AN5 alega que, apesar de recorrer com pouca frequência aos *media* digitais nas aulas de D2 e D4, quando o faz acede a conteúdos como *Facebook*, *Instagram* e *Snapchat*. Tal ação não foi visível para a investigadora, uma vez que o estudante em questão foi considerado como um utilizador nada frequente dos *media* digitais, como se pode observar na Tabela 3. Deste modo, pode-se ponderar as seguintes situações: o estudante acedeu aos *media* digitais quando não decorreu o período das observações; o estudante foi muito discreto quando recorreu aos *media* digitais em questão ou o estudante passou despercebido quando utilizou o respetivo dispositivo.

Já o estudante AN10 refere aceder ao dispositivo móvel por variados motivos, desde o acesso a redes sociais até ao acesso à plataforma de e-learning da UA, para poder estar familiarizado com matérias anteriormente lecionadas. No entanto, apenas nos foi possível observar que o estudante acedia com muita frequência a jogos e à rede social *Facebook*. Considerou-se, inclusivamente, este estudante como o que acedeu com mais frequência ao telemóvel no decorrer das aulas do 1.º ciclo. Deste modo, podemos concluir que o estudante não tem a perceção do uso que faz dos *media* digitais ao longo das aulas.

A tabela que se segue apresenta os conteúdos acedidos pelos vários estudantes do 2.º ciclo de estudos que são provenientes das entrevistas e das observações.

Conteúdos gerais acedidos pelos estudantes – 2º Ciclo		
Estudante	Conteúdos segundo as entrevistas	Conteúdos segundo as observações
AC1	Utiliza o telemóvel para aceder ao <i>Facebook</i> para não ser notado; pesquisas associadas às aulas; exercícios das aulas.	<i>Facebook</i> ; <i>Facebook Messenger</i> ; SMS; <i>Snapchat</i> ; <i>Instagram</i> ; atualizar <i>feed</i> de notificações; fotografias; jogos; <i>e-learning</i> ; utiliza o telemóvel e o computador portátil com muita frequência
AC2	<i>Instagram</i> ; <i>Snapchat</i> ; <i>Facebook</i> ; <i>YouTube</i> ; comunicar; entretenimento	<i>Facebook</i> ; <i>Facebook Messenger</i> ; fotografias; CS Adobe Premiere; <i>YouTube</i> ; <i>e-learning</i> ; utiliza o telemóvel e o computador portátil com frequência
AC3	<i>Facebook</i> ; pesquisas; <i>Facebook Messenger</i> ; motivos de trabalho; entretenimento	Computador portátil; <i>Facebook</i> ; <i>e-learning</i> ; <i>Facebook Messenger</i> ; <i>Facebook</i> ; SMS
AC4	<i>Facebook</i> ; <i>Instagram</i> ; e-mail; partilha de conteúdos	Utiliza o telemóvel mais do que duas vezes; computador portátil; <i>Facebook</i> ; Farm hero saga;
AC5	Trabalhos; e-mail; SMS; <i>Facebook</i>	SMS; <i>Facebook</i> ; <i>Facebook Messenger</i> ; e-mail; calculadora através do telemóvel. O computador portátil está presente em todas as aulas.
AC7	Não utiliza os dispositivos	Utilizou o telemóvel numa aula
AC8	Stream; <i>Snapchat</i> ; <i>Facebook</i> ; ver notificações; <i>Facebook Messenger</i> ; trabalhos; entretenimento	Utiliza o telemóvel e o computador portátil com muita frequência; <i>Facebook</i> ; <i>Facebook Messenger</i> ; utiliza os dois dispositivos em simultâneo; <i>Snapchat</i> ; <i>Instagram</i> ; jogos no telemóvel; jogos <i>online</i> ; <i>e-learning</i>
AC9	Pesquisas; <i>Facebook Messenger</i> ; <i>Facebook</i> ; auxílio à aula; SMS	Utilizou o telemóvel duas vezes

<b>AC10</b>	<i>Facebook; Snapchat</i>	Utilizou o telemóvel; o computador portátil foi utilizado com mais frequência do que o telemóvel.
<b>AC11</b>	<i>Facebook</i> pouco tempo e utiliza o computador portátil como auxílio à aula; SMS; uso do telemóvel para motivos pessoais	Computador portátil e telemóvel utilizado com muita frequência; <i>Skype</i> ; e-learning; e-mail; <i>YouTube</i> ; <i>Facebook</i> ; jornal <i>online</i> “Público”; SMS
<b>AC12</b>	Conteúdos relacionados com a aula; e-learning; <i>Facebook Messenger</i> e raramente o <i>Facebook</i>	<i>Facebook</i> ; computador portátil utilizado com frequência; telemóvel
<b>AC13</b>	<i>Facebook</i> ; <i>Facebook Messenger</i> ; SMS; <i>Instagram</i>	<i>Facebook</i> ; <i>Facebook Messenger</i> ; <i>Snapchat</i> ; uso do telemóvel com frequência; computador portátil
<b>AC14</b>	Utiliza o computador portátil para pesquisas na aula e aceder ao e-mail	e-learning; recorre muito ao computador portátil para escrever.
<b>AC15</b>	<i>Facebook</i> ; ver notícias; pesquisa de referências; auxílio às aulas; utiliza com frequência o computador portátil e o telemóvel	Utiliza muito pouco o computador portátil e/ou o telemóvel
<b>AC16</b>	e-mail; pesquisas; auxílio; ver notícias e jornais <i>online</i>	Utilizou o telemóvel com pouca frequência

*Tabela 5 - Conteúdos gerais acedidos pelos estudantes 2º Ciclo: Entrevistas VS observações*

No que diz respeito aos dados provenientes da Tabela 5, destaca-se o comportamento de dois estudantes.

O estudante AC11, quando confrontado com o uso que realiza dos seus dispositivos móveis em contexto de sala de aula, afirma recorrer ao dispositivo em questão para aceder a “*aplicações, Facebook ... Mas não é a aula toda. É só aquela coisa de: ah eu tenho uma mensagem! ok pronto, a gente responde e continua...*”. Esse estudante referiu aceder a esses mesmos conteúdos quando sente necessidade de fazer uma pausa e se distrair e também afirma ser importante estar sempre disponível para ser contactado pela família.

No entanto, verificou-se, no decorrer das observações, que o estudante em questão era um utilizador muito frequente dos *media* digitais ao longo das aulas, inclusivamente no decorrer das aulas de D12. O estudante considera recorrer com mais frequência ao dispositivo nas aulas de D5 porque sente a necessidade de se distrair e, nas aulas de D12, diz recorrer com mais frequência ao dispositivo móvel caso sinta necessidade de pesquisar referências da aula. No entanto, nas observações efetuadas, verificou-se o oposto. Ao longo das observações verificou-se que o estudante recorreu com mais frequência ao computador portátil e ao telemóvel e acedeu a conteúdos como: *Skype, Facebook, jornal online “Público”, e-learning, e-mail e YouTube*.

Outro comportamento que se destaca após a análise da tabela anterior é o comportamento do estudante AC15. Segundo os dados recolhidos através das observações, considerou-se o estudante AC15 um utilizador pouco frequente dos *media* digitais, uma vez que apenas em duas aulas se observou o acesso do estudante ao computador portátil e ao telemóvel. Após a análise das entrevistas verificou-se que o estudante em questão refere ser um utilizador muito frequente dos *media* digitais ao longo das aulas, uma vez que recorre com frequência aos dispositivos móveis para pesquisar conteúdos referentes à aula, embora aceda a conteúdos que não estejam ligados à aula como forma de escape, *“Embora também use para alguma parte social, mas é mais um escape e são coisas de 2, 3 minutos, dá para aliviar a cabeça e voltar a concentrar-me”* (AC15).

Deste modo o estudante considera importante recorrer ao uso dos dispositivos móveis no decorrer das aulas. Como o estudante indica, *“Eu gosto de usar porque gosto de uma aula mais interativa (...) José Pacheco, (...) diz qualquer coisa do género: temos um sistema de educação do séc. XIX com professores formados no séc. XX e estudantes do séc. XXI. Eh... e eu como estudante do séc. XXI e sobretudo como pessoa interessada sobretudo na comunicação multimédia, claro, gosto de pesquisar, e por isso é que utilizo os dispositivos, e sim, com muita frequência nas aulas teóricas porque é nas aulas teóricas que damos a matéria para depois aplicarmos nas práticas.”*

Assim, de um modo geral, verificou-se que os estudantes de ambos os ciclos de estudos têm noção do uso que fazem dos *media* digitais ao longo da aula, com a exceção

dos estudantes que referimos anteriormente. Do nosso ponto de vista, os estudantes acedem com mais frequência do que consideram fazer, uma vez que temos vários dados de comparação entre os vários estudantes.

#### 4.2.2.3 Influência da tipologia da sala de aula e do lugar em que o estudante se sinta na utilização de dispositivos móveis

No decorrer das observações, notou-se que os estudantes que se posicionaram na parte da frente da sala acediam com menos frequência aos dispositivos do que os estudantes que se sentaram na parte de trás da sala de aula. Como já se referiu, Hassoun (2014) refere também estas diferenças de comportamento entre os estudantes que se sentam mais atrás na sala de aula e os que se sentam mais à frente, tais como o facto de os primeiros diminuírem o brilho dos seus ecrãs para não serem notados.

Assim, questionou-se os estudantes sobre se os lugares em que estes se sentam permitem um maior ou menor uso dos *media* digitais e se a tipologia da sala também poderá ser um fator influente nesse uso. Deste modo, como se pode verificar no Gráfico 12 em 27 entrevistados, 21 (80,8% estudantes), consideram que o lugar não influencia um maior uso dos dispositivos móveis e apenas 4 (11,5% estudantes), consideram que o lugar permite uma maior utilização dos *media* digitais.

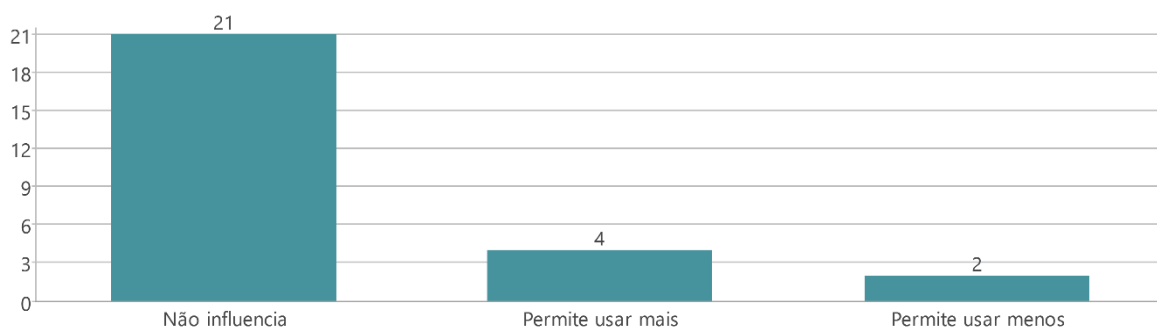


Gráfico 12 - Lugar onde o estudante se sinta na sala de aula VS utilização dos dispositivos móveis.

As justificações apontadas por alguns dos 21 estudantes que consideram que o lugar onde se sentam não exerce influência no uso dos *media* digitais, está relacionado com o facto de que estes estudantes não pensam em que lugar devem sentar-se para que possam

utilizar os dispositivos móveis. Os 4 estudantes que consideram que o lugar onde se sentam permite um maior uso dos *media* digitais afirmam que os podem utilizar no fundo da sala ou se tiverem colegas posicionados à frente, podendo “esconder-se” e utilizar sem serem notados. Quanto aos restantes 2 estudantes que consideram que o lugar onde se sentam permite usar menos os *media* digitais, estes afirmam que, por estarem sentados à frente, isso não os permite utilizar e o facto de, em determinados lugares da sala, não existir tomadas elétricas para poderem ligar, neste caso, o computador portátil.

No que se refere à tipologia da sala, os estudantes são da opinião que o tipo de sala permite um maior uso dos dispositivos móveis. Assim, 21 dos estudantes entrevistados estão de acordo que a disposição da sala exerce influência no uso dos dispositivos móveis, 4 estudantes consideram que a disposição da sala não exerce influência no uso dos dispositivos móveis e 6 estudantes consideram que, independentemente da disposição da sala, utilizam os dispositivos, como se pode verificar no gráfico seguinte.

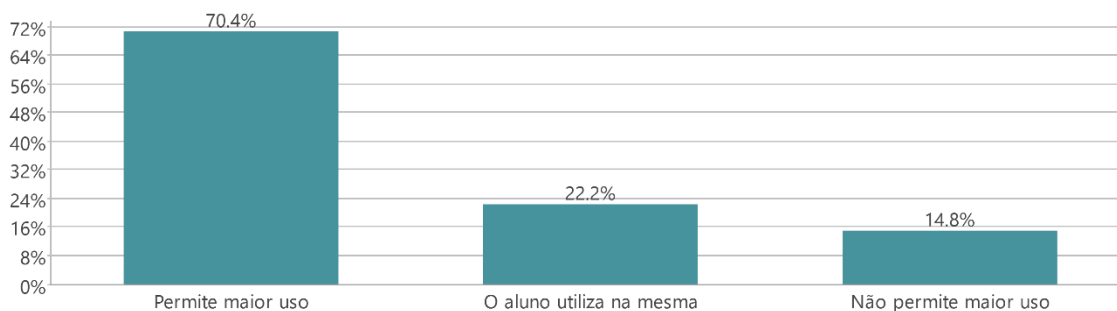


Gráfico 13 - Tipologia da sala VS utilização dos dispositivos móveis.

As duas turmas em estudo tinham aulas em salas com disposições diferentes, isto é, as aulas eram lecionadas em anfiteatros cujas cadeiras tinham uma proteção, (posteriormente denominado como anfiteatro S2); num anfiteatro cujas mesas eram comuns e não tinham proteção (S1); num anfiteatro cujas mesas e cadeiras eram individuais (S4) e numa sala de aula com uma mesa central onde os estudantes se sentavam frente a frente e com os computadores posicionados em torno da sala (S3).

De modo a compreendermos melhor a disposição das salas, recorreremos às seguintes figuras:

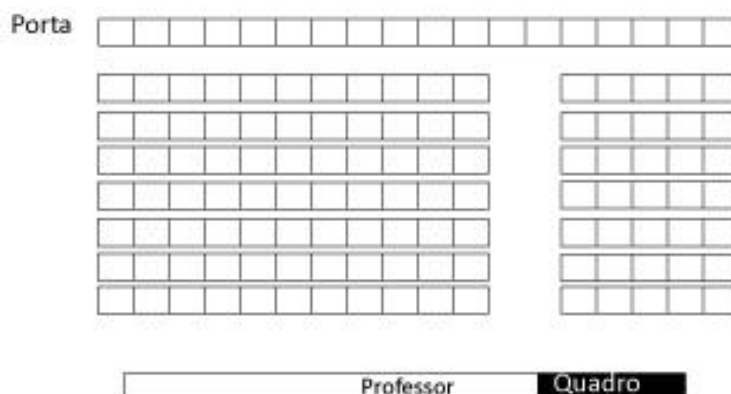


Figura 7 - Disposição do anfiteatro S1.

No anfiteatro S1 os estudantes sentavam-se lado a lado e partilhavam a mesma mesa. Consideramos que nesta sala os estudantes estavam mais expostos quando acediam aos dispositivos móveis, uma vez que não havia nenhuma proteção nas filas de cadeiras. O mesmo acontece no anfiteatro S4. Como podemos observar na figura seguinte, as cadeiras deste anfiteatro eram individuais e os estudantes também ficavam expostos ao utilizar os dispositivos móveis.

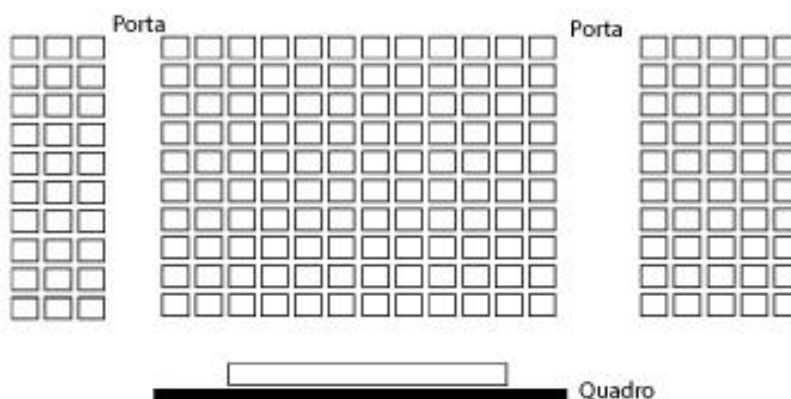


Figura 8 - Disposição do anfiteatro S4.

Já no anfiteatro S2 os estudantes, apesar de partilharem a mesma mesa, não partilhavam as mesmas cadeiras. Devido à individualidade das cadeiras, os estudantes tinham uma proteção que fazia com que não estivessem expostos quando utilizavam os

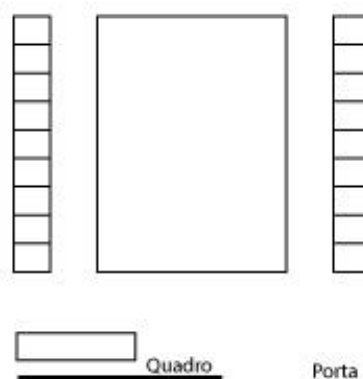


dispositivos móveis. Como iremos referir mais à frente, a grande parte dos estudantes considerou este anfiteatro o que permitia um maior uso dos dispositivos móveis.



*Figura 9 - Disposição do anfiteatro S2.*

Na sala S3, os estudantes podiam sentar-se em torno da sala ou numa mesa em comum posicionada no centro. Do nosso ponto de vista, apesar de os estudantes estarem frente-a-frente uns para os outros na mesa comum, estavam expostos caso utilizassem os dispositivos móveis.



*Figura 10 - Disposição da sala S3.*

Quando colocámos a questão aos estudantes se a tipologia da sala permitia um maior ou menor uso dos dispositivos móveis, verificou-se que todos os estudantes do 1.º ciclo consideram que o anfiteatro S2 permite um maior uso dos dispositivos móveis e nenhum estudante considerou que os anfiteatros S1 e S4 permitem o uso dos dispositivos móveis.

Já os 16 estudantes do 2.º ciclo têm opiniões diferentes. Assim, verificou-se que 5 estudantes indicam que o anfiteatro S2 permite um maior uso dos dispositivos móveis, 3 estudantes indicam que a sala S3 permite um maior uso dos dispositivos móveis e 1 estudante refere que a tipologia de sala não tem influência para um maior ou menor uso dos dispositivos móveis.

Assim, pode verificar-se que ambas as turmas consideram que o anfiteatro S2 permite um maior uso dos dispositivos móveis, à exceção de alguns estudantes do 2.º ciclo que consideram igual a utilização que fazem dos dispositivos quer no anfiteatro S2 quer na sala de aula S3.

#### 4.2.2.4 Influência do docente na utilização de dispositivos móveis na sala de aula

Quanto se questionaram os estudantes quanto à permissão, por parte dos docentes, do uso de dispositivos móveis no decorrer das aulas, verificou-se que 44,4% (14 estudantes) não têm conhecimento que o respetivo docente não permite o uso dos dispositivos móveis no decorrer da aula e 63% (19 estudantes) têm conhecimento.

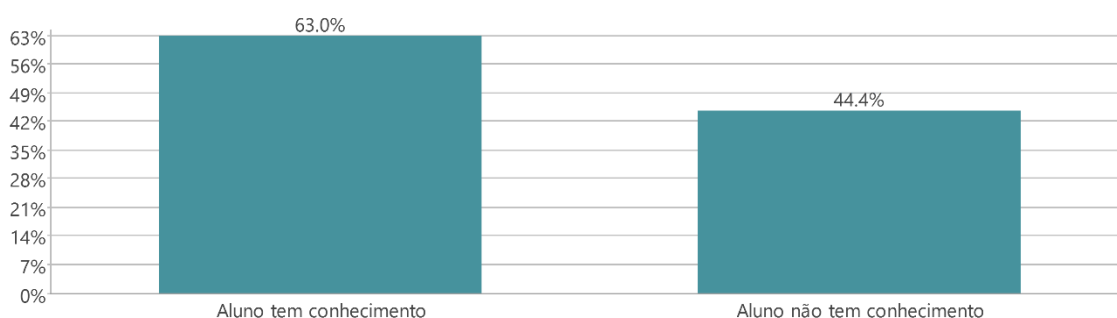


Gráfico 14 - Conhecimento do estudante face à permissão do docente, relativo ao uso dos dispositivos móveis.

Na sequência dessa questão, averiguou-se junto dos estudantes o que eles achavam sobre os docentes permitirem o uso dos dispositivos móveis ao longo das aulas.

Pela observação do gráfico seguinte verifica-se que 50% dos entrevistados, valor correspondente a 13 estudantes, considera que os docentes devem permitir o uso dos

dispositivos móveis nas aulas, enquanto 41,7%, correspondente a 10 estudantes, considera que os docentes não devem permitir o uso dos dispositivos móveis nas aulas. Já os restantes 8,3%, que correspondem a 2 estudantes, não têm opinião a este respeito.

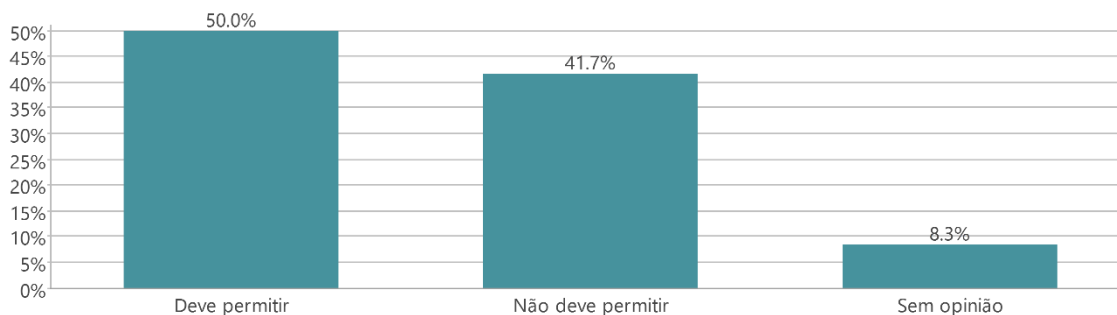


Gráfico 15 - Opinião do estudante face à permissão do docente relativo ao uso dos dispositivos nas aulas.

Como se pode observar no gráfico anterior, a opinião dos estudantes está bastante dividida. As razões que levam os treze estudantes a considerar que os docentes devem permitir o uso dos dispositivos móveis nas aulas deve-se ao facto de acreditarem que o uso dos dispositivos poderá servir como auxílio à matéria que é lecionada, quer seja para fins de pesquisa, quer para tirar apontamentos nos dispositivos. Estes estudantes manifestam que a escolha de utilizar ou não os dispositivos na aula deve ser do estudante, uma vez que se este não tirar o máximo de aproveitamento da aula a responsabilidade é inteiramente sua: *“faz parte da nossa consciência aproveitarmos e tirarmos o máximo de partido das aulas, ou não (...) O estudante é que está a perder no fundo.”* (AC10).

Já os restantes dez estudantes, que partilham a opinião que os docentes não devem permitir o uso dos dispositivos móveis nas aulas, consideram que, caso os docentes permitissem, haveria um forte aumento do uso dos dispositivos móveis por parte dos estudantes no decorrer das aulas. Além disso, consideram que a permissão deve ser apenas dada pelo docente quando este considerar que o uso seja oportuno *“eu acho que, para o que estamos a fazer se calhar não...Não é necessário. Só mesmo quando eles dizem, vão pesquisar isto! Ou comecem a trabalhar neste trabalho, pronto. Aí sim.”* (AC4).

Em função da divisão de posições a este respeito, optou-se por questionar qual a opinião dos estudantes, caso os docentes permitissem o uso dos dispositivos móveis no decorrer das aulas.

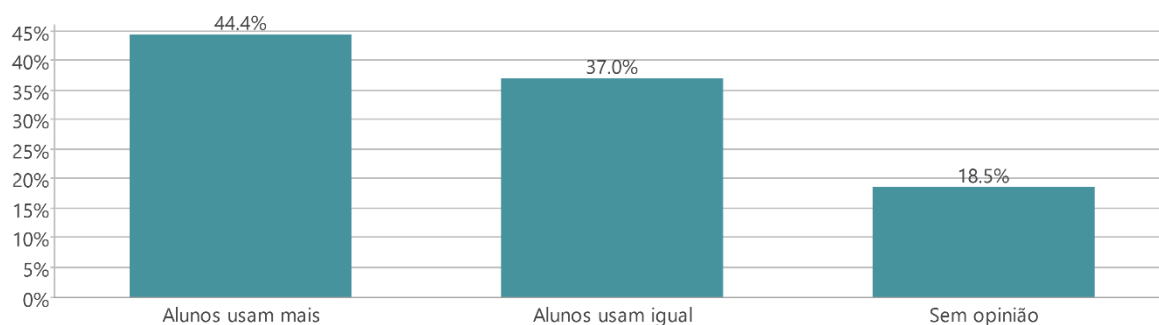


Gráfico 16 - Opinião dos estudantes caso os docentes permitam o uso dos dispositivos móveis.

Assim, verificou-se, uma vez mais, que a opinião dos estudantes está dividida, já que 44,4% (12 estudantes), considerou que se o docente permitisse o uso dos *media* digitais ao longo das aulas os estudantes utilizavam mais os dispositivos. Em sentido contrário, 37% (10 estudantes) considerou que os estudantes utilizavam os *media* digitais de modo igual. Os restantes 18,5% (5 estudantes), não veiculou uma opinião a este respeito. Assim, nenhum estudante considerou que a possibilidade de os estudantes utilizarem menos os dispositivos móveis nas aulas seria provável.

As razões que levam os estudantes a considerar que se os docentes permitissem o uso dos dispositivos móveis nas aulas isso levaria a um aumento, passa pela falta de controlo uma vez que *“Vão utilizar mais... Obviamente. A partir do momento que os estudantes têm uma pequena liberdade, é logo... abusam... por acaso eu tenho notado isso. Até mesmo por exemplo, se um topa que o outro está a mexer no telemóvel e não é castigado por isso, começa a mexer e depois é tipo... evolutivo”* (AN2) e pela desmedida liberdade que os estudantes poderiam sentir, ou seja, os *“estudantes sentirem que podem usar à vontade, há muito mais gente a usar e provavelmente já vão perder muito mais a atenção.”* (AN11).

Os motivos que levam os estudantes a considerar que o uso dos dispositivos móveis no decorrer das aulas seria igual passa por relatarem que *“o facto que mudava era não*

*tentarem esconder. Pronto. Faziam à frente!”* (AN4). Ou seja, os estudantes já não teriam a necessidade de esconder a utilização do dispositivo do docente. Já os restantes 19,2% dos estudantes não tem opinião a este respeito.

Assim, procurámos entender se, do ponto de vista dos estudantes, estes consideram a utilização dos dispositivos móveis nas aulas como um direito. Como consta no gráfico seguinte, o resultado verificado através das entrevistas mostra que 53,8% dos estudantes, o que corresponde a 13 estudantes, partilham da opinião de que esse uso “é um direito” e 50% dos estudantes, o que corresponde a 12 estudantes, partilham da opinião que “não é um direito”. Os restantes 7,7% dos estudantes, o que corresponde a 2 estudantes, não têm opinião definida sobre este tópico, como se pode verificar no seguinte gráfico.



Gráfico 17 - Opinião dos estudantes - Ser um direito utilizar os dispositivos nas aulas.

No que diz respeito aos estudantes que consideram ser um direito utilizar os dispositivos móveis no decorrer das aulas, destaca-se a opinião de um estudante que considera que o ensino deve adaptar-se às tecnologias, uma vez que no decorrer das aulas os *media* digitais podem ser utilizados para fins de pesquisa e como complemento à matéria, “*por norma, tenho sempre esses dispositivos ligados porque gosto de ir pesquisar referências. Sei lá, o colega dá uma sugestão para uma das aulas e eu vou pesquisar... Os professores de igual modo. Os professores têm referências, eu também as vou pesquisar, ou seja, eu gosto desta aula mais interativa e sinceramente discordo muito, mas mesmo muito, dos professores que dizem para ter os dispositivos desligados, no século XXI não faz sentido.*” (AC15). Como relata o mesmo estudante quando confrontado com a questão de o uso dos *media* digitais na sala de aula ser um direito do estudante, “*Sem dúvida e volto a*

*repetir. Temos um sistema de educação do séc. XIX com professores formados no séc. XX e estudantes do séc. XXI.” (AC15).*

Os restantes estudantes que consideram ser um direito dos estudantes utilizar os dispositivos móveis nas aulas defenderam essa posição no caso de o uso ser cuidado, relacionado com as dinâmicas da aula e como meio de comunicação em determinados casos particulares.

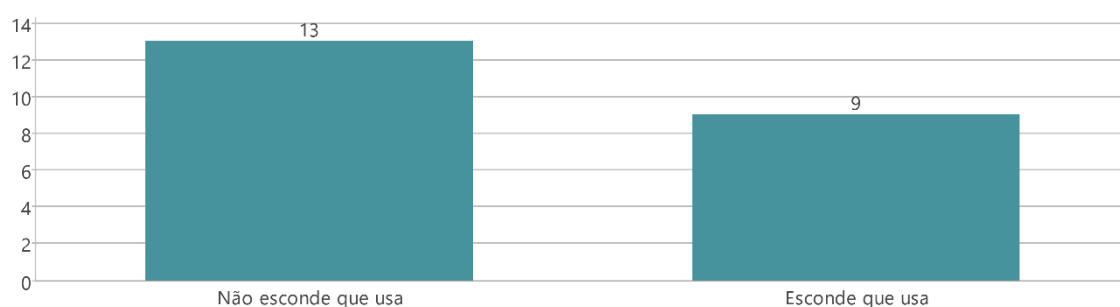
#### 4.2.2.5 Outras considerações relacionadas com os conteúdos acedidos através dos dispositivos em contexto de sala de aula

Após se conhecer os dispositivos móveis e os conteúdos a que os estudantes acedem ao longo das aulas importa, ainda, compreender se os estudantes escondem o uso dos dispositivos móveis quando os utilizam, se o acesso aos dispositivos móveis por parte dos colegas pode-se tornar num fator de distração, e finalmente, se os incomoda os conteúdos a que acedem através dos dispositivos serem vistos por terceiros.

Verificou-se que 65% dos estudantes, o que corresponde a 13 estudantes, não esconde que usa os dispositivos móveis e 45% dos estudantes, o que corresponde a 9 estudantes, refere que esconde que usa os dispositivos móveis no decorrer das aulas. É importante referir que 2 estudantes indicam que escondem o uso do telemóvel quando sabem que o docente não permite o uso e que não escondem o uso do telemóvel se o docente permitir.

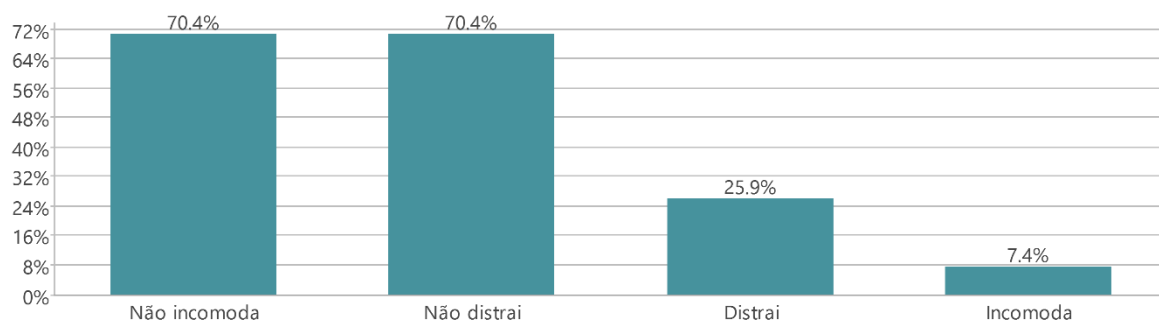
Os estudantes que admitem esconder o uso do dispositivo móvel, referem fazê-lo uma vez que têm conhecimento que o docente não permite o uso. Os restantes estudantes não justificaram a sua escolha.

Motivações para o uso dos *media* digitais em contexto de sala de aula.



*Gráfico 18 - Estudantes que escondem o uso dos dispositivos no decorrer das aulas.*

Para além de tentarmos compreender, se caso os estudantes acessem aos *media* digitais no decorrer das aulas e os conteúdos fossem visualizados pelos restantes colegas, isso os incomodava, procurámos também perceber se os colegas acessem a conteúdos através dos seus dispositivos isso podia ser um fator de distração. Os resultados foram os que constam do gráfico seguinte.



*Gráfico 19 - Opinião dos estudantes caso os colegas visualizem conteúdos.*

Ao observarmos o gráfico anterior verificamos que 70,4% dos estudantes afirmou não se importar com a possibilidade de os colegas poderem visualizar os conteúdos, assim como, caso os colegas utilizem os dispositivos móveis isso não os distrai.

#### 4.2.3 Motivos gerais de utilização dos dispositivos em contexto de sala de aula

Quando questionámos os estudantes acerca do motivo que os leva a utilizar os *media* digitais no decorrer das aulas, as respostas foram variadas. Por vezes, alguns estudantes referiram mais do que um motivo no decorrer da entrevista e, inclusivamente, salientaram alguns motivos com bastante frequência como veremos de seguida. Deste modo, optou-se por agrupar as razões referidas pelos estudantes e obteve-se o seguinte gráfico.

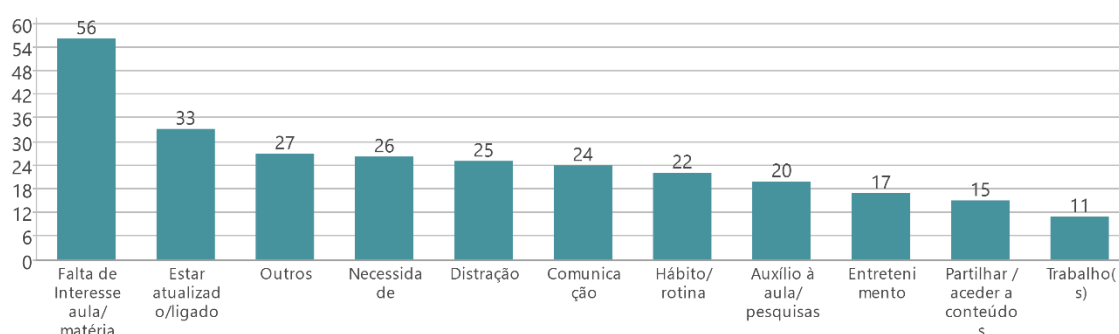


Gráfico 20 - Motivos pelo qual os estudantes utilizam os dispositivos nas aulas.

Após analisarmos o gráfico anterior verificámos que o motivo que leva os estudantes a recorrerem com maior frequência aos *media* digitais está relacionado com a falta de interesse na aula e/ou na matéria. Seguem-se os motivos de estar atualizado/ligado aos *media* digitais na aula, a necessidade de estar em contacto com os *media* digitais, para se distrair e também para comunicação.

Neste sentido, optámos por representar o gráfico anterior com a frequência de vezes que os motivos foram codificados nos excertos das entrevistas. Assim, verificou-se que a falta de interesse na aula ou nas matérias foi codificado 56 vezes, seguindo-se o motivo estar atualizado/ligado codificado 33 vezes, a necessidade 26 vezes, a distração 25 vezes, a comunicação 24 vezes, seguindo-se do acesso aos dispositivos por questões de hábito ou rotina codificado 22 vezes, o auxílio à aula/pesquisas 20 vezes, o entretenimento 17 vezes, a partilha/acesso a conteúdos 15 vezes e finalmente os trabalhos codificados apenas 11 vezes.



Inicialmente, após a análise do gráfico, ponderou-se dividir os motivos que levam os estudantes a utilizar os *media* digitais em duas partes: os motivos externos às dinâmicas da aula, onde se inseriam os motivos: estar atualizado/ligado, comunicação, hábito/rotina, distração, necessidade e entretenimento; e os motivos relacionados diretamente com a aula: de trabalho, partilha e acesso a conteúdos, auxílio à aula/pesquisas e falta de interesse na aula/matéria e ainda outros motivos que considerámos não serem tão relevantes. No entanto, ao analisarmos cada um dos motivos e as respetivas respostas, percebemos que faria mais sentido, do nosso ponto de vista, agruparmos alguns motivos que do nosso ponto de vista estão diretamente ligados. Por exemplo, os motivos estar atualizado/ligado, necessidade e hábito/rotina, deviam, na nossa opinião, ser agrupados num só motivo.

Os motivos que constam no Gráfico 20 serão de seguida detalhados.

#### 4.2.3.1 Falta de interesse na aula e/ou na matéria

No decorrer das entrevistas, observou-se que os estudantes tinham pouco interesse na matéria das aulas e consideravam as aulas muito teóricas o que os levava a recorrer aos *media* digitais. *“Para mim, 95% é matéria.”* (AC11); *“Hum ok a matéria... é um pouco densa. É muito compacta e é atirada ali naquele bloco (...) Então acaba por ser uma coisa demasiado expositiva e isso a mim quebra”* (AC16); *“se a matéria não estiver a ser interessante, ajuda a que uma pessoa se distraia mais e vá mais para o telemóvel”* (AC1). Verificámos também que alguns estudantes referem que, *“o conteúdo é assim um bocadinho mais aborrecido”* (AC2); *“Eu acho que às vezes o problema nem é do professor e da maneira como está a aula, mas sim dos conteúdos programáticos”* (AN6); *“Outras vezes pode ser também porque o interesse na matéria não é tanto e então (...) Acho que é mesmo quando eles não sentem ligação à matéria é quando eles usam mais”* (AC3).

Weimer (2015) afirma que os estudantes quando estão perante os seus telemóveis não se envolvem na matéria.

#### 4.2.3.2 Estar ligado e/ou atualizado

Sabe-se que o acesso às redes sociais trouxe uma mudança significativa na propagação da informação (Manasijevic et al., 2016). Assim, como se pôde verificar no presente capítulo, os estudantes em estudo acedem essencialmente às redes sociais no decorrer das aulas e um dos motivos que os leva a aceder a esses conteúdos passa pela necessidade de estarem atualizados, *“As tecnologias invadiram a nossa vida de uma maneira ultimamente que quase que nos sentimos necessitados de estar constantemente ligados à rede”* (AC10).

Manasijevic et al. (2016) referem que os estudantes acedem ao *Facebook* com um propósito social e não para fins educacionais. Os estudantes entrevistados referem, a este respeito, que *“É aquela coisa de estar sempre a atualizar, de estar sempre conectada. Há sempre aquela tendência de: ok, vou ao Facebook ver se há alguma coisa nova”* (AC12); *“Eu acho que é essa necessidade social de ter alguém ativo dentro daquilo que você se propõe, que é estar em rede com alguém...”* (AC14); *“o que eu faço muito é estar em conversas no chat, e acho que é muito de querer estar sempre ali ... não queres sair da conversa mesmo estando em aula e acabas por estar sempre ligada!”* (AC3). Isto significa que, apesar do estudante iniciar uma conversa fora do contexto de sala de aula, sente a necessidade de a trazer para o contexto de aprendizagem. Numa outra citação de um estudante, é referida a importância de estar atualizado, *“Sinto a necessidade de estar sempre atualizado de tudo o que está a acontecer (...) eu acho que a necessidade de toda a gente estar ligada não é só minha. Hoje em dia já toda a gente quer estar...”* (AC8).

Uma das finalidades do uso do *Facebook* passa, assim, por estar atualizado sobre o que se está a passar no círculo social (Manasijevic et al., 2016), *“Por mais que seja um padrão hoje em dia (...) Agente fica maravilhado com toda a possibilidade de que um dispositivo pequenino nos permite. (...) a gente está sempre com a cabeça no que vai fazer, no grupo que está conversando no Facebook, ou na foto que eu preciso colocar no Instagram”* (AC14). Assim, do nosso ponto de vista, o acesso ao *Facebook* acaba também por ser uma ação automática, onde o estudante acede à rede social para se atualizar e onde sente a necessidade de estar presente, *“mas é só para estar a fazer scroll... scroll... e depois: ah! Já vi isto. Vai para cima, scroll... scroll... ah, já cheguei a esta publicação que já vi antes!”*

(AN2); *“Eu falo por mim... que eu em qualquer lado eu estou com net, no comboio eu vou com net, em casa estou na net...”* (AN7).

#### 4.2.3.3 Necessidade

A comunicação social, segundo D. Boyd (2014), descreve o comportamento dos jovens face ao uso dos *media* digitais, como uma geração dependente destas tecnologias.

Já Carr (2010) relata que, atualmente e devido ao uso frequente das tecnologias, o autor perdeu a capacidade de estar atento, ou seja, sentia vontade de estar envolvido com a tecnologia quando não estava em contato com esta, *“Mesmo quando estava longe do computador, tinha desejos de (...) fazer pesquisas no Google. Eu queria estar ligado”* (Carr, 2010 p.30).

No decorrer das codificações das entrevistas verificámos que vários estudantes referiram como uma necessidade estarem *online* e utilizarem as redes sociais. Destacamos, neste contexto, que foi referido que os jovens *“têm uma necessidade já intrínseca assim... na nossa geração, de recorrer a esses meios para se sentir ativos (...) Sinto um bocado de algumas pessoas mais específicas, outras menos... Mas sinto sim essa pressão social de ser ágil e eficiente e estar ali o tempo inteiro.”* (AC14); *“recebo as notificações e tenho que ir lá ver!”* (AN4). É visível a necessidade que estes jovens sentem pelo facto de terem de responder a uma mensagem: *“temos essa... essa necessidade de responder logo.”* (AC8); *“acho que acaba por ser uma necessidade hoje em dia, de tares ligado! (...). Lá está, eu acho que hoje em dia é mesmo necessidade!”* (AC3), questionámos o estudante AC3 se este sentia que devia responder às conversas, ao que este respondeu *“Sim exato! Não podes deixar...”* (AC3); *“vai sempre haver alguém com um telemóvel ... eu acho que é mesmo aquela necessidade, aquele vício de estarmos constantemente conectados e a falar e a receber likes e comentários.”* (AC6); *“uma forma de viciar por não conseguirem parar a conversa e dizer: olha, vou a uma aula e agora não falo contigo durante x. Mas acho que os jovens cada vez utilizam mais, é por causa do vício no Facebook”* (AN2);

Dois estudantes, em particular, descrevem o uso que fazem dos dispositivos móveis nas aulas como um vício: *“Vício! (...) Total, porque durante a aula tem um segundo que a*

*professora parou para respirar e... deixa eu ver aqui rapidinho... (...) Eu acho que hoje em dia pouquíssimas pessoas não são dependentes do telemóvel” (AC13); “Eh pá, eu acho que já é um vício! Que a própria sociedade incutiu nesta juventude. A malta acho que não se consegue desligar de maneira nenhuma...” (AN8).*

O estudante AC8, quando questionado se ficasse sem bateria no telemóvel o que é que faria, respondeu: *“Tenho de por rápido a carregar o telemóvel!!” (AC8).* Verificámos também que o facto de as diferentes redes sociais estarem interligadas entre si, faz com que o sentimento de necessidade de utilizar seja ainda maior *“É... até um certo ponto é dependência. Reconheço que é uma dependência porque (...) põe-se uma coisa no Instagram e está diretamente conectado ao Facebook e quando dou por ela estou de 5 em 5 minutos a ver o feed num e noutro, por causa dos likes ou dos loves ou whatever, os comentários. E acabo por ter essa conexão.” (AN10).*

Em suma, verificou-se que estes jovens sentem a necessidade de responder sempre às mensagens que recebem, a necessidade de estarem contactáveis e conectados uns com os outros é também visível, assim como a necessidade de estarem sempre atualizados.

#### 4.2.3.4 Distração

Carr (2010) refere que atualmente *“entramos num ambiente que promove a leitura negligente, o pensamento apressado e distraído e a aprendizagem superficial” (Carr, 2010 p. 146).*

Com base nos dados recolhidos através das entrevistas percebemos que o acesso aos dispositivos ao longo das aulas está também relacionado com a necessidade destes estudantes quererem distrair-se e realizar pausas: *“É mais uma distração (...) É mais por uma questão de me ajudar a cortar um pouco aquela parte mais chata (...) para continuar com a atenção no resto da aula.” (AC11); “simplesmente para quebrar um pouco a monotonia (...) deixa-me agora distrair-me momentaneamente” (AC16).* Como referimos anteriormente, por vezes o acesso aos *media* digitais acaba por ser uma ação automática: *“Porque às vezes as pessoas já nem se interessam pelos conteúdos que o Facebook tem... o*

*facto de estar sempre a fazer scroll e está a ver coisas a passar, já é uma forma de distração.” (AN2).*

No entanto também verificamos que um estudante em específico encontra no acesso ao dispositivo um pretexto para aceder aos *media* digitais e acabar por se distrair ao longo da aula: *“também é por ser de manhã a aula... (...) depois do almoço tenho de ir às redes sociais!” (AN4).* Já o estudante AC11 refere que, *“criou-se sim um hábito, uma necessidade de se estar presente nas redes sociais, seja onde for e também uma forma de estar sempre distraído... sempre ativo. Distraído, mas ativo, e a pessoa criou esse hábito. E também penso eu, que há aquela ideia errada de: ah não! Eu faço multitasking à vontade, que é completamente errado!!” (AC11).*

Em suma, quando os estudantes referem recorrer ao uso dos *media* digitais para se distraírem, isso está relacionado com a necessidade de realizarem pausas e/ou se abstraírem dos conteúdos das aulas. Ou seja, do nosso ponto de vista, recorrem aos seus dispositivos para um afastamento temporário dos conteúdos programáticos.

#### 4.2.3.5 Comunicação

O uso da internet e das *Instant Messages* são parte integral na vida dos jovens atualmente, mais do que para os jovens das gerações anteriores (Junco & Cotten, 2011). Apesar de Paul et al. (2012) referirem que é comum os estudantes enviarem *SMS* ao longo das aulas através do telemóvel, Boyd & Ellison (2007) também referem que os jovens têm interesse em comunicar com pessoas que fazem parte das suas redes sociais.

Verificámos que outro motivo que leva os estudantes a recorrer aos *media* digitais nas salas de aula tem como finalidade a comunicação. Procurámos compreender então os motivos que levam os estudantes a comunicar em contexto de sala de aula e observámos as seguintes justificações: *“estás a falar com alguém e depois para não deixar ali a conversa a meio...”(AC1); “está a haver conversas no chat do Facebook e acabo por continuá-las durante a aula” (AC3); “não conseguimos estar a falar uns com os outros, mas se pegarmos no telemóvel somos capazes de estar a dizer o que nos vai na alma...” (AC6); “Porque há uma imensidão de conteúdos, sempre disponíveis, sempre diferentes, sempre a serem*

*atualizadas e... é a conjugação disso com o contacto com as outras pessoas. Podem contactar com qualquer pessoa que não precisa estar ali com eles fisicamente...”* (AN11).

Assim, verificamos que os estudantes anteriormente referidos têm a necessidade de estar em constante contacto, mesmo que isso implique iniciar uma conversa fora da sala de aula e continuá-la no decorrer da aula através do dispositivo móvel. As razões que levam a este comportamento estão relacionadas com a facilidade de comunicação e inclusivamente, com a possibilidade de se expressarem sem sentir que podem ser julgados. Questionámos os estudantes se estes comunicavam entre si no decorrer das aulas e verificou-se que grande parte o faz. Esta vontade de comunicarem entre si parece passar pela facilidade em comunicar recorrendo a um dispositivo móvel, para não perturbarem a aula, *“Por uma questão de facilidade ou de preguiça. Porque eles estão do outro lado, e às vezes para não estar a fazer barulho, vou ao Facebook e pronto. É mais fácil.”* (AC10)

#### 4.2.3.6 Hábito e rotina

Chegámos à conclusão que os estudantes acedem aos dispositivos móveis ao longo das aulas por hábito, quando verificamos que os estudantes admitem que: *“Primeira coisa é o hábito.”* (AC13); *“Eu acho que é um dos fatores. Porque não é só porque é nas aulas. Porque como existe essa relação benéfica, de se relacionar virtualmente isso acaba por virar um hábito. Então... é um hábito que as pessoas levam para qualquer lugar”* (AC14); *“eu acho que às vezes acaba também por ser o hábito! (...) e vamos ao telemóvel e começamos a fazer scroll porque sim!”* (AC3); *“Eu acho que às vezes é mesmo por rotina. Tipo, tão lá (nos dispositivos móveis) só porque sim!”* (AC3); *“eu consigo aguentar até algum tempo sem estar... tipo conectada. Mas, acho que já é tão hábito. As pessoas entram, e depois começam a ir e depois mostram e olha aqui! E vê isto e eu pronto, também vou ver...”* (AC4); *“hoje em dia as pessoas utilizam muito os telemóveis e os dispositivos móveis ... porque simplesmente estão habituados a estar sempre, constantemente conectados uns aos outros ...”* (AC6).

#### 4.2.3.7 Auxílio à aula/pesquisas

Sánchez-Rodríguez, Ruiz-Palmero & Sánchez-Rivas (2015) referem que os estudantes devem tirar partido dos *media* digitais para aceder a fontes de informação que lhes permitam adquirir novos conhecimentos. Na verdade, verificámos que os estudantes recorrem ao uso dos *media* digitais para tirar apontamentos das aulas ou para realizar pesquisas, nomeadamente de termos com que não estejam familiarizados.

Os estudantes relatam *“pesquisar referências. Sei lá, o colega dá uma sugestão para uma das aulas e eu vou pesquisar... Os professores de igual modo. Os professores têm referências, eu também as vou pesquisar, ou seja, eu gosto desta aula mais interativa”* (AC15); *“Por exemplo às vezes quando dão um trabalho, ou falam de algum termo que eu não esteja muito dentro, eu vou logo procurar a ver o que é aquele termo.”* (AC9); *“quando há certos termos que uma pessoa não conhece ou assim, ou queremos aprofundar alguma temática, usamos o telemóvel.”* (AC2).

Num caso particular, questionámos o estudante AC14 sobre o uso que este fazia do computador portátil, uma vez que verificámos que em determinadas aulas o estudante recorria com alguma frequência ao computador e apenas nos era possível ouvir o bater das teclas com alguma frequência. Confrontado com a questão o estudante afirmou que, *“Sim, era apontamentos. Era apontamentos.”* (AC14).

#### 4.2.3.8 Entretenimento

São vários os autores que indicam que um dos motivos que leva os jovens a acederem aos *media* digitais atualmente está relacionado com o entretenimento (Manasijevic et al., 2016; Chen, Sin, Theng, & Lee, 2015; Park, Kim, Shon, & Shim, 2013).

Deste modo, no decorrer das codificações das entrevistas, verificámos que os estudantes referem recorrer ao uso dos *media* digitais *“para tirar fotografias de um colega que adormeceu e publicar! (risos)”* (AC10). Um estudante em particular notou que os colegas acedem a conteúdos de entretenimento uma vez que viu *“Pessoas a ver séries na aula”* (AC16).

Os estudantes referem aceder a determinados conteúdos com a finalidade de se entreter: *“vou fazer qualquer coisa no telemóvel, apesar de eu conseguir prestar atenção ao que o professor está a dizer, pronto também estou ali mais entretido”* (AC2); *“O telemóvel é mesmo como entretenimento.”* (AC8); *“Agora o Snapchat... utilizam mais para estar na brincadeira e para mandar ... olha! Isto está a acontecer na minha aula, o que é que está a acontecer na tua aula?”* (AN2); *“para estar entretidos com outras coisas.”* (AN3).

#### 4.2.3.9 Partilha e acesso a conteúdos

Diversos autores como Couto (2015), Chen et al. (2015) e Orzech et al. (2016) referem que um dos vários motivos que levam os estudantes aceder aos seus dispositivos móveis passa pela pesquisa e partilha de informações. Verificámos que a partilha de conteúdos é também frequente no decorrer das aulas.

Como já referimos, os estudantes recorrem aos dispositivos móveis ao longo das aulas para aceder a determinados conteúdos como, *“Às vezes notícias, notícias... jornal online, uma coisa qualquer.”* (AC16); *“eu tenho muito interesse nas notícias.”* (AN11); *“metemos lá informação, mails que os stôres mandam e essas coisas, e às vezes vemos nas aulas, ou quando saem as notas, se sair a meio de uma aula eles são capazes de pôr!”* (AN7), ou ainda para fazerem a partilha de ficheiros relacionados com algumas das suas disciplinas, *“Relativamente às aulas (...) passar documentos”* (AC15).

#### 4.2.3.10 Para realizar trabalhos

Além de os estudantes acederem a determinados conteúdos para realizarem pesquisas como auxílio à aula e para pesquisarem referências, sabe-se também que os estudantes recorrem aos dispositivos para realizarem trabalhos de outras disciplinas, *“Às vezes acontece estarem mesmo a trabalhar. Pode não ser para aquela cadeira, mas para outra...”* (AN6); *“Sobretudo nas aulas. Nas aulas normalmente nunca é para entretenimento. É sempre por trabalho.”* (AC15); *“Então acabo mais por ... por utilizar mesmo para coisas mais profissionais. Pessoais ... nem tanto, é mais mesmo trabalhos ou projetos.”* (AC3).



#### 4.2.3.11 Motivação de utilização dos *media* digitais em contexto de sala de aula: síntese

Junco & Cotten (2011) referem que os estudantes universitários recorrem cada vez mais ao uso da internet e de determinadas aplicações. Os autores referem ainda que não encontram uma relação negativa entre o uso da rede social *Facebook* e as notas dos estudantes. Contudo, Orzech et al. (2016) consideram que os estudantes universitários recorrem com frequência ao uso dos *media* digitais para realizar tarefas diárias, o que acaba por interferir com outras atividades que pretendam realizar.

Como pudemos verificar na secção 4.2.3, são vários os motivos que encontrámos, através das entrevistas, que levam os estudantes do presente estudo a aceder aos dispositivos móveis em contexto de aprendizagem. Deste modo, optámos por agrupar alguns tópicos anteriormente referidos.

Ao analisarmos as respostas dos estudantes nos tópicos “Estar ligado e/ou atualizado”, “Necessidade” e “Hábito e rotina”, deparámo-nos com questões semelhantes que os estudantes abordam que estão, segundo a nossa perspetiva, diretamente relacionadas com uma necessidade de presença social. Ou seja, os estudantes parecem ter uma necessidade associada ao estar ligado à Internet e quando recebem *SMS* ou *IM*, como alguns deles referiram, sentem que devem responder sempre. Podemos também verificar que a necessidade de presença nas redes sociais é partilhada pelos estudantes que acedem a essas redes sociais por questões de hábito ou de rotina e têm normalmente um propósito de socialização. Deste modo, denominamos o primeiro motivo encontrado de **necessidade de presença social**.

Verificou-se que outro motivo que leva os estudantes a aceder aos *media* digitais ao longo das aulas está relacionado com o entretenimento. No tópico “Entretenimento” os estudantes referiram aceder a determinados conteúdos com a finalidade de se entreter, isto é, tirar fotografias ou até mesmo aceder ao *Snapchat*. Já no tópico “Partilha e acesso a conteúdos” verificámos que os estudantes recorrem aos dispositivos para partilhar ou aceder a determinados conteúdos. Inclusivamente alguns estudantes referiram aceder a notícias *online*, partilhar documentos ou aceder ao *e-mail*. Deste modo, considerámos que o motivo entretenimento e o motivo de partilha e acesso a conteúdos, quando os

estudantes referem aceder a notícias, têm de certo modo a mesma finalidade, aceder a conteúdos para se entreter ou se distrair. Assim, denominamos o segundo motivo encontrado de **entretenimento**. Importa referir que o motivo de partilha e acesso a conteúdos pode estar inserido no motivo de entretenimento e no motivo que iremos abordar mais à frente de auxílio às aulas.

Tivemos a oportunidade de verificar que a falta de interesse na matéria das aulas, referida no tópico “Falta de interesse na aula e/ou na matéria”, é também um motivo referido pelos estudantes do presente estudo. Os estudantes consideram alguns conteúdos aborrecidos e dizem ter pouco interesse em algumas das matérias das aulas. Indicam, inclusivamente, que essa falta de interesse leva-os a recorrer aos dispositivos móveis. No entanto, no tópico “Distração” os estudantes referem sentir necessidade de realizar pausas e de se distraírem. Assim, verificámos que a falta de interesse nas aulas e as razões pelas quais os estudantes indicam distrair-se estão associados a um afastamento temporário dos conteúdos programáticos. Pelo que denominamos o terceiro motivo encontrado de **falta de interesse nas aulas**.

Importa referir que nem todos os estudantes recorrem aos dispositivos móveis apenas para se afastar dos conteúdos das aulas. Na verdade, também tivemos oportunidade de verificar no tópico “Auxílio à aula/pesquisas” que alguns estudantes recorrem aos dispositivos para realizar pesquisas ou até mesmo para fazer apontamentos das aulas. Já no tópico “Para realizar trabalhos” os estudantes referiram recorrer aos dispositivos para terminar trabalhos de outras disciplinas ou das disciplinas em questão. Deste modo, denominamos o quarto motivo encontrado de **auxílio às aulas**. Neste motivo enquadra-se também a partilha e o acesso a conteúdos, quando, os estudantes referem partilhar documentos relacionados com a aula.

Por fim, como tivemos oportunidade de verificar no tópico “Comunicação”, os estudantes também recorrem aos seus dispositivos móveis no decorrer das aulas com a finalidade de comunicar. Inclusivamente, pudemos averiguar que os estudantes comunicam entre si através dos seus dispositivos. A importância da comunicação não está associada apenas à facilidade de comunicarem entre si, mas pela possibilidade de se poderem expressar sem sentir que são julgados. Também Turkle (2015) referiu este

fenómeno, as pessoas preferirem falar por SMS ao invés de falar presencialmente. Assim, denominamos o quinto e último motivo de **comunicação**.

#### 4.2.4 Motivos pelos quais os estudantes não acedem aos dispositivos móveis em contexto de sala de aula

Nem todos os estudantes consideram ser importante aceder aos dispositivos durante as aulas.

De modo a compreender os motivos que levam os estudantes em questão a não recorrer aos *media* digitais, questionámo-los e verificámos que, tal como refletido no gráfico seguinte, 4 estudantes consideram ser importante estar atento durante a aula, *“eu acho que estou mesmo a tentar estar atenta à aula”* (AN9). Já 3 estudantes têm em consideração a escolha do docente da disciplina, *“Nas aulas teóricas o professor não deixa nem ligar computadores nem usar os telemóveis”* (AN3) e 1 estudante refere não utilizar os *media* digitais porque tem interesse na matéria *“estou surpreendida, mas gosto. E então acabo por nem me aperceber que poderia (utilizar o telemóvel)”* (AN6).

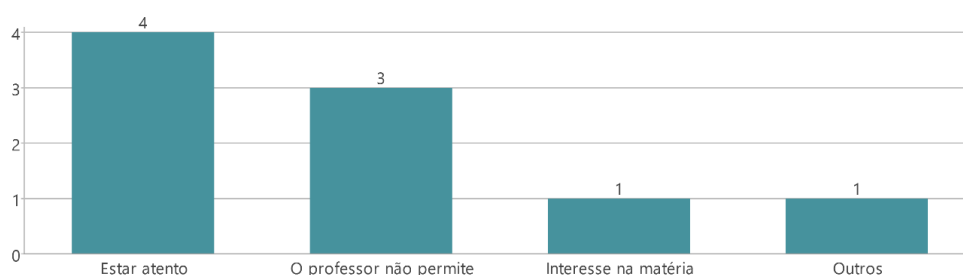


Gráfico 21 - Motivos para não aceder aos dispositivos na sala de aula.

Recorremos aos registos das observações para verificar se algum dos estudantes que afirmam não recorrer aos dispositivos móveis nas aulas o fazem e confirmámos que os estudantes em questão efetivamente não recorreram aos dispositivos móveis nas aulas. Há

apenas exceção do estudante AC7, que utilizou apenas numa aula o telemóvel, e do estudante AN3, que colocava o telemóvel em cima da mesa na maior parte das aulas, mas não verificámos qualquer utilização.

#### 4.2.5 Soluções para diminuição do uso dos dispositivos móveis durante as aulas

A última questão colocada aos estudantes estava relacionada com as possíveis soluções para que houvesse uma diminuição do uso dos dispositivos móveis durante as aulas.

No gráfico seguinte podemos verificar as soluções encontradas pelos estudantes em estudo.

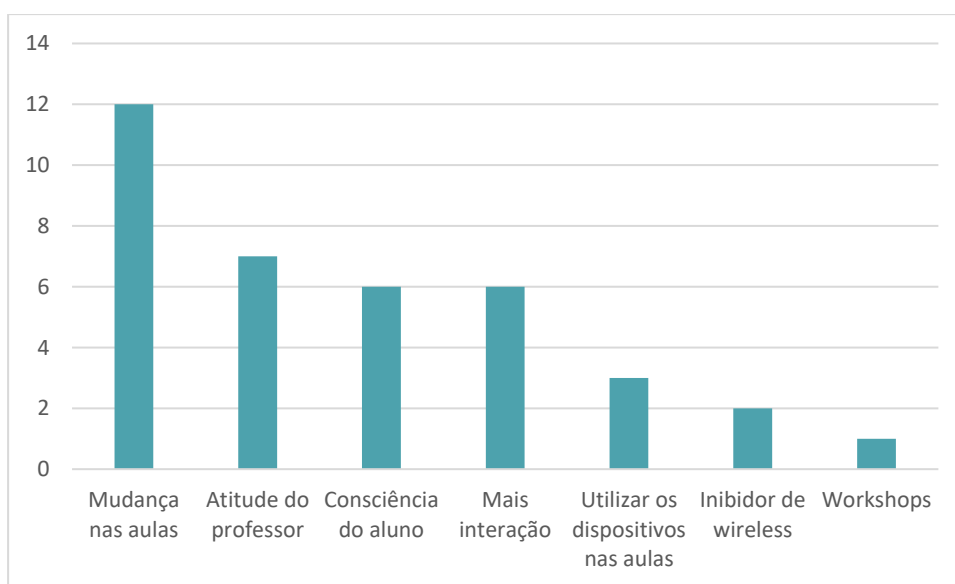


Gráfico 22 - Soluções dos estudantes para a diminuição do uso dos media digitais nas aulas.

Verificámos que são várias as soluções encontradas pelos estudantes para que o uso dos dispositivos móveis ao longo das aulas seja menor. A solução que foi referida com mais frequência foi a mudança no modo que as aulas são dadas. Ou seja, os estudantes referem que as aulas devem ser mais dinâmicas, interativas e práticas, *“É claro que se for uma aula mais dinâmica, mais prática, às vezes nós nem sequer temos tempo para usar o telemóvel.”*

(AC10); *“diria que as aulas não são (...) as aulas precisavam de ser mais interativas para cativar mais os estudantes”* (AC15).

Verificou-se, no entanto, que determinados estudantes referem que não é apenas a mudança no tipo de aula que poderá levar à diminuição do uso dos dispositivos. Segundo os entrevistados, é também necessário que os estudantes estejam dispostos a querer interagir nas aulas, *“haver mais interação, sim! Mas isso não é fácil, porque isso depende de nós, não é? Nós também temos de estar dispostos a responder e muitas vezes as pessoas não estão.”* (AC16); *“Eu acho que são as duas coisas. Uma coisa não interfere na outra. Acho que tem toda a responsabilidade do estudante em como ele introduz o dispositivo na sua vida e o uso que ele faz desse dispositivo (...) Então, claro que se vierem com aulas completamente num formato diferenciado, haverá um interesse maior e possivelmente isso contribuirá para um uso menor do dispositivo. Mas não acho que seja uma coisa que se alterando, alterará a outra.”* (AC14); *“Lá está, depende dos estudantes, dos professores se tiverem um tipo de aula que participem mais. Os professores fazerem mais uma discussão de ideias das matérias que são dadas de uma maneira mais animada ou com recursos diferentes e não só ler slides (...) há mais conexão com os estudantes (...). Agora se forem, exemplo de aulas em que só estejamos para um quadro a ler paredes de texto projetadas (...) os professores não conseguem prender a atenção dos estudantes.”* (AN11).

Apesar de alguns professores não permitirem o uso dos dispositivos móveis nas aulas, os estudantes referem que se existissem mais regras e atitudes mais rigorosas por parte dos docentes, isso poderia levar a uma diminuição do uso dos dispositivos no decorrer das aulas, *“Acho que, se calhar se houvesse uma proibição mais forte (...) Agora como se dá assim mais um bocado a benesse o pessoal abusa um bocado (...) Eu acho que pronto, o professor deve proibir ou chamar a atenção.”* (AC3); *“técnicas como o professor P2 (...) convida as pessoas a sair da aula...”* (AN1); *“como P2 faz. Dizer mesmo que não quero telemóveis na minha aula (...) É mais porque as pessoas como vêm que ele é uma boa pessoa e ajuda os estudantes, as pessoas por respeito não usam o telemóvel.”* (AN3).

No entanto, 6 estudantes consideraram que a diminuição do uso dos dispositivos móveis no decorrer das aulas deve-se essencialmente à consciência e à educação do estudante, *“A consciência. Eu acho que nada seria mais eficaz do que a consciência das*

*próprias pessoas.” (AC10); “No ensino superior acho que cada um já deve ter a sua... a sua consciência, que está ali para aprender.” (AC12); “Eu acho que isso já tem a ver com a nossa educação.” (AC6).*

Verificámos também que 6 estudantes consideraram que se existir uma maior interação entre o professor e o estudante no decorrer da aula, nomeadamente a realização de debates, isso poderá ser um fator determinante para que os estudantes não recorram aos dispositivos móveis nas aulas. O que de certo modo acaba por estar também relacionado com a mudança nas aulas, *“não ser aquela típica aula de estar só uns dispositivos e falando. Não. Se o professor criar ali mais uma discussão, uma troca de ideias, acaba por ser mais interessante” (AC3); “O debate com os professores é muito importante. Ou seja, porque o professor também vai seguir um guião, não é? E se vê que os estudantes estão distraídos pá... ele segue mesmo o guião e dá a matéria e está feito. Se ele vir que os estudantes têm realmente interesse, então também vai puxar dos conhecimentos dele, e vai ser mais homem e não vai ser tanto professor, assim como o estudante vai ser tanto mais jovem e não tanto estudante.” (AC15).* Outro estudante refere ainda que *“suponhamos que há um estudo que prevê que ao fim de 10 minutos o estudante já perdeu a atenção (...) de 10 em 10 minutos haver uma dinâmica, ou uma dinâmica com pergunta-resposta, um debate entre estudantes e professor” (AC16).*

Outra solução referida por 3 estudantes foi a possibilidade de os dispositivos móveis serem introduzidos nas aulas para que sejam realizadas pesquisas. Neste caso não haveria uma diminuição do uso dos dispositivos nas aulas mas os estudantes iriam utilizar apenas para fins educativos: *“Não sei o que fazer para não utilizarem, mas poderiam era integrar os dispositivos como auxiliares. Assim utilizariam em contexto de aula” (AC2).* Já a solução menos referida pelos estudantes foi limitar o acesso à Internet no decorrer das aulas, *“só se houvesse algum inibidor de rede no wifi...” (AN8); “só se fosse tipo uma aplicação específica que desse para.... Que restringisse o acesso à Internet naquele momento” (AN9).*

### 4.3 Apresentação dos resultados obtidos das entrevistas aos docentes

No que diz respeito aos docentes, foram realizadas 4 entrevistas a 4 docentes: 2 docentes lecionavam em ambos os ciclos de estudos e os restantes 2 docentes apenas o 2.º ciclo de estudos. Considerámos importante abranger os docentes que lecionavam nos dois ciclos de estudos, de modo a verificarmos se existiam diferenças nas suas atitudes para com os estudantes. O docente P1 lecionava a disciplina D1, o docente P2 lecionava as disciplinas D4 e D12, o docente P3 lecionava as disciplinas D2 e D12 e o docente P4 lecionava as disciplinas D3 e D5 como já se pôde verificar na Tabela 1 pág. 29.

Após analisarmos as 4 entrevistas realizadas aos docentes, verificámos que 1 docente permite que os estudantes do 1.º e 2.º ciclo de estudos utilizem os dispositivos móveis “*condicionalmente.*” (P1), 2 docentes não permitem que os estudantes do 1.º ciclo de estudos utilizem os dispositivos móveis e 1 docente informa na primeira aula que o uso dos dispositivos móveis nas aulas teóricas não é permitido em ambos os ciclos de estudos mas, caso os estudantes o façam sem perturbar a aula, o docente não intervém.

Deste modo, 2 docentes têm a mesma postura nos diferentes ciclos de estudos, ou seja, não permitem o acesso aos dispositivos móveis nas aulas e 2 docentes têm diferentes atitudes face aos estudantes do 1.º e 2.º ciclo de estudos. Estes últimos 2 docentes acreditam que os estudantes do 2.º ciclo são provavelmente mais responsáveis, recorrem com maior frequência aos dispositivos como auxílio às aulas e têm uma maior possibilidade de realizar multitasking, “*eu assumo que os de mestrado são um bocadinho mais responsáveis.*” (P2); “*No mestrado já sou mais permissivo sim (...) Admitindo que a pessoa tem uma maior capacidade de multitasking e de uma utilização mais regrada do dispositivo.*” (P3).

Questionámos os docentes se, ao informarem os estudantes que não podem utilizar os dispositivos móveis nas aulas, verificam que o uso dos dispositivos continua a ser frequente e todos os docentes afirmaram que sim. Segundo os entrevistados, a razão para o fazerem passa por várias questões. Os docentes consideram que os estudantes sentem a necessidade de estar *online* “*sensação de estarem ligados (...)* Acho que isso já está enraizado na vida deles” (P2); “*(...) são viciados naquela coisa, porque gostam de estar sempre online*” (P3), que os estudantes consideram que são capazes de realizar multitarefa,

*“acham que numa aula podem fazer várias coisas ao mesmo tempo, e as pessoas dividem a atenção, fazem processamento paralelo (...) acham que a aula é uma extensão desses espaços onde podem fazer muitas coisas”* (P1) e apenas um docente considerou que provavelmente os estudantes têm a capacidade de realizar outras tarefas simultaneamente *“(...) falo dos estudantes em particular, têm já uma capacidade grande de multitarefa. Portanto eu estar a olhar para o meu computador, não é exatamente impeditivo de eu estar a prestar atenção ou não estar com a atenção máxima”* (P4).

Os docentes apercebem-se do uso de dispositivos móveis pelos estudantes quando estes olham constantemente para a mesa ou para baixo, quando os estudantes não estão concentrados na aula ou ainda, porque *“se tiverem óculos, por exemplo, porque há o reflexo nas lentes, ou se estiver mais escuro, conseguimos perceber porque há o reflexo na cara”* (P2). Importa ainda referir que todos os docentes que não permitem o uso dos dispositivos, quando vêem que os estudantes utilizam os dispositivos, intervêm. Os 4 docentes partilham da opinião que os estudantes, quando utilizam os dispositivos móveis nas aulas, acedem essencialmente a conteúdos de entretenimento, nomeadamente à rede social *Facebook* e ao *YouTube*.

Questionámos se os docentes têm verificado diferenças no uso dos dispositivos móveis durante as aulas, ao longo dos últimos 5 anos. Verificámos que 3 docentes consideram que houve um aumento do uso dos dispositivos móveis, sendo que a evolução do *smartphone* e o acesso gratuito à internet foram fatores influentes neste aumento. Apenas um docente considerou que, nos últimos 5 anos, houve uma diminuição do uso dos dispositivos móveis ao longo das aulas, uma vez que os estudantes respeitam cada vez mais a decisão dos docentes quando estes lhes pedem que não utilizem os dispositivos em contexto de sala de aula.

Os docentes indicam que as possíveis soluções que poderão levar a que os estudantes acedam com menos frequência aos dispositivos móveis nas aulas dependem tanto dos docentes como dos estudantes. Estas estão relacionadas com o modo como os estudantes encaram as aulas, com a consciência dos estudantes e consideram que a proibição não é um fator influente. Um docente, em particular, considera que inserir os dispositivos móveis



como apoio à dinâmica de aula poderá ser uma solução, de modo a *“ter a tecnologia mais como aliada e não tanto como inimiga.”* (P4).

#### 4.4 Síntese dos resultados

A análise detalhada dos resultados permite-nos verificar que todos os estudantes possuem telemóvel e utilizam-no diariamente e os conteúdos a que os estudantes acedem com mais frequência, fora das aulas, são as redes sociais. Recorrem essencialmente ao telemóvel para estarem conectados de modo a poderem comunicar, partilhar e aceder a vários conteúdos por motivos de trabalhos e entretenimento.

Já dentro das aulas, os dispositivos que os estudantes utilizam com mais frequência são o telemóvel e o computador portátil e acedem essencialmente às redes sociais, fazem pesquisas através do motor de pesquisa, acedem a jogos, ao e-mail e à plataforma *e-learning*. Já as redes sociais que os estudantes mais acedem dentro e fora das aulas são o *Facebook*, o *Instagram* e o *Snapchat*.

Os estudantes consideram que existem tanto desvantagens como vantagens quando utilizam os dispositivos móveis nas aulas, uma vez que perdem a atenção, podem distrair-se e podem perder matéria. No entanto, as vantagens em utilizar os dispositivos móveis na aula passam pela realização de pesquisas, a possibilidade de tirar apontamentos e recorrer aos dispositivos como auxílio às aulas.

Verificámos também que o facto de a aula ser teórica implica uma maior utilização dos dispositivos móveis por parte dos estudantes e grande parte dos estudantes refere que o lugar onde se senta na sala não se reflete num maior uso dos dispositivos, apesar de se verificar que quanto mais atrás os estudantes se sentam, mais utilizam os dispositivos. Na opinião dos estudantes, apenas a tipologia das salas de aulas permite um maior uso dos dispositivos móveis.

Apesar de os docentes referirem que não permitem o uso dos dispositivos móveis no decorrer das aulas, grande parte dos estudantes não tem conhecimento dessa decisão. Alguns estudantes partilham da opinião de que, se o docente permitisse o uso dos dispositivos móveis nas aulas, os estudantes usariam mais, já outra parte considera que os

docentes devem permitir o uso dos dispositivos móveis nas aulas. Inclusivamente, alguns estudantes partilham da opinião que é um direito do estudante utilizar os dispositivos móveis ao longo das aulas.

Os motivos que levam os estudantes a aceder aos *media* digitais ao longo das aulas estão relacionados com a **necessidade de presença social**, uma vez que sentem a necessidade de estar ligados e atualizados por questões de hábito ou de rotina, por questões de **entretenimento**, **auxílio às aulas**, como meio de **comunicação** e por **falta de interesse** na matéria das aulas. No entanto nem todos os estudantes acedem aos dispositivos móveis ao longo das aulas. Os que não utilizam os dispositivos nas aulas justificam a sua escolha pelo interesse na matéria, por estarem atentos à aula e pelo facto de os docentes não permitirem o uso dos respetivos dispositivos.

Segundo a perspetiva dos estudantes, algumas mudanças na sala de aula têm de ser feitas de modo a que o acesso aos dispositivos móveis diminua. Essas mudanças passam pelo modo que as aulas são lecionadas, pelas aulas se tornarem mais interativas e dinâmicas e se existirem regras mais rígidas por parte dos docentes. Contudo, a necessidade de os estudantes serem mais conscientes, é também um fator influente na perspetiva destes, e referem ainda que a interação e o debate com os docentes poderá também levar à diminuição do uso dos dispositivos ao longo das aulas. Já os docentes referem que a proibição dos dispositivos móveis não é um fator influente para que haja uma diminuição do uso dos *media* digitais ao longo das aulas, mas sim o modo como os estudantes encaram as aulas.

Após analisarmos todas as entrevistas, obtivemos uma “nuvem de palavras” recorrendo ao *software* MAXQDA 12. Assim, excluímos algumas palavras, nomeadamente advérbios, proposições e conjunções como: “logo”, “já”, “lá”, “eu”, “eles”, “suas”, “que”, “e”, “se”, “quer”, “mas”, entre outras. Obtivemos então a seguinte nuvem de palavras que se pode observar na figura seguinte.



Figura 11 - Nuvem de palavras de todas as entrevistas realizadas.

Na imagem, quanto maior o tamanho da palavra na imagem, maior foi a frequência que a palavra foi referida nas entrevistas. Assim, analisando a figura anterior, podemos verificar que as quatro palavras com maior destaque são: “Facebook”, “aula”, “dispositivos” e “telemóvel”. Podemos também observar que as redes sociais *Instagram* e *Snapchat* têm uma importância relativa face ao *Facebook* bastante menos, tal como verificámos nas entrevistas e observação. Assim, do nosso ponto de vista, as palavras que com maior destaque coincidem, no nosso ponto de vista, com os termos mais relevantes com a presente investigação, já que verificou-se que o *Facebook* é a rede social mais acesada pelos estudantes nas aulas através do telemóvel.

Recorrendo ainda ao *software* MAXQDA 12, pudemos verificar o valor absoluto das palavras. Assim, na figura seguinte podemos verificar que a palavra “telemóvel” foi referida 467 vezes em todas as entrevistas, seguindo-se das palavra “aula”, “dispositivos”, “usar” e “professor” com valores de 401, 262, 260 e 193 vezes, respetivamente. Já a palavra *Facebook* foi referida 188 vezes ao longo de todas as entrevistas.

Motivações para o uso dos *media* digitais em contexto de sala de aula.

	Palavra	Comprimento ...	Frequência
◆	telemóvel	9	467
◆	aula	4	401
◆	dispositivos	12	262
◆	usar	4	260
◆	professor	9	193
◆	Facebook	8	188
◆	sala	4	151
◆	portátil	8	149
◆	dispositivo	11	133
◆	uso	3	130
◆	colegas	7	98

Figura 12 - Valor absoluto de algumas palavras da nuvem de palavras.

## CAPÍTULO V – CONCLUSÕES E PERSPETIVAS DE INVESTIGAÇÃO FUTURA

### 5.1 Conclusões

A presente investigação teve como objetivo principal conhecer as motivações que levam um grupo de estudantes do ensino superior a recorrer ao uso dos *media* digitais em contexto de sala de aula.

Para tal, desenvolveu-se um estudo de carácter qualitativo onde se recorreu à observação participante e despercebida de estudantes do 1º e 2º ciclos e, posteriormente, recorremos ao uso da entrevista semiestruturada junto dos estudantes e dos seus docentes. Importa ainda referir que o presente estudo não visou a generalização dos resultados aos estudantes do ensino superior, aplicando-se apenas aos estudantes que nele participaram.

Deste modo e tendo em conta a revisão de literatura referida no capítulo 2, verificou-se que existem diferentes autores que relatam o modo como atualmente os jovens se comportam quando estão perante o uso dos diferentes *medias*. Oliveira (2008), Plumridge (2013) e Turkle (2015) consideram que os novos *media* estão de certo modo a diminuir a paciência dos jovens. Por um lado, Turkle (2015) considera que os jovens já não são capazes de comunicar presencialmente sem a presença do telemóvel. Por outro lado, Carr (2010) partilha da opinião que, apesar da Internet facilitar a comunicação, isso não implica que deixemos de recorrer aos meios de comunicação tradicional. Neste sentido, no estudo realizado pudemos verificar que uma das motivações que levam os estudantes a utilizar os *media* digitais em sala de aula está relacionada com a comunicação. Estes estudantes referem sentir, inclusivamente, a necessidade de responder às mensagens que recebem e, se iniciarem uma conversa fora do contexto da aula, acabam por continuar essa mesma conversa em sala de aula.

Este comportamento levou-nos à conclusão que estes estudantes sentem uma necessidade associada de estarem ligados à Internet, que denominamos de necessidade de presença social. Como Kietzmann et al. (2011) referiram, através dos *media* sociais os utilizadores podem criar relações, reputação e, inclusivamente, criar uma presença, que do nosso ponto de vista, é de cariz social.

Tivemos oportunidade de verificar que os jovens partilham fotografias, IM, SMS, utilizam as diferentes redes sociais e que, inclusivamente, como alguns dos estudantes referiram, consideram-se “viciados” e “dependentes” dessas redes. Este facto vai de encontro à opinião de Boyd (2014) que acredita que os utilizadores de redes sociais são “dependentes” não pela utilização mas, pela necessidade que sentem em comunicar entre si. O que verificamos no presente estudo, na medida em que os estudantes mesmo quando iniciam conversas fora do contexto de sala de aula, acabam por continuá-las na sala de aula.

Observamos também que outra motivação para o uso dos *media* digitais está relacionada com o entretenimento. Estes estudantes tiram fotografias, acedem a notícias, partilham conteúdos com a finalidade de se entreter, o que vai ao encontro do que se verificou no tópico “Atividades com os *media* digitais”. As atividades *online* mais verificadas pelo Ofcom (2015) são o acesso aos *media* sociais, o acesso a notícias *online*, a jogos, entre outros.

Contudo, o acesso aos *media* digitais é também muitas vezes associada à falta de interesse que estes jovens demonstraram ter em algumas das matérias das aulas. Orzech et al. (2016) partilham da opinião que os estudantes universitários recorrem com frequência ao uso dos *media* digitais para realizar tarefas diárias, e que este uso acaba por interferir com outras atividades que pretendam realizar.

Por outro lado, os estudantes também utilizam os seus dispositivos como auxílio às aulas. Assim, corroboramos com a ideia da importância em educar para um uso conhecido e esclarecido dos *media*. Compreender que realizar escolhas informadas e adquirir novos conhecimentos provenientes das novas tecnologias da comunicação é importante e deve ser indispensável (Pinto et al., 2011).

Verificámos também que todos os docentes deste estudo não permitem o acesso aos *media*, principalmente quando estes não estão diretamente relacionados com as matérias das aulas. Contudo, e apesar de a maioria dos estudantes ter conhecimento, acabam por aceder. Hassoun (2014) no seu estudo verificou que os docentes têm algumas dúvidas se devem ou não permitir o uso dos dispositivos móveis ao longo das aulas, uma vez que estes admitem ser difícil averiguar o que os estudantes fazem realmente com os dispositivos. No mesmo estudo, o autor relata que um docente afirma que um estudante não tem a

obrigação de estar atento à aula toda, assim como os conteúdos que são lecionados não têm de ser obrigatoriamente interessantes. Deste modo, um estudante ao distrair-se momentaneamente, não implica que tenha perdido a aula na sua totalidade.

Em suma, consideramos que, ao abordarmos as motivações subjacentes ao uso dos *media* digitais em contexto de sala de aula, os estudantes em questão refletiram sobre o uso que fazem dos *media* nas aulas. Além disso, consideramos que o estudo apresenta-se como um contributo útil para os próprios docentes, na medida que permite que estes compreendam melhor as diferentes opiniões e comportamentos dos estudantes.

Com o presente estudo pudemos verificar o que para muitos é evidente: os jovens estão cada vez mais envolvidos com os *media* sociais e digitais. Aprender e educar para uma utilização moderada dos *media*, é no nosso ver importante, atualmente. Encaminhar os estudantes para um uso ponderado deve começar o mais cedo possível na vida dos estudantes.

## 5.2 Limitações do estudo

Como já foi referido, o presente estudo utilizou uma abordagem predominantemente qualitativa. Quando optamos por investigações qualitativas e por recolher dados através de observações e de entrevistas sabemos, *a priori*, que a análise dos dados poderá ser um processo algo complexo e demorado. De facto, a categorização dos dados das entrevistas sofreu várias alterações ao longo de todo o processo, o que tornou a análise mais demorada.

Na análise dos resultados (no Capítulo IV) apenas destacámos as diferenças de comportamentos entre os estudantes do 1.º e 2.º ciclo quando considerámos relevantes. Importa ainda referir que não tivemos em conta se existiam diferenças de comportamento segundo o género dos estudantes tendo, inclusivamente nas entrevistas apenas questionado os estudantes sobre a sua idade e o ciclo de estudos.

Ao longo das observações tornou-se difícil, por vezes, verificar os comportamentos dos estudantes sem que estes percebessem que estavam a ser observados. Também alguns

comportamentos passaram despercebidos à investigadora. Hassoun (2014) referiu no seu estudo que os professores admitem ser difícil verificarem o que os estudantes realmente fazem com os seus telemóveis quando estão na sala de aula. Assim, realçamos que no papel de investigadora, deparámo-nos com algumas dificuldades, em determinados momentos, em verificar o comportamento exato dos estudantes quando recorrem aos seus dispositivos.

Apesar das observações terem sido divididas em duas partes, como já referimos, isso foi importante para a investigadora para que conhecesse a turma e compreendesse a atitude que devia ter posteriormente. Assim, como os estudantes se sentavam nos mesmos lugares, a investigadora poderia ter estado mais familiarizada com estes e poderia ter abrangido um maior número de estudantes observados. Inclusivamente, se as observações tivessem ocorrido apenas no 1.º semestre, no 2.º semestre a investigadora poderia ter tido a possibilidade de entrevistar um maior número de estudantes e assim aumentar o número de participantes do seu estudo.

Destacamos ainda que o número de participantes do estudo é pequena e não é representativa dos estudantes do ensino superior, uma vez que apenas estudamos os comportamentos de duas turmas da área de Ciências e Tecnologias da Comunicação da Universidade de Aveiro. Assim, não podemos saber qual o comportamento de outros estudantes de outras áreas de estudos.

Por fim, importa referir que este estudo incidiu apenas nas aulas teóricas. Assim, não conhecemos o comportamento dos estudantes quando têm de estar perante o uso dos *media* para fins educativos. Terão o mesmo comportamento? Será que poderíamos verificar que quando os estudantes estão perante aulas práticas e ocupados com trabalhos têm comportamentos diferentes aos verificados no presente estudo?

### 5.3 Perspetivas de investigação futura

Tendo em conta o presente estudo, a sua continuidade poderá ser alcançada com diferentes abordagens. Seria interessante compreender se existem diferenças de



comportamento entre os estudantes do género feminino e masculino. Poderão os estudantes do género masculino recorrer ao uso de jogos e os estudantes do género feminino recorrer ao uso das redes sociais? Poderia também ser importante compreender se existem diferenças de comportamento no uso dos dispositivos móveis pelos estudantes de outras áreas de estudos e não apenas dos estudantes da área científica de Ciências e Tecnologias da Comunicação e, ainda, se o acesso aos dispositivos móveis durante as aulas têm impacto no desempenho académico dos estudantes.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, P. (2014). Literacia digital na web 2.0/3.0: investigação e educação em redes sociais e semânticas. *Atas Do 2º Congresso "Literacia, Media E Cidadania."*
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa.
- Boyd, D. (2014). *It's Complicated: the social lives of networked teens*. Retrieved from <http://www.danah.org/books/ItsComplicated.pdf>
- Boyd, D. M., & Ellison, N. B. (2007). Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(1), 210–230. <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>
- Bright, L. F., Kleiser, S. B., & Grau, S. L. (2015). Too much Facebook? An exploratory examination of social media fatigue. *Computers in Human Behavior*, 44, 148–155. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.11.048>
- Brown, J. S. (2000). Growing up digital - How The Web Changes Work, Education, and the Ways People Learn. Retrieved December 28, 2015, from [http://www.johnseelybrown.com/Growing\\_up\\_digital.pdf](http://www.johnseelybrown.com/Growing_up_digital.pdf)
- Buckingham, D. (2007). Digital Media Literacies : rethinking. *Research in Comparative and International Education*, 2(1), 43–55. <https://doi.org/10.2304/rcie.2007.2.1.43>
- Cardoso, G., Mendonça, S., Paisana, M., & Lima, T. (2015). A Internet e o consumo de notícias online em Portugal. *OberCom*, 1–46. <https://doi.org/2182-6722>
- Carmo, H. D. de A. e, & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Universidade Aberta Portugal. Retrieved from <http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Metodologia+da+Investigação+o:+Guia+para+Auto-Aprendizagem#0%5Cnhttp://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Metodologia+da+investigação+o:+Guia+para+auto-aprendizagem#0>
- Carr, N. (2010). *Os superficiais - o que a internet está a fazer aos nossos cérebros*. <https://doi.org/350044/2012>
- Chen, X., Sin, S. C. J., Theng, Y. L., & Lee, C. S. (2015). Why Students Share Misinformation on Social Media: Motivation, Gender, and Study-level Differences. *Journal of Academic*

- Librarianship*, 41(5), 583–592. <https://doi.org/10.1016/j.acalib.2015.07.003>
- Clayson, D. E., & Haley, D. a. (2012). An introduction to multitasking and texting: Prevalence and impact on grades and GPA in marketing classes. *Journal of Marketing Education*, 35(1), 26–40. <https://doi.org/10.1177/0273475312467339>
- Coutinho, C. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e prática*.
- Couto, A. (2015). *Redes Sociais: Utilização e Motivações*. Universidade de Coimbra. Retrieved from <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/29119>
- Craveiro, M. (2007). “Formação em contexto : um estudo de caso no âmbito da pedagogia da infância.” Universidade do Minho. Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7085>
- Cutrell, E., Czerwinski, M., & Horvitz, E. (2001). Notification, Disruption, and Memory: Effects of Messaging Interruptions on Memory and Performance. *Conference on Human Computer Interaction Interact 2001*, (1999), 263–269.
- Fernandes, E. M., & Maia, Â. (2001). Grounded Theory. In C. de E. em E. e Psicologia (Ed.), *Grounded Theory* (p. 28). Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4209>
- Gilbert, N. (1993). *Researching social life*. SAGE Publications.
- Grupo Marktest. (2014). 2 milhões de portugueses jogam *online*. Retrieved January 17, 2016, from <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~1df3.aspx>
- Grupo Marktest. (2015a). Maioria usa smartphone. Retrieved December 22, 2015, from <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~1f2a.aspx>
- Grupo Marktest. (2015b). Os Portugueses e as Redes Sociais 2015. Retrieved January 16, 2016, from <http://www.marktest.com/wap/a/grp/p~96.aspx>
- Hassoun, D. (2014). “All over the place”: A case study of classroom multitasking and attentional performance. *New Media & Society*, 1461444814531756-. <https://doi.org/10.1177/1461444814531756>
- Junco, R. (2012a). In-class multitasking and academic performance. *Computers in Human Behavior*, 28(6), 2236–2243. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2012.06.031>
- Junco, R. (2012b). Too much face and not enough books: The relationship between multiple

- indices of *Facebook* use and academic performance. *Computers in Human Behavior*, 28(1), 187–198. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2011.08.026>
- Junco, R., & Cotten, S. R. (2011). Perceived academic effects of instant messaging use. *Computers and Education*, 56(2), 370–378. <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2010.08.020>
- Junco, R., & Cotten, S. R. (2012). No A 4 U: The relationship between multitasking and academic performance. *Computers and Education*, 59(2), 505–514. <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2011.12.023>
- Kaplan, A. M., & Haenlein, M. (2010). Users of the world, unite! The challenges and opportunities of Social Media. *Business Horizons*, 53(1), 59–68. <https://doi.org/10.1016/j.bushor.2009.09.003>
- Kietzmann, J. H., Hermkens, K., McCarthy, I. P., & Silvestre, B. S. (2011). Social media? Get serious! Understanding the functional building blocks of social media. *Business Horizons*, 54(3), 241–251. <https://doi.org/10.1016/j.bushor.2011.01.005>
- Kirschner, P. a., & Karpinski, A. C. (2010). *Facebook*® and academic performance. *Computers in Human Behavior*, 26(6), 1237–1245. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.03.024>
- Lambert, D. (1997). Improving Your Concentration. Retrieved October 17, 2016, from <https://www.k-state.edu/counseling/topics/career/concentr.html>
- Lenhart, A. (2015). Teens, Social Media & Technology Overview 2015. Retrieved December 12, 2015, from <http://www.pewinternet.org/2015/04/09/teens-social-media-technology-2015/>
- Lopes, P. (2011). Literacia Mediática e Cidadania . Perfis de estudantes universitários da Grande Lisboa : Enquadramento teórico-conceptual , questões metodológicas e operacionais. *Congresso Nacional “Literacia, Media E Cidadania,”* 449–462.
- Madell, D. E., & Muncer, S. J. (2007). Control over social interactions: an important reason for young people’s use of the Internet and mobile phones for communication? *Cyberpsychology & Behavior : The Impact of the Internet, Multimedia and Virtual Reality on Behavior and Society*, 10(1), 137–140. <https://doi.org/10.1089/cpb.2006.9980>

- Manasijevic, D., Zivkovic, D., Arsic, S., & Milosevic, I. (2016). Exploring students' purposes of usage and educational usage of *Facebook*. *Computers in Human Behavior*, 60, 441–450. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.02.087>
- Mayer, R. E., & Moreno, R. (2003). Nine ways to reduce cognitive load in multimedia learning. *Educational Psychologist*, 38(1), 43–52. [https://doi.org/10.1207/S15326985EP3801\\_6](https://doi.org/10.1207/S15326985EP3801_6)
- McFarlane, D. C. (1998). Interruption of People in Human-Computer Interaction. *Engineering and Applied Science, Ph.D.*(May 1990), 308. Retrieved from <http://www.interruptions.net/literature/McFarlane-Dissertation-98.pdf>
- Michelon, P. (2006). What are Cognitive Abilities and Skills, and How to Boost Them? Retrieved October 17, 2016, from <http://sharpbrains.com/blog/2006/12/18/what-are-cognitive-abilities/>
- Monteiro, A. (2013). *“Tem é de ser de mim”: Novas tecnologias, riscos e oportunidades na perspectiva das crianças*. Universidade do Minho. Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/29146>
- Monteiro, D., Almeida, F., & Campos, J. (2014). Comunicação 2.0.Como o poder da web influencia decisões e desafia modelos de negócio. Retrieved January 16, 2016, from [https://books.google.pt/books?id=mro8BQAAQBAJ&pg=PT108&hl=pt-PT&source=gbs\\_selected\\_pages&cad=3#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=mro8BQAAQBAJ&pg=PT108&hl=pt-PT&source=gbs_selected_pages&cad=3#v=onepage&q&f=false)
- Neri de Souza, F., & Moreira, A. (2010). Perfis de Questionamento em Contextos de Aprendizagem Online. *Revista Iberoamericana de Informática Educativa*, 15–25. <https://doi.org/10.1699-4574>
- Ofcom. (2015). *Adults' media use and attitudes report*. Retrieved from <http://stakeholders.ofcom.org.uk/market-data-research/media-literacy/media-literacy-research/adults-2013/>
- Oliveira, L. (2008). *APRENDIZAGEM PARA DISPOSITIVOS MÓVEIS: INICIAÇÃO AO M-LEARNING*. Universidade Federal de Santa Maria.
- Orzech, K. M., Grandner, M. A., Roane, B. M., & Carskadon, M. A. (2016). Digital media use in the 2 h before bedtime is associated with sleep variables in university students. *Computers in Human Behavior*, 55, 43–50. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.08.049>

- Park, N., Kim, Y. C., Shon, H. Y., & Shim, H. (2013). Factors influencing smartphone use and dependency in South Korea. *Computers in Human Behavior*, 29(4), 1763–1770. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.02.008>
- Paul, J. A., Baker, H. M., & Cochran, J. D. (2012). Effect of *online* social networking on student academic performance. *Computers in Human Behavior*, 28(6), 2117–2127. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2012.06.016>
- Pinto, M., Pereira, S., Pereira, L., & Ferreira, T. D. (2011). *Educação para os Media em Portugal: experiências, actores e contextos*. Retrieved from <http://www.erc.pt/download/YToyOntzOjg6ImZpY2hlaXJvIjtzOjM4OiJtZWRpYS9lc3R1ZG9zL29iamVjdG9fb2ZmbGluZS80Mi4xLnBkZil7czo2OiJ0aXR1bG8iO3M6NTA6ImVzdHVkby1lZHVjYWVhby1wYXJhLW9zLW1lZGlhLWVtLXBvcnR1Z2FsLXZlcnNhby1wljt9/es-tudo-educacao-para-os-media-em-portugal-v>
- Pires, M. da C., & Carvalho, J. A. B. (2014). O recurso aos *media* em contexto escolar e o seu papel na tomada de consciência de modos distintos de comunicar em sociedade. *Atas Do 2º Congresso “Literacia, Media E Cidadania,”* 781–795.
- Plumridge, N. (2013). Is the internet destroying our attention span? Retrieved from <http://psychminds.com/is-the-internet-destroying-our-attentions-span/>
- Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Immigrants. *MCB University Press, Vol. 9 No. 5*, 9(No. 5), 1–6. <https://doi.org/10.1108/10748120110424816>
- Prensky, M. (2011). Intro. *From Digital Natives to Digital Wisdom : Hopeful Essays for 21st Century Education (Corwin 2012)*, 1–9. Retrieved from [http://marcprensky.com/writing/Prensky-Intro\\_to\\_From\\_DN\\_to\\_DW.pdf](http://marcprensky.com/writing/Prensky-Intro_to_From_DN_to_DW.pdf)
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. Van. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (G. Valente, Ed.). <https://doi.org/270996/2008>
- Sana, F., Weston, T., & Cepeda, N. J. (2013). Laptop multitasking hinders classroom learning for both users and nearby peers. *Computers and Education*, 62, 24–31. <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2012.10.003>
- Sánchez-Rodríguez, J., Ruiz-Palmero, J., & Sánchez-Rivas, E. (2015). Uso problemático de las redes sociales en estudiantes universitarios Problematic use of social networks in university students. *Revista Complutense de Educación Núm. Especial*, 159(26), 1130–

2496. [https://doi.org/10.5209/rev\\_RCED.2015.v26.46360](https://doi.org/10.5209/rev_RCED.2015.v26.46360)
- Smith, R. (2013). What is Digital Media? Retrieved January 2, 2016, from <http://thecdm.ca/news/faculty-news/2013/10/15/what-is-digital-media>
- Srivastava, L. (2005). Mobile phones and the evolution of social behaviour. *Behaviour & Information Technology*, 24(2), 111–129. <https://doi.org/10.1080/01449290512331321910>
- Strauss, A., & Corbin, J. (2008). *Pesquisa Qualitativa - Técnicas e Procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. (Artmed, Ed.) (Porto Aleg).
- Tapscott, D. (1999). Educating the Net generation. *Educational Leadership*, 56(5), 6–11. Retrieved from [internal-pdf://93.209.150.13/Tapscott 1999.pdf](internal-pdf://93.209.150.13/Tapscott%201999.pdf).Ink
- Turkle, S. (2015). Stop Googling , Let ' s Talk . Retrieved from [http://www.nytimes.com/2015/09/27/opinion/sunday/stop-googling-lets-talk.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2015/09/27/opinion/sunday/stop-googling-lets-talk.html?_r=0)
- Weigel, M., James, C., & Gardner, H. (2009). Learning: Peering Backward and Looking Forward in the Digital Era. *IJLM*, 1, 17. <https://doi.org/10.1162/ijlm.2009.0005>
- Weimer, M. (2015). How Concerned Should We Be About Cell Phones in Class? Retrieved September 30, 2016, from <http://www.facultyfocus.com/articles/teaching-professor-blog/how-concerned-should-we-be-about-cell-phones-in-class/>
- White, D., & Cornu, A. (2011). Visitors and Residents: A new typology for online engagement. *Peer-Reviewed*, 16(9), 1–10. <https://doi.org/doi:10.5210/fm.v16i9.3171>.
- Wu, J.-Y. (2015). University students' Motivated Attention and use of regulation strategies on social media. *Computers & Education*, 89, 75–90. <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2015.08.016>